



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

BRASILDARTE:

Anteprojeto de residência artística com *hostel* em Maceió, Alagoas

Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo

KATHLEEN DIEUX FUZARO BORTOLIN
DIANA HELENE RAMOS

MACEIÓ
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

BRASILDARTE:

Anteprojeto de residência artística com *hostel* em Maceió, Alagoas

Trabalho Final de Graduação
apresentado ao Curso de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade Federal
de Alagoas, Campus A. C. Simões,
orientado pela Prof.^a Dra. Diana
Helene Ramos, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

KATHLEEN DIEUX FUZARO BORTOLIN

Maceió, AL
Fevereiro de 2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Livia Silva dos Santos CRB - 1670

B739b Bortolin, Katheen Dieux Fuzaro
Brasilarte: anteprojeto de residência artística com hostel em Maceió, Alagoas /
Katheen Dieux Fuzaro Bortolin, Diana Helene Ramos. – 2023.
84 f.:il.

Orientadora: Diana Helena Ramos.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió,
2023.

Bibliografia: f. 82-84

1. Hostel - Maceió. 2. Centro cultural. 3. Residências artísticas. I. Ramos, Diana
Helene. II. Título.

CDU: 728.5(813.5)

RESUMO

O trabalho tem como tema central a elaboração de uma edificação de uso misto de residência artística e hostel, no nível de anteprojeto, com a premissa da experiência de intercâmbio cultural, intelectual e artístico buscando com a residência artística, valorizar e incentivar o desenvolvimento das artes plásticas da região, garantindo um espaço de estudo, prática, divulgação e trocas multiculturais entre artistas de fora e dos artistas locais, enquanto a área de hotelaria garantirá ao projeto sua viabilidade financeira. A ideia é fruto de uma experiência pessoal de vivência como artista permeando os espaços de hospitalidade dos hostels, onde pude com a vivência elencar as necessidades como uma artista, como uma viajante e como uma artista nômade utilizando esses locais. Tem-se como problemática a conjugação de um espaço de residência artista, possuindo ateliês coletivos e individuais a um hostel, garantindo um espaço de comunicação e trocas entre as duas áreas, pois nas residências artísticas os usuários buscam encontrar inspiração, trocas de ideias e de vivência com outros artísticas residentes, contato com produções culturais de diferentes referências e regiões etc. Nesse sentido, o hostel tem o objetivo de atrair também usuários itinerantes de diversas regiões que podem contribuir para a experiência de troca cultural que o projeto se propõe a oferecer. Para realização do projeto foi realizado um estudo acerca dos parâmetros legais, código de obras, normas previstas para albergues, da hospitalidade inerente dos albergues e dos conceitos de residência artística. Em seguida foi escolhido o terreno mais adequado a proposta na cidade de Maceió - AL, feita as análises ambientais e legais para a implantação do projeto, feito o programa de necessidades e o pré dimensionamento para então começar o desenvolvimento do anteprojeto que foi feito a partir da sua volumetria, que se tornou parte importante da proposta, resultando em uma edificação de um pavimento com utilização dos cheios e vazios no paisagismo interno composto de uma grande coberta escultural em madeira com tensionamento feito por cabos de aço, que cobre a área proposta para elaboração de eventos e participação de moradores da cidade nos projetos da residência com o objetivo de desenvolver a proposta arquitetônica contemplando reflexões sobre o contexto local de produção artístico-cultural.

PALAVRAS-CHAVE: residência artística, hostel, centro de cultura.

ABSTRACT

The work has as its central theme the elaboration of a mixed-use building of artistic residency and hostel, at the level of the preliminary project, with the premise of the experience of cultural, intellectual and artistic exchange seeking to value and encourage the development of the plastic arts of the region, ensuring a space for study, practice, dissemination and multicultural exchanges between outside artists and local artists while the hotel area will guarantee the project its financial viability. The idea is the result of a personal experience as an artist permeating the hospitality spaces of the hostiles, where I could with the experience list the needs as an artist, as a traveler and as an artist traveling using these places. The problem is the combination of an artist residence space, having collective and individual workshops to a hostel, ensuring a space of communication and exchanges between the two areas, because in artistic residencies users seek to find inspiration, exchanges of ideas and experience with other artistic, contact with cultural productions of different references and regions, in this sense the hostel also attracts itinerant users from various regions who can contribute to the experience of cultural exchange that the project proposes to offer. It began with a study about the legal parameters, code of works, standards provided for hostels and the concepts of artistic residence and the inherent hospitality of the hostels. Then was chosen the land, made the environmental and legal analyses for the implementation of the project in the city of Maceió - AL, made the needs program and the pre-sizing to then begin the development of the projector from its volumetry, which became an important part of the proposal, resulting in a one floor building using the full and empty composed of a large covered wood carving with tensioning made by steel cable, which covers the proposed area for the preparation of events and participation of city dwellers in the projects of the residence with the objective of developing the architectural proposal contemplating reflections on the local context of artistic-cultural production.

KEYWORDS: artistic residence, hostel, culture center.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Esquema da rota do meu mochilão pelo Brasil	11
Figura 2	Quadro de atividades semanais do hostel Lagarto na Banana, em Pipa, Rio Grande do Norte	23
Figura 3	Terreno na Av. Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito, Cruz das Almas, Maceió	30
Figura 4	Vista central da fachada leste do terreno, na Av. Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito	31
Figura 5	Fachadas leste e sul do terreno vistas da Av. Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito	32
Figura 6	Fachadas leste e norte do terreno vistas da Av. Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito	32
Figura 7	Rosa dos ventos com relação à frequência (esq.) e velocidade (dir.)	33
Figura 8	Simulação do solstício de verão às 9h00 e simulação do solstício de inverno às 9h00	34
Figura 9	Simulação do solstício de verão às 12h00 e simulação do solstício de inverno às 12h00	34
Figura 10	Simulação do solstício de verão às 15h00 e simulação do solstício de inverno às 15h00	35
Figura 11	Esquema em planta baixa de simulação de ventilação na edificação	36
Figura 12	Esquema em planta baixa de simulação de ventilação nos ateliês	37
Figura 13	Esquema em planta baixa de simulação de ventilação nos quartos da hotelaria	37
Figura 14	Mapa de uso do solo e atividades do entorno do terreno	40
Figura 15	Fluxo viário, recorte Cruz das Almas, entorno do terreno, sexta-feira, 8h00 e sexta-feira 12h00	41
Figura 16	Fluxo viário, recorte Cruz das Almas, entorno do terreno, segunda-feira 19h00 e sábado 8h00	41
Figura 17	Volumetria da edificação	44
Figura 18	Esquema estrutural das duas estruturas de cobertura da edificação	45

Figura 19	Esquema da estrutura em concreto armado	46
Figura 20	Esquema estrutural da cobertura de vigas de madeira	47
Figura 21	Esquema estrutural dos tirantes e cabos de aço da estrutura tensionada	48
Figura 22	Planta baixa do projeto	49
Figura 23	Imagem da área aberta interna da edificação	50
Figura 24	Imagem da área aberta interna da edificação	50
Figura 25	Imagens do Quarto 1, Quarto 3 e Quarto 6	51
Figura 26	Imagem da área externa da edificação	52
Figura 27	Imagem da área interna com as paredes expositivas, com possibilidade de instalação de obras, quadros e elaboração de grafite e murais	53
Figura 28	Imagem da área interna com a vitrine expositiva	53
Figura 29	Imagem da conexão da sala comunitária com o ateliê coletivo	54
Figura 30	Imagem do jardim privado a norte	55
Figura 31	Imagem da marquise curva fazendo composição com a estrutura externa	56
Figura 32	Imagem da área das esquadrias da hotelaria ao sul, com vista para o recuo e a vegetação de proteção das esquadrias	57
Figura 33	Imagem da perspectiva interna com vista para o mar das áreas comuns	57
Figura 34	Imagem da fachada leste com os panos de vidro	58
Figura 35	Imagem das fachadas norte e oeste com espaço previsto para paisagismo e plantio de espécies arbóreas	59
Figura 36	Fluxograma e setorização inicial do projeto	60
Figura 37	Segunda proposta de fluxograma e setorização do projeto	60
Figura 38	Fluxograma final do projeto	61
Figura 39	Croqui inicial da implantação dos ambientes do projeto	62
Figura 40	Setorização do projeto	63
Figura 41	Esquema com atividades exercidas no projeto	64
Figura 42	Imagem da área externa da edificação mostrando as formas curvas utilizadas na cobertura e no fechamento da parede norte	65

Figura 43	Imagem da área interna da edificação mostrando a angulação dos perfis em madeira	66
Figura 44	Planta falada do quarto 1 com descrição do mobiliário	69
Figura 45	Imagem do mobiliário do Quarto 1	69
Figura 46	Planta falada do Quarto 4 com descrição do mobiliário	70
Figura 47	Imagem do mobiliário do Quarto 4 com descrição do mobiliário	70
Figura 48	Planta falada do Quarto 5 com descrição do mobiliário	71
Figura 49	Imagem do mobiliário do Quarto 5	71
Figura 50	Planta falada do Quarto 6 com descrição do mobiliário	72
Figura 51	Imagem do mobiliário do Quarto 4	72
Figura 52	Planta falada dos ateliês privativos da residência artística	74
Figura 53	Imagem do mobiliário dos ateliês da residência artística	74
Figura 54	Planta baixa do ateliê coletivo	76
Figura 55	Imagem do mobiliário dos ateliê coletivo	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS	12
1.1.1	Uma mirada histórica pelas residências artísticas	13
1.1.2	Perspectiva contemporânea	13
1.2	HOSTELS	15
1.2.1	A origem dos albergues	16
1.2.2	A tipologia hostel	17
2	JUSTIFICATIVA	19
2.1	DESCRIÇÃO DA PROBLEMÁTICA	19
3	METODOLOGIA	25
4	DEFINIÇÕES DE PROJETO	26
4.1	ESCOLHA DO TERRENO	26
4.1.1	Características do terreno	30
5	CLIMA	33
5.1	ESTUDO DA INSOLAÇÃO NO PROJETO	33
5.2	ESTUDO DA VENTILAÇÃO NO PROJETO	36
6	USO DO SOLO E OCUPAÇÃO	39
6.1	LEI DE USO DO SOLO E OCUPAÇÃO	39
6.2	USO DO SOLO E ATIVIDADES EXISTENTES NO ENTORNO IMEDIATO	40
7	ANÁLISE DA HIERARQUIA VIÁRIA	41
8	MEMORIAL DO PROJETO	43
8.1	IDEIA GERADORA	43
8.2	CONCEITO	43
8.3	PARTIDO	43
8.4	DIRETRIZES PROJETUAIS	44
8.4.1	Definição da população fixa e variável	45
8.5	ESTRUTURA DA EDIFICAÇÃO	45
8.6	ASPECTOS FUNCIONAIS	48
8.7	FLUXOS E SETORIZAÇÃO	59
8.8	ASPECTOS ESTÉTICOS COMPOSITIVOS	65

8.9	MOBILIÁRIO ESPECÍFICO	66
8.9.1	Unidades do hostel	66
8.9.2	Ateliês dos residentes artísticos	72
8.9.3	Ateliê coletivo	75
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

A ideia é fruto de uma experiência pessoal de vivência como artista permeando os espaços de hospitalidade dos hostels. Durante todo o ano de 2021 decidi fazer um mochilão pelo Brasil enquanto aprimorava minha técnica como artista muralista. Durante esse processo de vivência como artista, percebi as potências dos intercâmbios gerados pelos encontros sociais e pelos estímulos diversos de cultura de cada lugar que eu passei e que cada pessoa trazia consigo. Ao mesmo tempo pude, com a vivência, elencar as necessidades como uma artista, como uma viajante e como uma artista nômade utilizando esses locais. Existem diversas carências que não são compatíveis com a realidade de hospedagem, que comporta o trabalho de um artista, que busco superar com o projeto Brasilidartes e também pensar o espaço sob uma perspectiva contemporânea do nômade digital. Esse tempo foi também marcado pelos meus últimos períodos da graduação, que na época estavam funcionando em formato de ensino a distância (EAD), então pude perceber a carência de infraestrutura para a realização de tarefas cotidianas para aqueles hóspedes que trabalham ou estudam digitalmente nas hotelarias das quais me alojei.

A minha viagem começou no estado do Paraná, passando pela cidade de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Maceió, Natal, Pipa — cidade na qual fiquei por mais tempo e que pude conhecer mais pessoas que viviam a realidade do nomadismo digital, e onde pude notar, a partir de conversas e trocas de experiências, que essas carências de infraestrutura para trabalho remoto eram presentes também em Hostels diversos que não tive a experiência de me hospedar —, Fortaleza, Jericoacoara, Barreirinhas — cidade próxima as dunas dos lençóis maranhenses —, e São Luiz do Maranhão.

Figura 1: Esquema da rota do meu mochilão pelo Brasil



Fonte: elaboração autoral (2022).

Durante esse processo eu tinha como objetivo continuar minha produção artística e viajar pelo país, sem saber qual seria a consequência dessa relação viagem/produção artística. E já no começo da minha viagem tive a sorte de dividir alguns dias no hostel com uma artista que fazia alguns trabalhos de muralismo e era tatuadora há algum tempo, diferente de mim, que na época estava começando minha carreira com a arte. Esse encontro me rendeu dicas sobre como eu poderia usufruir da minha habilidade de produzir arte durante a viagem, como por exemplo, entrar em contato com hotelarias para trocar minha arte por hospedagem. Além disso, criamos uma obra de arte juntas, experiência com a qual pude aprender técnicas de mistura de tinta e mostrei minha técnica com o *marker* na elaboração de murais, que a deixou entusiasmada.

Depois desse encontro passei um tempo em Pipa, onde tive a oportunidade de fazer diversas obras de arte em locais diferentes, em hostels e também em outros estabelecimentos. Assim eu produzi também placas e pequenos quadros nas áreas comuns dos hotéis, gerando reações positivas nos usuários, que muitos, de tão empolgados, quiseram também participar desses projetos. Durante o processo de

troca da minha produção em arte por hospedagem encontrei outros viajantes que me encorajaram a continuar com essa prática e procurar outros estabelecimentos, para continuar minha trajetória. Desde o começo da graduação em Arquitetura aprendemos a compreender que tudo que vivemos, vemos e experimentamos se torna parte do nosso repertório pessoal, que nos permite abrir mais portas para a criatividade, e cada cidade em que passei, com suas paisagens diferentes, suas vivências, suas cores, técnicas construtivas, soluções e identidades visuais influenciam cada vez mais minha produção artística, que expande horizontes. Essa foi uma das coisas que eu já previa da minha experiência, visto que viajar para Maceió para iniciar minha formação como arquiteta e urbanista me trouxe muito essa forma de ver o mundo.

Porém, essas trocas e interações pessoais, ocorridas no caminho, iam trazer significação para minha viagem e para o rumo da minha carreira artística. As experiências de cada artista e como é a realidade do ambiente de trabalho dessa profissão, a inspiração pessoal de poder ver pessoas que também são artistas e dividir histórias da experiência de cada um, vendo diferentes perspectivas e, ao mesmo tempo, prevendo diversas outras coisas que podem acontecer. Essa foi a parte que eu não previ da viagem e que foi, sem dúvidas, a mais significativa.

Nesse período descobri o conceito de residência artística e compreendi que a falta de equipamentos, estrutura, mobiliário e espaço para a criação durante a viagem, que será detalhadamente discutido mais à frente neste trabalho, que antes parecia uma consequência obrigatória da decisão de ser artista nômade, poderia ser substituída por um lugar que pudesse abrigar essas duas concepções satisfatoriamente.

1.1 RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

A residência artística é um mecanismo facilitador de conhecimento e de apreensão da cidade, dando ao visitante a condição de morador temporário, mas que implica criar vínculos e laços efetivos com o traçado urbano (FUNARTE, 2014, p. 38).

Embora não haja uma definição específica sobre o que é uma residência artística, assim como não há definição fixa sobre muitas facetas da arte, podemos cita-las, principalmente, como programas que se destinam ao desenvolvimento, atuação e reflexão das práticas artísticas, podendo ser orientados na necessidade de

pensar de forma crítica a produção da arte contemporânea como geradora de conhecimento. Esta prática começou a se consolidar a partir da década de 1980 em outros lugares, como na Europa, Estados Unidos e Japão, e atualmente já se expandiu ainda mais, inclusive no Brasil, que já conta com algumas unidades.

1.1.1 Uma mirada histórica pelas residências artísticas

É possível identificar três momentos principais que podem explicar a criação e difusão das residências artísticas no mundo. Primeiramente, é possível encontrar semelhanças que podem colaborar para o entendimento dessas residências no cenário contemporâneo na colônia de artistas Bateau Lavoir (MORAES, 2009, p. 15), que funcionou entre a última década do séc. XIX até a Primeira Guerra Mundial, que fez com que seus ocupantes abandonassem o local pelo medo iminente da guerra. Na colônia existiam características que se encontram nas residências artísticas contemporâneas: diversidade de ateliês e incentivo ao convívio e trocas entre os frequentadores. Surgiram, após esse período, pontuais colônias de artistas, mas todas em áreas rurais e afastadas dos centros urbanos, diferente do proposto para o seguinte trabalho.

Foi então que em 1964 surge a primeira residência artística propriamente dita, instalada no centro histórico da cidade de Paris, que ansiava resgatar o espírito de “capital cultural do mundo” (MORAES, 2009, p. 17). “A Cité Internationale des Arts foi instalada em um edifício de características modernas e reunia, em suas dependências, mais de três centenas de espaços dedicados à vida e ao trabalho de artistas que tivessem a cidade como destino de permanência” (MORAES, 2009, p. 17).

O que Hora (2006, p. 55) denomina como “terceira onda da mobilidade artística subsidiada” é que dá início à expansão das residências artísticas. Com as facilidades de mecanismos de rede e as ferramentas da globalização no início da década de 1990, a ideia passou a se disseminar por outros países. Essa expansão acontece em meio a um reflexo de vida, transformação social de desde o fim da década de 1980, quando essas residências criam os espaços necessários para “reflexão, convívio e criação” (MORAES, 2009, p. 18).

1.1.2 Perspectiva contemporânea

[...] as residências artísticas [...] são fundamentais para a formação de redes e networks alternativos e para a dinamização de artistas e contextos periféricos frente ao circuito globalizado das artes, abrindo novos espaços de formação, produção, difusão e reflexão no campo da cultura centrados em processos de troca e interação (DALCOL, 2015, p. 3180).

As residências artísticas são espaços específicos onde os artistas buscam encontrar inspiração, trocas de ideias e de vivências com outros artistas, contato com produções culturais de diferentes referências e regiões, podendo até desenvolver ideias e projetos conjuntamente, transformando-se, assim, em uma espécie de centro cultural de produção ativa (CHRIST, 2020). Esses locais possuem o potencial de ampliação dos processos da educação formal institucionalizada (FUNARTE, 2014, p. 15). A tese *Residência artística: ambientes de formação, criação e difusão*, de Marcos Moraes, defendida em 2019, traz diversas entrevistas e depoimentos entre participantes brasileiros das residências oferecidas pela FAAP, e os conceitos de “trocas, convivência, isolamento, dedicação, contatos pessoais, e culturais” surgem de forma unânime, e é perceptível que essas ideias excedem o âmbito das propostas dessas instituições se concretizando nas experiências reais dos artistas residentes. A própria FAAP foi criada com o “sentido de criar um espaço de trocas, de apoio à produção artística e de intercâmbio internacional, em São Paulo” (MORAES, 2009, p. 93).

A característica mais encontrada em quase toda a totalidade das residências é a condição de “tempo e espaço para criação” (MORAES, 2009, p. 94), ambiente que permeia condições que abarcam a “relação do homem com o espaço e o tempo” (FUNARTE, 2014, p. 19), pois são essenciais para uma condição de trabalho do artista nessa situação específica. O artista desloca a noção de espaço de trabalho que conhece e o adequa a conformações arquitetônicas diversas (MORAES, 2009, p. 56), já que as residências possuem características espaciais diversas. Essas características são “reivindicadas por aqueles que veem nesses ambientes sua condição de atuação, não na sua realidade, nem em sua fantasia utópica, mas em um contexto próprio, em uma heterotopia” (FUNARTE, 2014, p. 24).

Esses locais de trabalho e moradia surgem como ambiente fundamental no campo da formação artística e dos processos de transformação, sendo uma parte essencial do papel da prática do artista contemporâneo, já que ela permite relações mais amplas do que as laborais ou educacionais: permite a possibilidade de convivência e engajamento comunitário, e ao mesmo tempo de “inserção de outras

relações conviviais, profissionais, educacionais, afetivas e sociais” (FUNARTE, 2014, p. 27), enquanto permite também a reclusão ou introspecção nos ambientes privados (HORA, 2006, p. 56).

Agregar ao sentido inicial proposto para residência, como o lugar que se habita ou no qual se reside e no qual se estabelece “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p. 106), o do ateliê do artista como a moldura, o “envelope”/ invólucro, o limite e o espaço inicial de conformação de sua produção, como propõe Daniel Buren (2004) em seu fundamental estudo sobre as funções do ateliê, indica uma perspectiva para se pensar esse espaço entre o protegido para suas experiências e o da intimidade das relações pessoais, do confronto com o outro, com a possibilidade de expandir essas relações da ordem do privado para ançá-las em outra instância” (FUNARTE, 2014, p. 26).

Moraes (2009, p. 55) reforça a ideia de que “a residência deve ser considerada um local propício para trocar, por permitir o convívio, em meio a uma possibilidade de retiro e dedicação individual”, proporcionando também espaços onde artistas possam estabelecer contatos com outros artistas e com a comunidade, sendo a residência uma forma de “reagir à globalização que se finda por soluções conflituosas e isolacionista” (MORAES, 2009, p. 32).

1.2 HOSTELS

No percurso da história humana a hospedagem ou hotelaria esteve sempre presente, participando principalmente no desenvolvimento econômico mundial, já que essa área, da Era Antiga até a atualidade, esteve vinculada a atividades de negócios, comerciais, turísticas e evolução tecnológica. O hotel, além de apresentar um espaço de pernoite, também possui “[...] diversas atividades complementares e/ou específicas, de abordagens estéticas distintas ou baseadas em fundamentos fragmentados e isolados. A hotelaria, cada vez mais, obedece a lógicas diferenciadas, baseadas em estratégias sólidas de políticas de sustentabilidade” (ANES, 2012, p. 19).

De acordo com a lei brasileira 11.771, de 17 de setembro de 2008, que define quais são os meios de hospedagens, não se enquadra nessas definições os hostels, pois determinam como hospedagem a oferta de unidade de frequência individual e de uso exclusivo do hóspede, diferente dos hostels, que têm em sua essência os espaços comunitários de uso comum e quartos compartilhados.

[...] os empreendimentos ou estabelecimentos, independentemente de sua forma de constituição, destinados a prestar serviços de alojamento temporário, ofertados em unidades de frequência individual e de uso exclusivo do hóspede, bem como outros serviços necessários aos usuários, denominados de serviços de hospedagem, mediante adoção de instrumento contratual, tácito ou expresso, e cobrança de diária (BRASIL, 2008).

Essa tipologia alternativa passa a ganhar cada vez mais adeptos no mundo, como mostra o Estudo da Demanda Turística Internacional (2015), que aponta um crescimento de 1,6% para 2,5% entre os anos de 2014 e 2017 no interesse de estrangeiros por *campings*, albergues e hospedagem de baixo custo.

“O hostel surge neste cenário como um tema interessante por ser diferente das tipologias comumente encontradas no Brasil, oferecendo aos hóspedes espaços de convívio, compartilhamento de unidades de hospedagem e preços mais acessíveis” (SILVA et al., 2019, p. 2).“

Bahls e Pereira (2018, p. 294) conceituam que os hostels estão mais próximos das características de hospitalidade do que de hotelaria, já que sua origem vem das antigas casas que abrigavam jovens viajantes, não de maneira comercial, mas a fim de promover o intercâmbio entre suas culturas. A realidade dos hostels de baixo custo, que refletem, em alguns casos, em baixa qualidade, não indica, literalmente, a realidade do conceito de hostel, que deve, na verdade, reverberar a essência de hospitalidade genuína.

1.2.1 A origem dos albergues

Historicamente, os hostels eram residências onde seus moradores ofereciam pernoite e alimentos em troca de serviços ou pagamento, e que foi muito explorada na época do Império Romano (REZENDE, 2008, p. 30). O conceito de hospitalidade genuína vem do ato de acolher e receber estranhos sem qualquer expectativa material (BAHLS; PEREIRA, 2018, p. 294), o que difere do conceito histórico de que havia uma relação de troca sobre a hospitalidade. A hospitalidade se constitui de 4 práticas culturais: recepcionar, hospedar, alimentar e entreter (REZENDE, 2008, p. 43). Por esse motivo é possível considerar o turismo como a “ciência mãe da hospitalidade” (CAMARGO, 2003, p. 24), já que ele envolve intrinsecamente “viagem

e hospedagem”, sendo assim a “hospitalidade atua como fio condutor dessas representações socioespaciais do fenômeno turístico” (GRINOVER, 2002, p. 26).

O conceito de albergue da juventude tem um caminho distinto, mesmo que possuindo em sua essência nos mesmos conceitos do primeiro meio de hospedagem dessa tipologia, em Altena, Alemanha em 1912 (SILVA *et al.*, 2019, p. 6), que consistia em hospitalidade genuína, uma vez que estava atrelada à ideia de abrigar jovens, sem fins comerciais, em busca de conservação do patrimônio histórico e do meio ambiente (BAHLS; PEREIRA, 2018, p. 295). O que Rezende (2008, p. 53) conceitualiza como “alberguismo” se difunde pela Europa na década de 1920, época do florescimento dos movimentos jovens entre os períodos da Primeira Guerra Mundial, sobre o segmento *backpacker* (GIARETTA, 2003). No Brasil o movimento chega mais tarde, na década de 1960, por conta do movimento hippie — a geração “pé na estrada” (REZENDE, 2008, p. 25) — e dos movimentos estudantis que colaboraram com a expansão desse tipo de hospedagem. Porém, o nome “albergue” sempre trouxe uma conotação pejorativa de hospedagens pobres, sendo utilizado no país apenas o nome de Hostel.

Em português a palavra albergue, como define Ferreira (2004, p. 84) é “abrigo, asilo, [...] local em que se recolhe alguém por caridade [e] asilo onde se recolhem de noite os mendigos”, além de haver, também, certa referência histórica ao Brasil Império, quando os albergues se apresentavam como locais precários dos primeiros viajantes em terras nacionais. Por essas ligações semânticas utilizaremos aqui o termo *hostel*, que possui derivações do viés francês de hospitalidade, como a própria Associação Internacional de Hostels (HI) convencionou chamar (BAHLS, 2018, p. 36-37).

1.2.2 A tipologia hostel

A OMT (2001) classifica o hostel como “extra-hoteleiro” ou “não hoteleiro” e aponta pelo crescimento das formas de alojamento como alternativa ao meio tradicional, de hotel, dentro do cenário turístico mundial. Um hostel se baseia em um tipo de acomodação, que costuma ser uma hospedagem mais econômica que hotel ou pousada (BAHLS; PEREIRA, 2018, p. 295), e que visa uma experiência social, já que seus ambientes são áreas comuns para convívio entre todos os hóspedes (SILVA *et al.*, 2019, p. 7), endossando a integração social. Ou seja, é uma hospedagem que também visa o intercâmbio social e cultural entre os seus usuários.

Embora haja uma longa conceituação sobre os baixos valores dessa tipologia, Abrantes (2014) e Volante (2011) apontam para uma relação equivocada entre o baixo custo das diárias e o baixo nível de qualidade. Isto porque embora possam ser facilmente encontrados esses tipos de hospedagens nas cidades turísticas, não devem ser fatores determinantes para o seu conceito, já que a sua essência permeia primeiramente a sua idealização de “hospitalidade genuína”, diferenciando-se dos hotéis convencionais (BAHLS; PEREIRA, 2018, p. 294).

A sociabilidade incentivada pela filosofia dos albergues faz com que as pessoas se conheçam com maior facilidade, por meio do contato interpessoal, e façam amizades ao longo da viagem. Este é um aspecto que contribui para a sensação de hospitalidade peculiar sentida pelos hóspedes deste meio de hospedagem (REZENDE, 2008, p. 59).

As instalações dos Hostels costumam ser: quartos compartilhados e quartos individuais, recepção, bar, áreas de convívio coletivos como sala, varandas, terraço além de toda estrutura residencial básica: cozinha, banheiro, lavanderia, etc. (CI INTERCÂMBIO E VIAGEM, 2020, [s. p]). A Embratur, por meio da Deliberação Normativa n° 433, estipula que seja necessário que um hostel possua “quartos coletivos, quartos para casal/família, cozinha aberta para uso dos hóspedes, sala de convivência, recepção, área de refeições, roupa de cama diária e empresa legal” (SILVA *et al.*, 2019, p. 7).

2 JUSTIFICATIVA

2.1 DESCRIÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Maceió conta com um cenário de artes plásticas que tem se consolidado cada vez mais forte, não é difícil andar pelas suas ruas sem se deparar com coloridos murais produzidos por artistas locais. Uma prova disso foi o projeto de intervenção artística que aconteceu em 2020 nas ruas do Jaraguá, bairro da capital de Alagoas, onde mais de 10 muralistas se reuniram com a intenção de requalificar algumas de suas ruas com intervenções de grafite, da qual eu também fiz parte como uma das artistas do projeto, deixando uma obra de arte minha na região histórica.

Ao mesmo tempo, a cidade apresenta uma realidade de vulnerabilidade socioeconômica, apresentando um IDH de 0,721 (IBGE, 2010), renda per capita do estado de 730,86 (IBGE, 2018), onde apenas 26,4% da população tem ocupação (IBGE 2018) e quase 40% da população tem um rendimento per capita menor que 1/2 salário mínimo (IBGE 2010). Analisando a realidade socioeconômica da cidade percebe-se que é de suma importância que se apresente soluções alternativas ao pagamento de altas mensalidades para participação no projeto de Residência Artística, para que o local não seja uma bolha elitista em que poderá se observar a exclusão de uma parte da sociedade artística local.

Maceió conta atualmente com apenas dois hostels, o que mostra que a cidade é um destino pouco procurado por jovens e mochileiros, que buscam as dinâmicas desse tipo de acomodação para viajar. A cidade vizinha, Marechal Deodoro, possui, na Praia do Francês, duas unidades e tem sido cada vez mais procurada como destino por esses usuários, chegando a ficar com todas as unidades lotadas em algumas datas específicas, o que demonstra que há público e interesse na região para o empreendimento em questão.

Entre o período de 2020 e 2021 decidi fazer um mochilão, ficando hospedada em hostels com objetivo de desenvolver minhas habilidades artísticas com novas ideias e perspectivas com a influência do novo, da descoberta e das trocas. E empiricamente consegui relacionar a diferença de viagens de hostel em hostel, deixando algumas vezes de viajar para algum roteiro por falta de opção.

É possível identificar no cenário contemporâneo uma nova maneira da prática artística, que Dalcol (2015, p. 3188) caracteriza como “nômade”, onde há a exploração artística das geografias físicas e culturais diversas. Para que essa tendência aconteça, não se pode mais definir o ateliê ou espaço de criação do artista

nos moldes tradicionais: lugares únicos, fixos e isolados, onde as criações e processos artísticos acontecem. Assim como me descobri artista durante a faculdade, vi que meu trabalho ficava limitado a algumas características marcantes e repetidas que se baseavam nas minhas próprias experiências e estudo de repertório proveniente da minha experiência pessoal. E depois da minha viagem pelo Brasil, fazendo minha produção artística em cada uma das cidades que visitei, trocando experiências com outros artistas de diversas áreas, hoje em dia percebo como meu leque artístico se expandiu de modo geral, abrindo novas possibilidades e caminhos nos meus projetos artísticos.

Propondo a possibilidade de novas perspectivas de ação, a residência artística deve servir como contraponto ao “isolamento decorrente dos processos de fuga da vida contemporânea e ameaças do cotidiano das grandes metrópoles” (FUNARTE, 2014, p. 22). Podemos ainda pensar em uma perspectiva futura de pós pandemia, uma tendência de sociabilidade e contato com o outro, já que até o momento do presente trabalho a pandemia se entende a quase dois anos, sendo marcados por forte isolamento social e grande preocupação. Seria a ideia de residência uma possibilidade de respirar novamente sobre a realidade de trocas e contato humano inerente à nossa condição de seres sociais

um tipo particular de sociabilidade pode ser percebido nos espaços denominados de residência artística [...]. O deslocar-se de seu círculo de relações sociais habituais e colocar-se isolado para estar em contato com o outro, próximo. A perspectiva do artista em residência não é a da mítica de solidão de um Robinson Crusóé (MORAES, 2009, p.31).

O conceito inerente de toda a experiência das residências culturais é o de trocas e sociabilidade, mesmo em residências artísticas como a Cité De Artes, em Paris, que possui apenas ateliês que se constituem por um apartamento individual completo onde o espaço de criação é isolado e separado. Diversos depoimentos de integrantes do programa, encontrados na tese do Marcos Jose Santos de Moraes (2019, p. 124), apontam que a sociabilidade, o intercâmbio cultural, artístico e intelectual foram os fatores mais marcantes de suas passagens como moradores temporários dessas instituições. A FUNARTE (2014, p. 28), órgão importante para o setor cultural e artístico nacional, reforça sobre a ideia da convivência dessas residências “[...] Assim, o que se reivindica para elas é que sejam ambientes em que

as trocas, a convivência e as formas de sociabilidade se constituam em um dos pontos claros de sua afirmação como espaço de formação e de criação”.

Um estudo mais próximo da realidade brasileira foi o projeto REDE, que ocorreu em 2013: uma experiência de alguns meses de residência artística em que participantes de todo o Brasil faziam suas produções artísticas na área do Rio Grande do Sul (DALCOL, 2015, p. 3184). Após a apresentação das produções e das experiências dos artistas, foi possível verificar a ampliação do conceito do ateliê como acepção individual e de reclusão para um sentido de colaboração. Deixando de lado a noção de espaço privado e de solidão dando lugar a espaços de práticas de trocas e circulação de rede, criando fluxos e rotas coletivas e alternativas aos parâmetros tradicionais.

Sendo a sociabilidade inerente a estes espaços, a fusão da residência artística com hostel permite reforçar ela própria. Permitindo que o artista possua tempo e espaço para suas criações, garantir a intensificação dos intercâmbios culturais e sociais, unindo, no mesmo terreno, viajantes com diferentes perspectivas de realidade e arte, permite ao residente um contato mais diversificado com o mundo. É possível garantir para ele, no projeto, espaços individuais de trabalho junto aos dormitórios, como acontece em boa parte das residências artísticas já consolidadas pelo mundo, enquanto garante também uma variedade de espaços onde as produções artísticas possam ocorrer em constante contato com outros artistas e viajantes que possam acrescentar ao processo artístico uma característica única e diversa.

Durante a minha viagem como artista, sempre pude me sentir intensamente motivada e inspirada quando viajava a um posto diferente, porque sentia minha capacidade criativa impulsionada com tantas interações e percepções novas. De acordo com Bennett, Koh e Repenning (2013, p. 359), a criatividade pode ser aprendida e praticada. Assim, a promoção de ambientes em que as pessoas possam explorar coisas novas, sejam elas novas tecnologias, lugares, culturas etc., faz com que as pessoas se sintam mais confiantes, motivadas e engajadas no aprimoramento do pensamento crítico e habilidade de resolução de problemas (JINDAL-SNAPE *et al.*, 2013, p. 34), que pode ser caracterizada como criatividade.

Já pode ser evidenciada a diversidade desses ambientes de criação das residências artísticas já existentes, e essa diversidade se dá não apenas a situações geográficas e culturais diversas, que cada região pode transmitir, mas também em função de “objetivos, de necessidades, de localização, de inserções culturais e

opções de trabalho, além de toda a gama de componentes subjetivos que possam ser pensados para articular o funcionamento de instituições no âmbito cultural” (FUNARTE, 2014, p. 28).

Sendo assim, lançando mão do partido que a própria arte não pode ser enquadrada em padrões e termos unânimes, já que esses campos são tão abrangentes e peculiares, lanço aqui a proposta da realização de uma residência artística que tenha como essência a experiência cultural de residência artística brasileira, onde as relações sociais, o convívio, o jeito caloroso típico brasileiro sejam fatores presentes de maneira forte. Seria a residência artística BRASILIDARTE, uma ideia de procura não apenas pelo conceito de residência artística, que vem se consolidando mundo afora, mas pela possibilidade de união entre os diversos olhares e criações entre os artistas, os moradores e viajantes e também a união dos residentes artísticos que terão contato com a realidade de troca social, seja ela garantida pelo convívio das áreas comuns, seja pelas trocas e bagagem deixadas pelos artistas, seja pela participação e troca presente entre os residentes dos mesmos momentos.

A discussão sobre a formação artística atravessa a história e coloca em confronto diferentes orientações sobre a questão, a começar pela quase impossibilidade de definição, unânime, para termos como arte, artes plásticas, artes visuais ou, mais ainda, arte contemporânea. Se essas “definições” se tornam impraticáveis ou não conseguem dar conta desses campos, como então é possível pensar e produzir pacificamente formas e espaços para o ensino nessa área do conhecimento tão provocadora e instável, tão refratária a qualquer controle e, ainda, como trabalhar com as referências estéticas, históricas, artísticas, pedagógicas, metodológicas e didáticas concernentes ao campo referencial da disciplina? (FUNARTE, 2014, p. 15).

Outro fator que também influenciou na escolha da edificação de uso misto foi a tentativa de inclusão dos artistas em vulnerabilidade socioeconômica, incluindo assim toda a parcela artística no projeto, pois a instalação do hostel garante a funcionalidade e manutenção financeira de todo o instituto cultural, pois o lucro garantido pela hospedagem oferece caminhos alternativos à residência artística do que apenas o ingresso por mensalidade ou taxa de inscrição. Os eventos, o bar, e a parte de hotelaria da edificação buscam corroborar financeiramente para que o projeto continue acontecendo em sua plenitude, enquanto podem ser propostas

baixas mensalidades ou oferecidas diversas bolsas para artistas interessados, tanto locais quanto de fora, que não possuem suporte financeiro.

Existem hostels que já oferecem uma gama de atividades e eventos, sejam eles eventuais ou fixos, que contribuem tanto para divulgação do estabelecimento e noção de boa experiência do local, quanto para arrecadar lucros desses empreendimentos. A experiência mais marcante dessa dinâmica para mim se deu na passagem por Pipa, no hostel Lagarto na Banana. Eles têm atividades diárias que acontecem antes do jantar que eles disponibilizavam no restaurante do local, que movimentava todas as áreas comuns. Por haver sempre essa animação, o hostel passou a ser frequentemente procurado por turistas e moradores, sendo referenciado como um local de eventos heterogêneos. Os responsáveis pelas atividades eram sempre diferentes, podendo ser hóspedes, voluntários ou funcionários do estabelecimento, e também outras pessoas entusiasmadas com a ideia, que tivesse disposição para desenvolver a dinâmica. Como parte da interação com a comunidade, o artista residente poderia gerar atividades elaboradas pelos mesmos, ofertadas nos ambientes comunitários da residência artística.

Figura 2: Quadro de atividades semanais do hostel Lagarto na Banana, em Pipa, Rio Grande do Norte



Fonte: perfil no Instagram do Lagarto na Banana Hostel (2022).

O projeto de residência artística brasileiro denominado VETOR, que aconteceu durante os meses de março, abril e maio de 2013, tinha como um dos requisitos do

artista residente que suas propostas envolvessem, obrigatoriamente, a comunidade local no processo (DALCOL, 2015, p. 3184). Durante pesquisas entre os editais de inscrição de diversas residências artísticas de vários países, vi que todos têm como requisito alguma conexão do residente com a comunidade. Seja por meio de aulas, apresentação da evolução e desenvolvimento do trabalho, seja como voluntário em programas ofertados para a comunidade ou por meio de palestras e apresentações. Nesta minha proposta, a área de eventos garantiria a atividade de entretenimento do hostel, com um palco para execução dos trabalhos de contato com a comunidade, garantindo para a instituição o fator de relação e compromisso com seu entorno e a comunidade que a circunda.

Este projeto busca, então, valorizar e incentivar também o desenvolvimento artístico da região, garantindo um espaço de estudo, prática, divulgação e trocas multiculturais entre os artistas locais com os artistas residentes e hóspedes de lugares diversos, um espaço de troca cultural constante. Pensando nisso, foi projetado espaços para contato, apresentações e diálogo dos artistas locais com os residentes. Tanto uma residência artística quanto um hostel contam com um programa de necessidades muito similar quanto às áreas básicas a serem compartilhadas, por isso foi possível fazer a união dos dois programas na mesma edificação, utilizando as áreas comuns necessárias para as duas propostas de forma unificada, setorizando separadamente somente a área dos quartos da hotelaria e as áreas dos ateliês para uso exclusivo de intercambistas artísticos.

3 METODOLOGIA

Etapa 1 – Revisão Bibliográfica

Foi iniciada pela leitura do referencial teórico sobre residências artísticas, hostels e sobre a legislação vigente de hotelaria em Maceió. Essa parte deu toda a base teórica e legal para a iniciação do projeto. Foi feito um estudo de repertório da residência artística mais conhecida no Brasil, a Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), que embora não conte com muitos detalhes do projeto propriamente dito, irá elucidar muitas questões de ambientes e programa de necessidades de uma residência artística.

Etapa 2 – Levantamento de dados do Objeto de Estudo

Esta etapa foi definida pelos dados legais para um projeto e a definição do conceito e do partido arquitetônico, elencando e definindo: o lugar ideal para acolher os propósitos de um espaço conjugado de hostel e residência artística a partir de uma compreensão das potencialidades da cidade de Maceió para tal função; a compatibilidade de uma edificação turística/hoteleira e também a facilidade de fluxo e acesso para os artistas e turistas. Feito isso, foi necessária a definição do conceito e do partido do projeto. Por se tratar de um projeto de construção nova, foi feito um estudo de uso e ocupação do solo e o dimensionamento do projeto.

Etapa 3 – Anteprojeto da edificação

A etapa final constitui o anteprojeto, com estudo de fluxograma e dimensionamento. Por se tratar de uma residência artística, a volumetria foi o ponto focal da sua elaboração e visualização, explorando de maneira criativa, chamativa e artística o olhar do local para os transeuntes, buscando fazer entender desde a primeira visualização, que se trata de um local de produção criativa, e também para que os usuários se sintam representados e abertos para suas intervenções artísticas, “[...] a arquitetura e o urbanismo que atrai e provoca o olhar e o interesse de todos os residentes” (MORAES, 2009, p. 71).

Começando pela volumetria, depois foi definida a diagramação funcional interna, em que foram divididas as áreas da hotelaria, da residência artística e as áreas utilizadas entre todos os usuários da edificação. A finalização veio com a elaboração de todas as pranchas necessárias para a realização da edificação em

nível de anteprojeto. Por haver mobiliário específico e cobertura de volumetria diferenciada, foram necessárias também a elaboração de pranchas de detalhamento.

4 DEFINIÇÕES DE PROJETO

4.1 ESCOLHA DO TERRENO

Utilizando como base as normas previstas pela FBAJ (Federação Brasileira de Albergues da Juventude) o hostel deve ser situado em localização de interesse turístico, com fácil acesso e próximo a um ponto de transporte coletivo. A área escolhida, no bairro da Cruz das Almas, em Maceió, apresenta um bom ponto de diálogo entre as chamadas parte alta e parte baixa da cidade, garantindo um fácil acesso também aos moradores das áreas mais afastadas da praia. Além disso, possui um terminal de transporte público, diversos serviços, comércios e o shopping a poucas quadras.

Utilização do projeto como marco visual

A arte realizada nos espaços públicos, sejam elas visuais, performáticas ou esculturais, como podemos caracterizar a arquitetura, trazem o conceito de *site-specific* (GENIOLI, 2005, p. 41), caracterizado pela indiscernibilidade entre obra e lugar, que se caracterizava originalmente como crítica pelo confinamento cultural da arte e dos artistas. Toda obra de *site-specific* constrói uma situação, isto é, estabelece uma relação dialógica e dialética com o espaço (CARTAXO, 2015).

O conceito de residência artística traz reflexões sobre as possibilidades para além dos espaços idealizados das instituições, assim como o próprio papel e lugar da arte. Segundo Miwon Kwon (2002), essa arte, conectada ao conceito do *site*, traz consigo algumas questões, entre elas a de superação dos meios tradicionais (pintura e escultura), incluindo o papel das instituições e a resistência ao mercado capitalista, que precifica a obra a bens mercadológicos. Nesse sentido, a utilização do projeto como marco visual artístico caminha junto com o conceito das residências artísticas, pois propõe, no cenário contemporâneo, outras possibilidades e reflexões para além das instituições tradicionais de ensino. Não sendo o espaço asséptico da galeria de arte, branca, pura e descontaminada, o único espaço para a arte, mas, também os espaços alternativos como as ruas, as residências artísticas, os prédios abandonados, contaminados pela vida real (CARTAXO, 2015). De acordo com Cartaxo (2006, p. 73), a arte e a arquitetura, tiveram os seus limites dissolvidos por volta da década de 1960, quando “seus objetivos e atitudes convergiram de forma determinante”. Sendo paralelamente o mesmo período da criação das residências artísticas, como conhecemos atualmente.

Com isso, a arte e a arquitetura substituem o caráter de contemplação dos objetos para a criação de ambientes a serem experimentados, percebidos e questionados. Nesta circunstância, o ser arte e o ser arquitetura estabelecem novas diretrizes estéticas, dialogando intrinsecamente entre si. Dando ênfase no papel do observador e sua perspectiva sobre o objeto construído, o projeto definido como marco visual de ruptura das práticas tradicionais de se pensar o espaço construído, a arte e a galeria de arte, procura fomentar a reflexão sobre a interdisciplinaridade desses setores e as suas novas alternativas contemporâneas, além de buscar incrementar o debate artístico na cidade. Buscando ver a cidade não apenas como lugar da vida cotidiana, do coletivo, do fluxo de ações e dos acontecimentos e acumulação histórica, mas, também, oferecer reflexão estética com o projeto de uma obra-manifestação de arte pública no espaço urbano.

As poéticas da arte nos espaços públicos permeiam, além das questões físicas e culturais da cidade, outras fundadas numa dimensão filosófica, em que a categoria estética do sublime ressurge no contexto contemporâneo, frente à fragilidade humana às catástrofes naturais, às transformações climáticas, à violência urbana, às epidemias etc. A cidade com sua dinâmica se converte num reflexo do mundo e o artista, atento a isto, utiliza-a como meio de reflexão das relações entre o sujeito e a realidade (CARTAXO, 2015).

O contexto de fragilidade social e pandêmica que estamos passando desde o final de 2019, a utilização da arte como possibilidade de reflexão das relações urbanas e sociais, e, com isso, a implantação da residência artística, podendo ser palco de uma realidade pós-pandêmica de reflexão, a obra como manifestação de arte no espaço público da cidade lida com a “[...] recuperação das relações entre o homem e o mundo, entre o sujeito e a cidade, tendo em vista os problemas que a área urbanística vem enfrentando que afetam tais relações”. Sendo assim, essas artes públicas se transformam em estratégias de aproximação com a realidade (lugar-realidade) e com o transeunte (cidadão-público de arte).

Programa de necessidades proposto

Quadro 1: Programa de necessidades proposto

QUANT.	CÔMODO	M ²	M ² TOTAL
--------	--------	----------------	----------------------

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA			
6	Quartos/ateliês para residentes artísticos	13	78
HOSTEL			
2	Quartos de hospedagem – casal	10	20
1	Quartos de uso misto – 4 pessoas	12	12
3	Quartos de uso misto – 6 pessoas	18	54
USOS COMUNS			
1	Ateliê de uso comunitário	46	46
1	Cozinha comunitária	35	35
1	Sala comunitária	40	40
1	Espaço externo adequado para a realização de eventos e apresentações	250	
2	Banheiros área comum	15	30
1	Bar externo	25	25
ADMINISTRATIVOS			
1	Depósito de materiais de limpeza	3	3
1	Sala administrativa	6	6
1	Recepção	6	6
1	Maleiro	5	5
1	Lavanderia comunitária	7,5	7,5
1	Estacionamento	-	-
TOTAL: 618 m²			

Fonte: elaboração autoral (2021).

Interesse turístico

O hostel deve, primariamente, trazer o interesse do turista à edificação. Como Maceió tem a praia considerada como sua principal área turística, o terreno deve ter acesso facilitado a ela, não sendo interessante a implantação em terrenos muito longe das áreas de orla marítima.

Projeto que traz a relação do espaço edificado com espaço não edificado

O espaço edificado e não edificado traz em cada um sensações psicológicas distintas. O espaço livre inegavelmente traz a sensação de liberdade, ou libertação, local ideal para realização de atividades de lazer, recreação, diversão, socialização e

também de reflexão (SILVA; LAMB; SIMONI, 2017). Pode-se entender a psicologia dos espaços abertos quando se analisa a procura de espaços de férias e lazer, que buscam parques, praças e praias, nos dando a interpretação de que esses espaços fazem bem à mente humana, remetendo a alívio, liberdade e alegria (SILVA; LAMB; SIMONI, 2017). O hostel, como espécie de hotelaria turística, deve trazer espaços abertos que remetem ao ideal de procura de viagem e garanta ao cliente hospedado os espaços de socialização e diversão que se espera dessa tipologia.

Além disso, os espaços representam todas as memórias, emoções, cores e texturas das nossas experiências, estabelecendo assim uma relação harmoniosa entre o espaço e os usuários. Quanto ao espaço edificado, as sensações transmitidas são a de proteção e acolhimento, necessária para as noites de sono dos hóspedes do hostel, como também dos moradores efêmeros das residências, que verão no estabelecimento uma noção de casa, abrigo e residência de maneira muito mais intensificada que o cliente da hotelaria, enquanto as áreas vazias dentro do edifício podem ter como finalidade o intervalo, o isolamento ou até mesmo os encontros.

A composição do espaço não edificado como estruturador do espaço arquitetônico e urbano age como controlador climático, possibilitando qualidade ambiental da edificação e produzindo benefícios psicológicos para seus usuários (SILVA; LAMB; SIMONI, 2017). Além disso, o contraste das densidades de massa, da edificação, que ocupam os espaços é o principal componente para a composição plástica projetual. Lançando mão da relação do espaço edificado e não edificado como estruturadores do ambiente é possível promover espaços e aspectos que tornem a composição ainda mais complexa e interessante, já que permite variações mais dinâmicas, podendo influenciar na fluidez de sua percepção e utilização e tornando-se então estimulante para a capacidade criativa. Além disso, pode gerar locais de trocas, que o projeto busca produzir com maior qualidade, que gerem sensações subjetivas positivas, intensificadas pelo contato com a natureza e espaços abertos para os usuários.

Espaços propostos para a troca de experiências com artistas locais

O projeto busca também incentivar a produção artística local, por meio de espaços específicos, abertos para a produção de *workshops*, rodas de conversas,

palestras, ou outras atividades artístico-educacionais ministradas e/ou assistidas por artistas de lugares distintos.

4.1.1 Características do terreno

Figura 3: Terreno na Av. Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito, Cruz das Almas, Maceió



Fonte: Google Maps (2022).

A escolha do terreno da Cruz das Almas, com dimensões de 40m x 55m, teve como principal motivação sua implantação privilegiada em frente à orla do bairro, que cria um ponto diferenciador em relação aos outros hotéis da cidade que estão implantados em terrenos mais distantes da orla. O terreno está localizado logo em frente ao mar, o que permite, com facilidade, a elaboração de apresentações abertas ao público em ambiente natural, litorâneo, que complementa a ideia de espaços verdes e naturais que será proposto no projeto. Ele contará com grandes espaços verdes que propiciam espaços de convivência, trocas de ideias e inspirações para os artistas residentes, e a praia a poucos metros de distância fará um complemento para essa inspiração. Além disso, no Brasil não há nenhuma residência artística situada a beira mar, trazendo para essa proposta uma característica diferencial.

Figura 4: Vista central da fachada leste do terreno, na Av. Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito



Fonte: captura de tela elaborada do Google Street View (2022).

A praia de Cruz das Almas é mais frequentada por moradores locais, o que pode garantir que as trocas entre os artistas residentes sejam mais próximas da realidade da cidade de Maceió. Por ser uma praia um pouco menos procurada por turistas, não existe um fluxo tão intenso quanto nas outras praias ao sul, como Ponta Verde ou Pajuçara, por isso fica mais fácil a utilização das áreas da orla para extensões das atividades da residência, como *workshops*, rodas de conversa e como inspiração pessoal, onde os artistas poderão ter acesso a paisagem marítima para elaboração de ideias e projetos.

Nem todos os usuários são temporários, os artistas residentes devem utilizar o local como moradia por um período, por isso a proximidade de um dos shoppings da cidade garante algumas facilidades e comodidades primordiais para moradores, como restaurantes, farmácias, mercado e uma boa infraestrutura de comércio e serviços no entorno, facilitando assim a permanência dos moradores temporários das residências artísticas e os hóspedes do hostel. Por estar localizado próximo da via Avenida Josefa de Melo, a chegada à residência se faz de maneira mais fácil também no sentido da parte alta da cidade, garantindo que moradores de outras áreas, não apenas a parte baixa, possam frequentar o local e participar das atividades promovidas no local.

Figura 5: Fachadas leste e sul do terreno, vistas da Av. Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito



Fonte: captura de tela elaborada do Google Street View (2022).

Figura 6: Fachadas leste e norte do terreno, vistas da Av. Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito

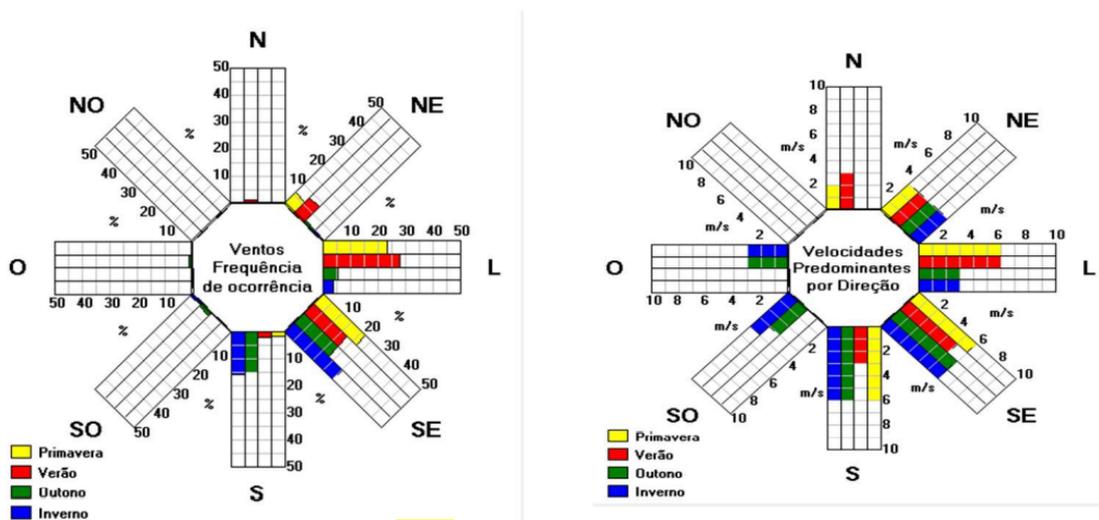


Fonte: captura de tela elaborada do Google Street View (2022).

5 CLIMA

Maceió está localizada entre a latitude 9°45'57" Sul e longitude 35°44'07" Oeste, com clima quente úmido e um nível térmico constante, não havendo grandes variações de temperatura entre a noite e o dia. Os ventos mais frequentes vêm dos alísios de sudeste, enquanto os ventos nordeste são mais presentes no mês de janeiro, fevereiro e março. A média mensal de velocidade é de 2,8m/s, podendo chegar a 10m/s na direção nordeste (CAVALCANTI, 2013 apud BARBIRATO E LYRA, 2013, [s.p]).

Figura 7: Rosa dos ventos com relação à frequência (esq.) e velocidade (dir.)



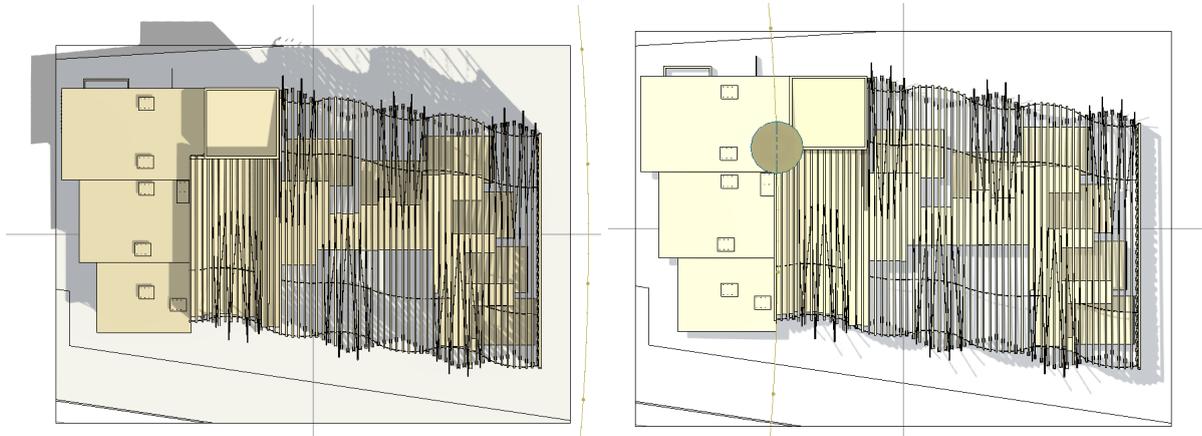
Fonte: Sol-Ar (2022).

A orientação e o clima do local são norteadores para o projeto, que visa proporcionar conforto ambiental aos usuários. Sendo assim, a fachada noroeste é a mais prejudicada em termos de insolação e ventilação, devendo ser utilizada, prioritariamente, para áreas de serviço, banheiro ou bem protegidas quando necessárias para ambientes de longa permanência. Segundo indica o programa Sol-Ar (Figura 7) as ventilações e fachadas a serem valorizadas são as do sentido Leste, Sul e Sudeste baseando-se na frequência e velocidade dos ventos.

5.1 ESTUDO DA INSOLAÇÃO NO PROJETO

Para o estudo da insolação foram utilizados os solstícios de verão e de inverno, analisando a sua influência na orientação do projeto, de forma a buscar as melhores soluções para o conforto térmico da edificação.

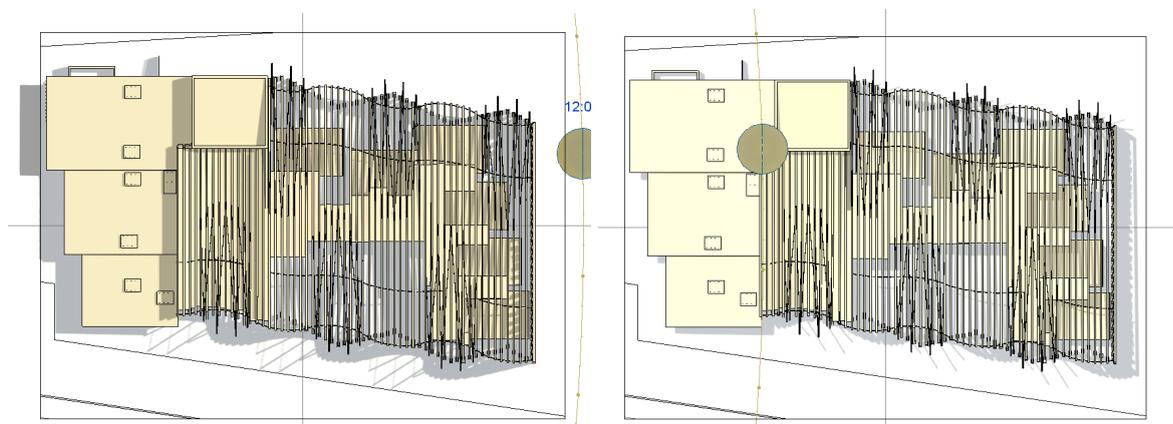
Figura 8: Simulação do solstício de verão às 9h00 am e simulação do solstício de inverno às 9h00 am.



Fonte: elaboração autoral no *software* Revit (2022).

No horário das 9h00 durante o solstício de verão, temos a insolação no sentido nordeste-sudeste, e vemos que a estrutura pergolada da cobertura auxilia a sombrear parte da área aberta, evitando insolação intensa. Os detalhes de madeira da fachada sul também auxiliam no sombreamento das paredes nesse horário. No solstício de inverno as lajes com beirais protegem toda a parte da área de hotelaria.

Figura 9: Simulação do solstício de verão às 12h00 e simulação do solstício de inverno às 12h00

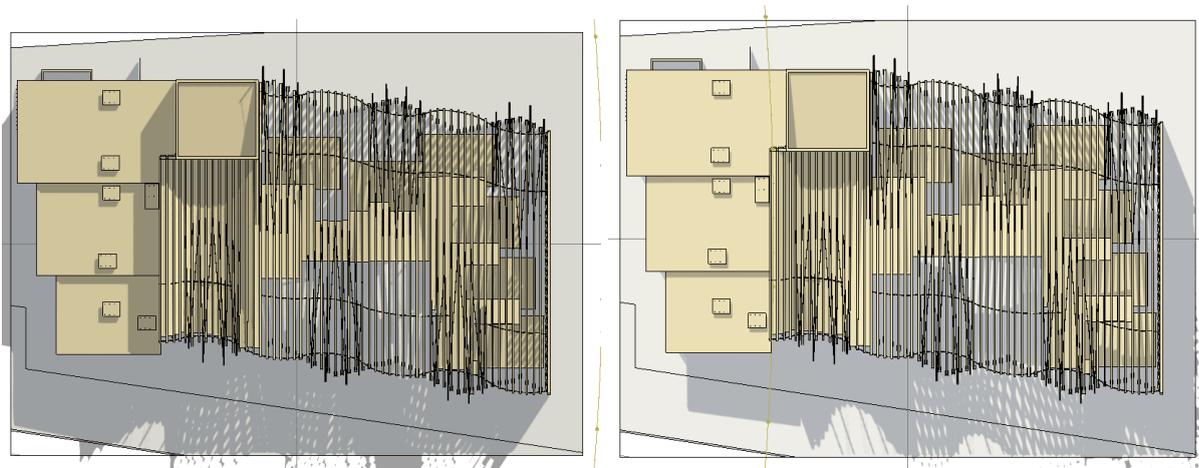


Fonte: elaboração autoral no *software* Revit (2022).

No período das 12h00 durante o solstício de verão, a parede ao norte, com fechamento de madeira, cria uma proteção, sombreando boa parte da edificação.

Nessa implantação e horário pode-se notar a necessidade da praça verde, a oeste, que será responsável por criar também uma barreira da insolação proveniente dessa orientação na edificação. Quanto ao solstício de inverno, o sol a essa hora permanece em um ângulo mais reto em relação à edificação, sendo a cobertura em madeira e a laje, nesse horário, a maior proteção da edificação.

Figura 10: Simulação do solstício de verão às 15h00 e simulação do solstício de inverno às 15h00

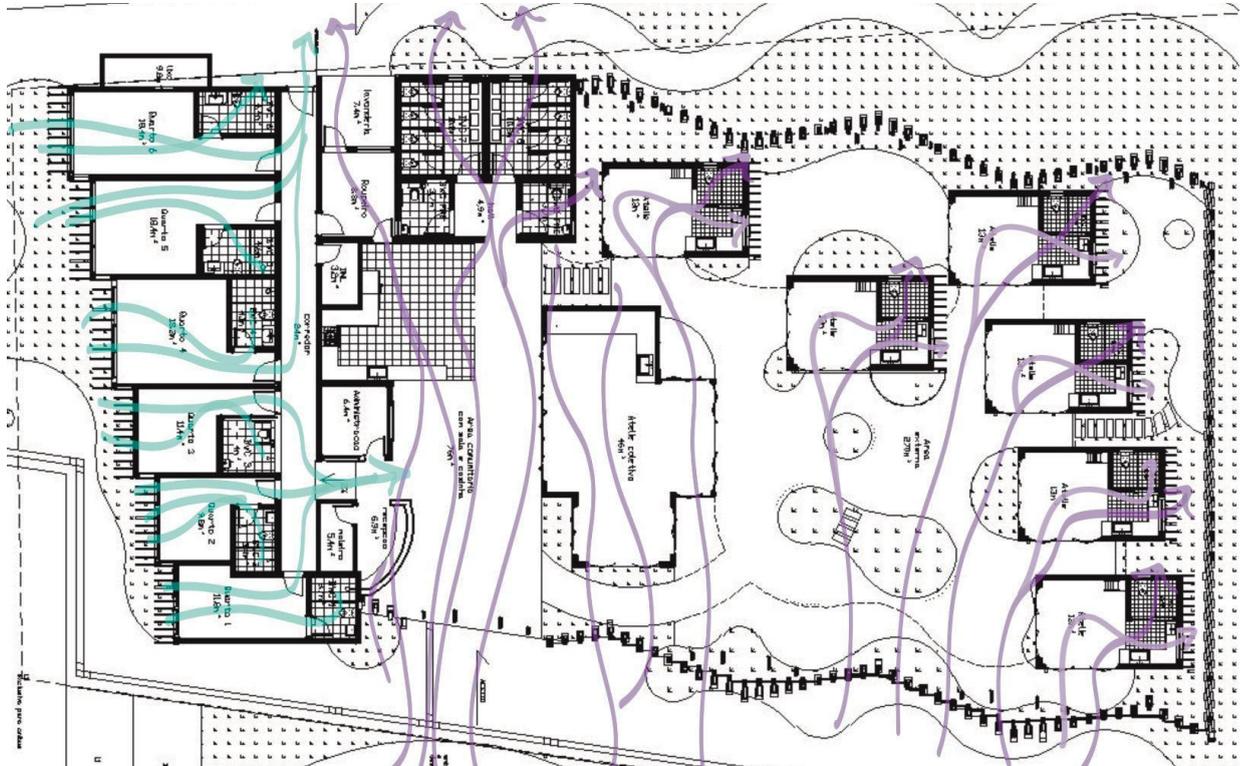


Fonte: elaboração autoral no *software* Revit (2022).

Tanto no solstício de inverno quanto no de verão pode-se notar, novamente, as razões pelas quais se prevê a implantação de espécies arbóreas para ajudar na amenização do calor proveniente da insolação da orientação oeste. Apesar disso, a volumetria da caixa d'água protege as áreas comunitárias, e no sentido sul, no solstício de inverno, os detalhamentos de madeira contribuem mais uma vez para o sombreamento e proteção das paredes e das aberturas.

5.2 ESTUDO DA VENTILAÇÃO NO PROJETO

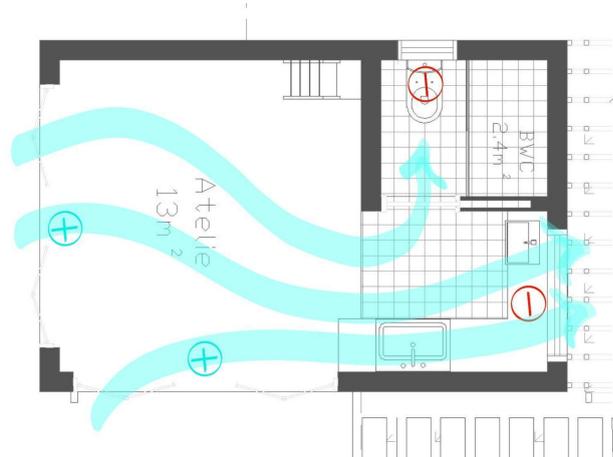
Figura 11: Esquema em planta baixa de simulação de ventilação na edificação



Fonte: elaboração autoral (2022).

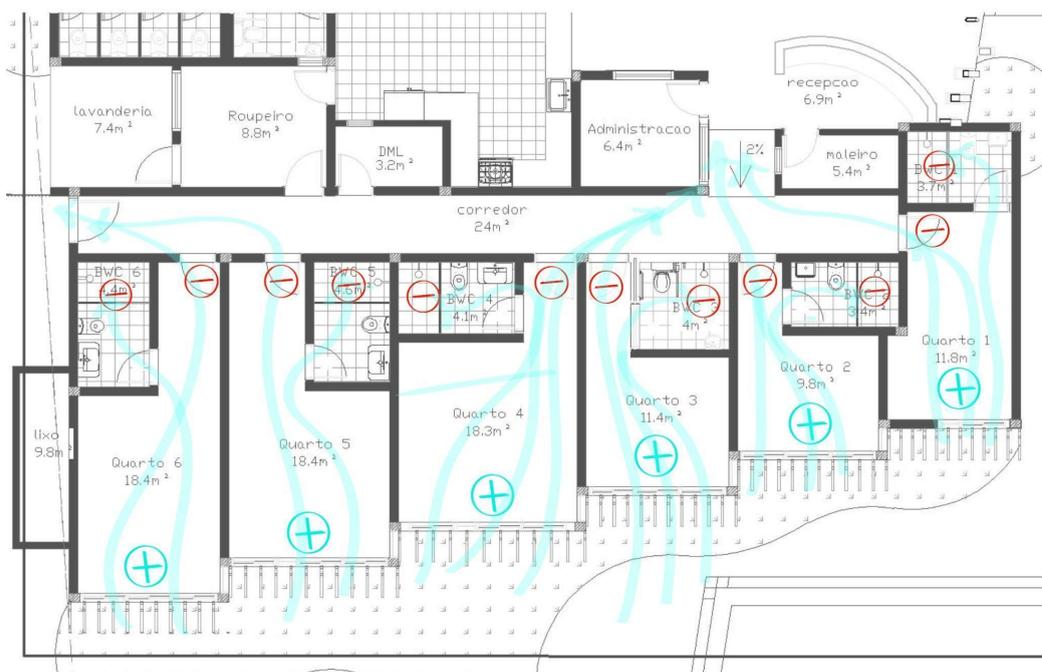
As aberturas da edificação estão orientadas no sentido sul e sudeste, principalmente. Os quartos da hotelaria possuem aberturas voltadas a sul, priorizando quase todo o plano da parede, garantindo maior entrada de vento e iluminação, que com o beiral e o detalhamento de madeira protegem da insolação direta no interior dos quartos. Para garantir que todas as áreas comuns também tivessem uma grande entrada de ventilação, foi pensado no conceito aberto, garantindo a entrada do vento e também a visualização da orla em todas essas áreas comuns, da recepção, ateliê coletivo, cozinha e sala comunitária. Os banheiros possuem claraboia com abertura para saída do vento que entra no sentido sul nos quartos.

Figura 12: Esquema em planta baixa de simulação de ventilação nos ateliês



Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 13: Esquema em planta baixa de simulação de ventilação nos quartos da hotelaria



Fonte: elaboração autoral (2022).

O encontro da cobertura de madeira com a laje em concreto da área da hotelaria foi fechado com cobogós, protegendo da chuva de vento proveniente da direção sul-sudeste, mas fornecendo ainda abertura para a entrada da ventilação. A cobertura apresenta um desnível, que aumenta a altura no sentido sul-norte, para permitir sempre a entrada e troca de ar pelo pergolado. Nos ateliês, as aberturas garantem uma visualização das áreas verdes, da orla e da entrada de ar nas

orientações sul e sudeste, além disso, foi instalada uma janela alta na parede oeste, criando pressão negativa, necessária para a ventilação cruzada nessas áreas.

6 USO DO SOLO E OCUPAÇÃO

6.1 LEI DE USO DO SOLO E OCUPAÇÃO

O terreno está localizado na área urbana ZR4, e por se tratar da construção de hotel e/ou similar, a taxa de ocupação permitida é de 80% e coeficiente de aproveitamento de 6.

IV — Nos terrenos de esquina, será permitido recuo mínimo de 3 (três) metros para ruas secundárias e 5 (cinco) metros para ruas principais; somente para o pavimento pilotis, este poderá ter seu recuo reduzido a 1,5 (um metro e cinqüenta [sic] centímetros) para os terrenos vizinhos, tendo os demais pavimentos que obedecerem aos atuais quadros de usos no que se refere aos afastamentos.

Utilizando o artigo IV foi estipulado um recuo de 5 metros para a Av. Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito, aproveitando para fazer a implantação das vagas estacionamento da edificação. A Av. Pilar foi considerada como rua principal, mantendo também um recuo de 5 metros. Já a fachada para o outro terreno e a da Rua Ernani de Figueiredos foram utilizados os recuos de 3 metros.

Quanto às vagas de estacionamento o código de edificações diz:

Será reservada, no mínimo, uma vaga de estacionamento para cada 6 (seis) unidades de ocupação, salvo se o estabelecimento possuir centro de convenções com capacidade acima de 250 (duzentos e cinqüenta [sic]) lugares, sendo exigida nesse caso uma vaga para cada 4 (quatro) unidades de ocupação.
Serão exigidas 5 (cinco) vagas de estacionamento externo, sendo uma delas para transporte coletivo de grande porte.

Com isso, foram inseridas um total de 25 vagas de estacionamento, com duas vagas de carga e descarga na área próxima à entrada da edificação, e na parte norte, a vaga para transporte coletivo de grande porte, que pode ser utilizada também para área de carga e descarga.

6.2 USO DO SOLO E ATIVIDADES EXISTENTES NO ENTORNO IMEDIATO

Figura 14: Mapa de uso do solo e atividades do entorno do terreno

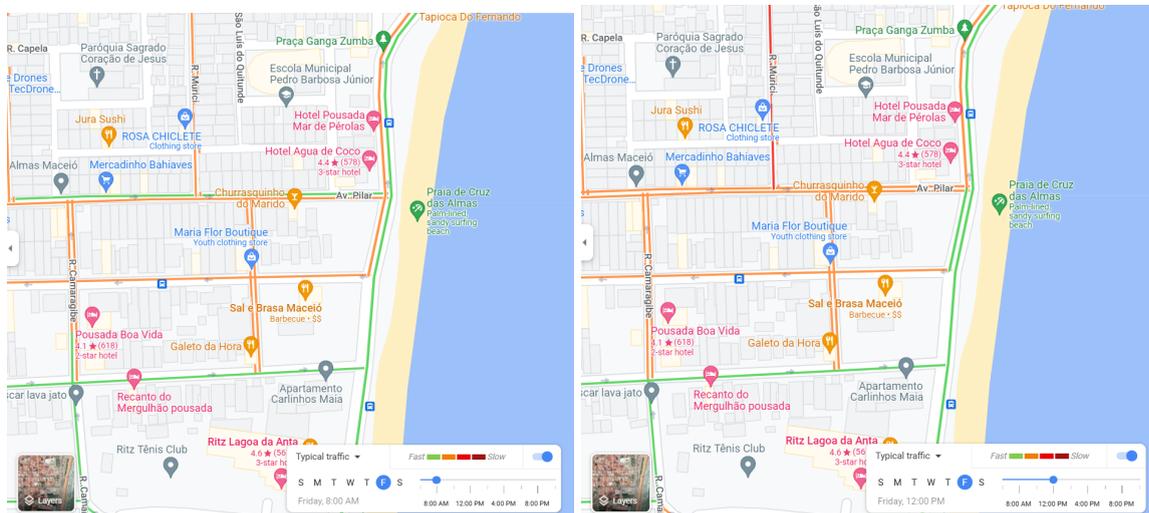


Fonte: elaboração autoral (2022).

Nota-se que a região apresenta caráter predominantemente residencial, com exceção às quadras adjacentes à orla marítima, que contam com instalações de serviços como restaurantes e hotelaria. A região ainda conta com algumas instituições, como escola e igreja, e apresenta poucos vazios urbanos, com exceção da quadra ao norte. Contudo, a instalação da residência artista e hostel na região condiz com o uso e ocupação já existente, com isso não provocará efeitos negativos.

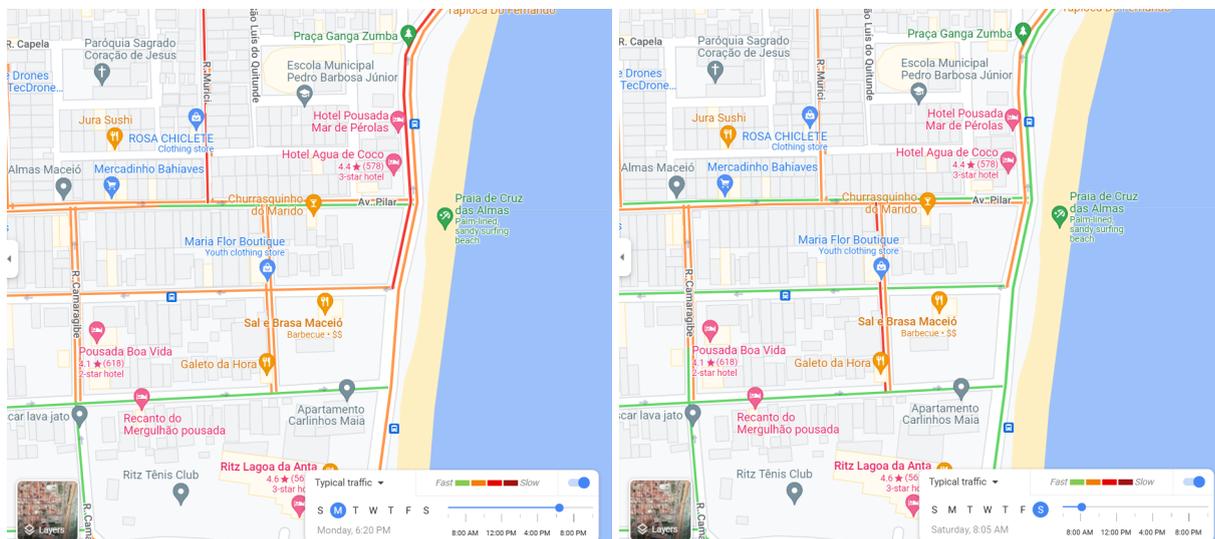
7 ANÁLISE DA HIERARQUIA VIÁRIA

Figura 15: Fluxo viário, recorte Cruz das Almas, entorno do terreno, sexta-feira, 8h00 e sexta-feira 12h00



Fonte: Google Maps (2022).

Figura 16: Fluxo viário, recorte Cruz das Almas, entorno do terreno, segunda-feira 19h00 e sábado 8h00



Fonte: Google Maps (2022).

Para a descrição da hierarquia das vias utilizaremos as definições encontradas na Lei Nº 9.503 (2020), que caracteriza as vias em rápidas, arteriais, coletoras e locais. Na área de recorte não há nenhuma via rápida onde deva ter interseção ou cruzamentos. Podemos caracterizar a via Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito como

uma via arterial, que possibilita o trânsito entre diferentes regiões do município e é controlada por cruzamento. Essa via possui fluxo moderado no sentido norte-sul em quase todos os horários, entre 8h00 e 17h00, durante toda a semana, sendo o período entre 17h00 e 20h00 de fluxo intenso nos dias da semana e fluxo moderado nos finais de semana. Já o sentido sul-norte apresenta fluxo leve durante toda a semana e horários.

Como via coletoras, ou seja, aquelas responsáveis por distribuir o tráfego que entra e sai das vias arteriais, podemos classificar a Av. Pilar e a Rua Ernani de Figueiredos. As duas apresentam fluxo similar durante toda a semana e fim de semana também, mantendo-se, no geral, em fluxo moderado durante quase todos os horários entre 8h00 e 20h00, embora a Av. Pilar apresente maiores horários de fluxo moderado em comparação com a Rua Ernani de Figueiredos. As ruas Padre Luiz Américo e a Rua de Camaragibe também são classificadas como vias coletoras. O restante das vias são locais, sem interseções com semáforos e projetadas para o tráfego dos bairros.

8 MEMORIAL DO PROJETO

8.1 IDEIA GERADORA

Criar um espaço que suprirá a necessidade do ensino da arte de forma não clássica em uma época em que as viagens e os trabalhos sem impedimentos físicos e territoriais vem ganhando cada vez mais força no mundo contemporâneo. E, concomitantemente, gerar um arco artístico visual para a cidade. A ideia veio de uma experiência pessoal como artista, viajando o Brasil durante o período de pandemia, quando conheci diversos hostels e estive trabalhando com arte, explorando minhas habilidades e também fazendo aulas no estilo EAD. Essa experiência me fez perceber a falta de estrutura para ambas as atividades, tanto o trabalho e estudo remoto quanto o trabalho com arte, que requer espaços mais amplos e específicos, disponíveis para sua elaboração.

Apesar da carência de espaços para produção de arte nesses hostels, eles me permitiram trocas, conversas e interações com pessoas de várias partes do país e do mundo, com discussões de ideias e até participação de algumas pessoas na elaboração de *sketchs* e painéis, que me abriram portas de compreensão e ideias diversas, expandindo minha bagagem cultural e artística para meu trabalho de uma forma mais intensa do que quando eu me restringia a viver apenas no mesmo lugar, em uma habitação familiar.

8.2 CONCEITO

O objetivo principal da edificação é garantir um espaço de intercâmbio cultural, intelectual e artístico, que se torne, também, um marco artístico para fortalecer com mais autoestima e suporte a cena artística e cultural da cidade. Nesse sentido, os principais determinantes para o início do projeto foram a localização do terreno, os condicionantes legais e climáticos e a busca por incorporar aspectos visuais marcantes para a criação do marco.

8.3 PARTIDO

Para que os espaços possam garantir o intercâmbio entre os residentes e os hóspedes, as áreas comuns foram elaboradas da maneira mais aberta possível, fazendo uma composição em que não houvessem demasiadas barreiras visuais e físicas entre os espaços abertos e fechados, e que todos os ambientes projetados para uso comum fossem percebidos como receptivos e abertos à utilização. Os

espaços comuns, como a sala e a cozinha, possuem o mínimo de paredes possíveis, tornando o espaço convidativo também para os residentes artísticos.

Ao longo de todo o terreno a área de ateliês comunitários e espaços de exposição foram dispostos sobre a área livre, sendo possível observar o processo criativo em quase todas as partes do terreno. Pensando em trazer um cenário um pouco diferente do que o ateliê individual que cada artista possui dentro da sua residência temporária, a escolha das grandes aberturas dos ateliês compartilhados foi pensada para que o artista não se sentisse confinado e pudesse se sentir inspirado pelos espaços abertos e vegetação escolhida para o projeto.

A volumetria foi parte importante do projeto, já que ela foi a responsável por garantir o marco espacial artístico, garantindo o toque de arte e importância para a cena artística, utilizando a arquitetura como meio. Sendo assim, toda a arte destinada à criação, residência artística e também as áreas comuns que serão palco dos intercâmbios sociais e artísticos, receberam uma cobertura de grandes dimensões que apresentam diferentes ângulos e formas de acordo com o ponto de vista do usuário, garantindo ao ambiente dinamicidade, característica importante para uma área de criatividade. A cobertura externa garante a magnitude e importância do projeto como marco artístico para a cidade.

Figura 17: Volumetria da edificação



Fonte: elaboração autoral (2022).

8.4 DIRETRIZES PROJETUAIS

- Criar um espaço de intercâmbio cultural;
- Valorizar a apresentação visual da edificação;

- Conceber mais espaços voltados à criação e discussão de arte na cidade de Maceió;
- Garantir espaços adequados para a produção de arte;
- Tecer um novo conceito de residência artística.

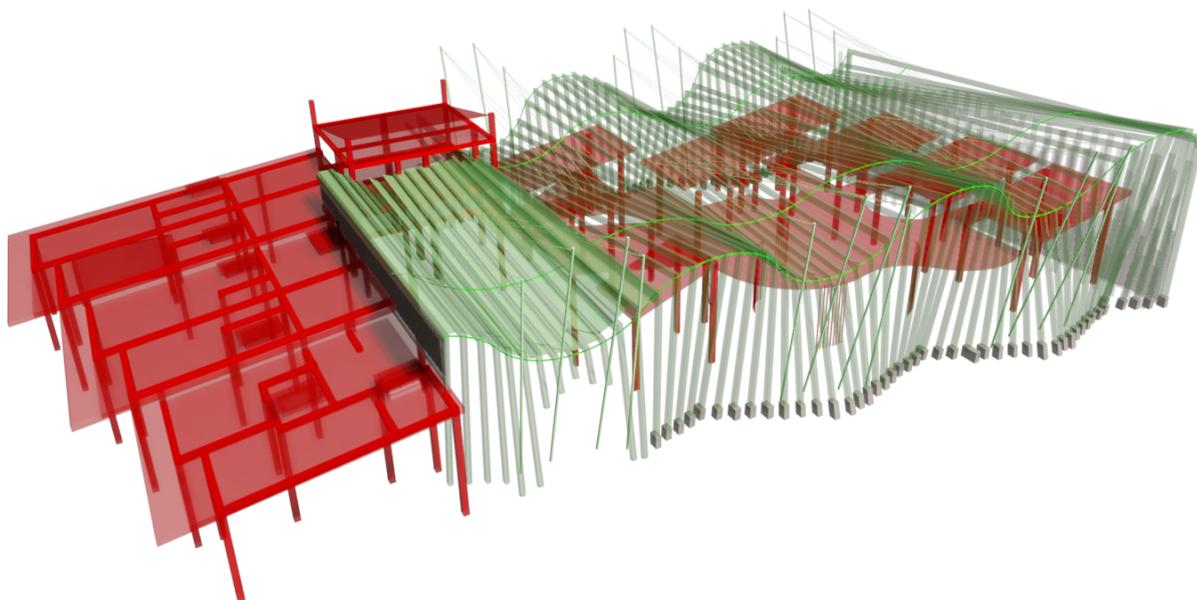
8.4.1 Definição da população fixa e variável

Para o cálculo da população fixa da residência deve ser considerado para os quartos as mesmas quantidades de camas, no total são 2 quartos para 2 pessoas, 1 quarto para 4 pessoas, e 3 quartos para 6 pessoas. Além disso, contam com 6 ateliês individuais, além de funcionários: 3 para limpeza, um na administração e três na recepção. Por fim, serão consideradas 33 pessoas fixas. Como o ambiente permite a entrada de pessoas para participar de eventos na área livre e também para ver as exposições temporárias que acontecem, podemos considerar que pode haver até um total de 90 pessoas externas participando desses eventos periódicos.

8.5 ESTRUTURA DA EDIFICAÇÃO

A estrutura pode ser separada em duas seções: a da parte sul, representada em vermelho no esquema abaixo, que consiste basicamente em estrutura de concreto armado e alvenaria de fechamento; e a parte norte, representada em verde, que é a grande estrutura da cobertura escultural do projeto.

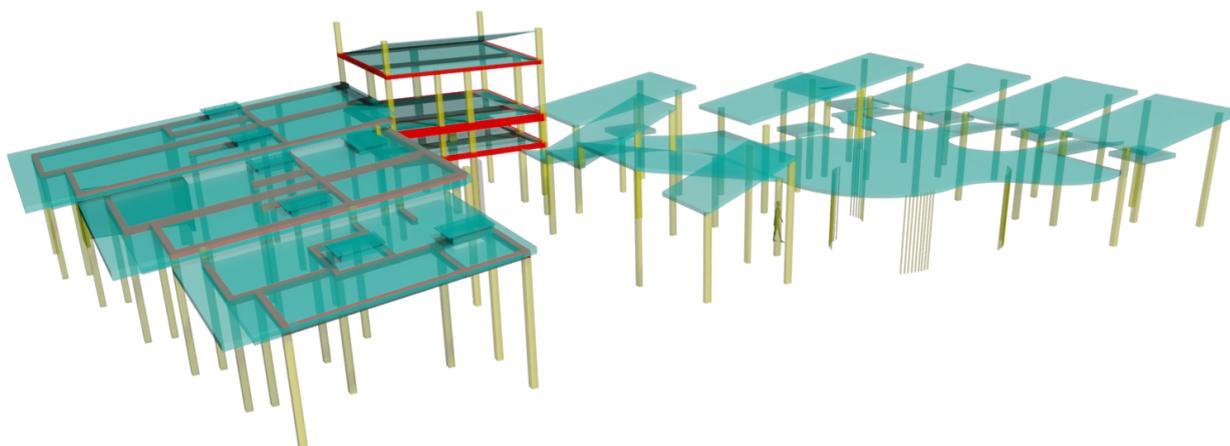
Figura 18: Esquema estrutural das duas estruturas de cobertura da edificação



Fonte: elaboração autoral (2022).

A primeira seção do projeto consiste em paredes de alvenaria com pilares e laje em concreto armado na espessura de 35cm, com a área da caixa d'água a noroeste. Com intuito de esconder as colunas, as paredes foram niveladas com 20cm, garantindo mais conforto térmico para os ambientes internos. A parte ao norte comporta os ateliês: o comunitário, mais ao centro, e a grande marquise da área central. Toda essa área é composta de estrutura em concreto armado, onde as vigas são representadas em vermelho, as colunas em amarelo e as lajes de concreto em turquesa. As áreas dos ateliês contam com a mesma estrutura em concreto armado, mas em escala menor. As vigas de concreto são representadas em vermelho, as colunas de concreto armado em amarelo, as colunas esbeltas em aço, da parte externa, são representadas em roxo, e as lajes de concreto em turquesa. A marquise encontra a edificação em pontos estratégicos onde foram instalados vigas ou colunas para seu suporte, e nas áreas mais afastadas, as colunas circulares sustentam a força e garantem um apelo estético que conversa com as linhas verticais das esquadrias em madeira dos ateliês e da grande cobertura da área externa. A marquise serve para proteger da chuva e intempéries o caminho do artista entre a recepção, cozinha e sala dos ateliês, além de permitir o uso da área externa em todo o período do ano.

Figura 19: Esquema da estrutura em concreto armado

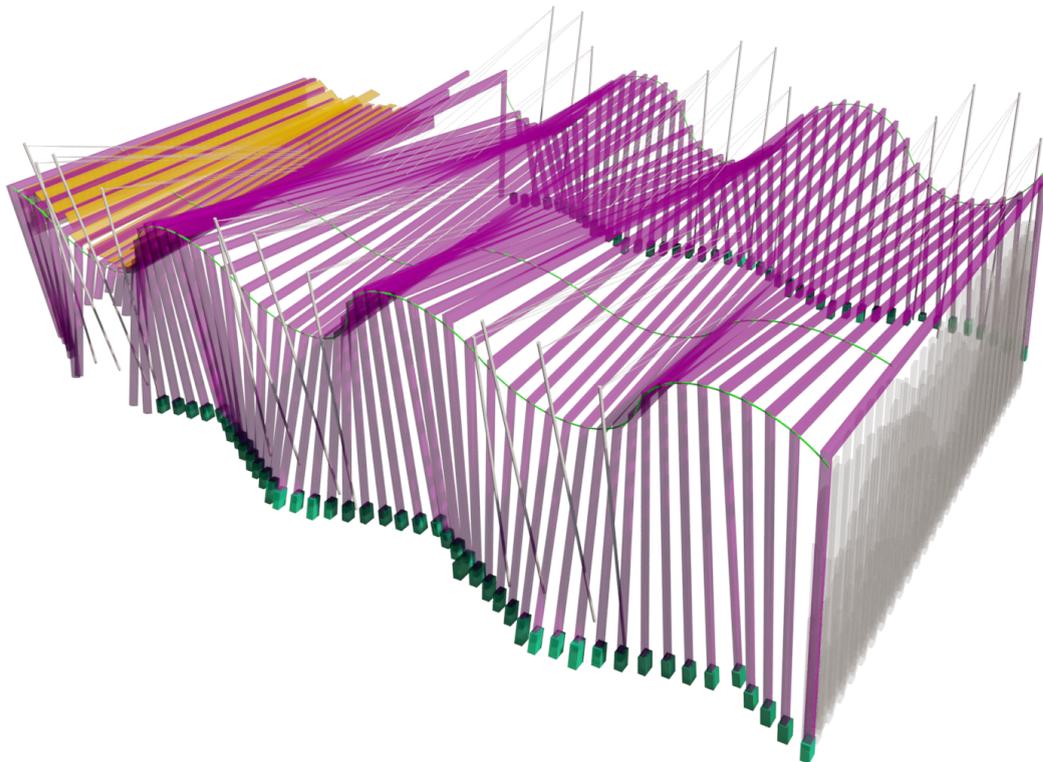


Fonte: elaboração autoral (2022).

Por fim, a estrutura de maior escala do projeto se trata da cobertura de 21m de largura por 30m de comprimento, a área principal da volumetria, que cria um invólucro

físico para as áreas internas do projeto sem privar totalmente a passagem de iluminação e ventilação natural, além de criar uma perspectiva atrativa para a residência artística. A estrutura é toda elaborada em madeira maciça de 15cm x 25cm, representada em roxo. Para proteger a madeira da umidade ascendente do solo foram instalados caixotes de concreto até a altura de 25cm do solo, representado em verde, onde 25cm da madeira fica protegida com o concreto envolvendo-a, e seguindo até a fundação, fixando as vigas de madeira firmemente no solo. Nas áreas da recepção e comunitárias, a cobertura em madeira recebe um fechamento em placa de concreto de 5mm, que estão dispostas em laranja, como mostra o esquema abaixo. Elas usam como apoio as vigas de madeira e a parede da caixa d'água, a oeste. Essa estrutura faz um fechamento completo dessa área até o limite da área do ateliê coletivo. Nas outras áreas livres o fechamento será parcial, com a marquise de pé direito mais baixo, garantindo insolação para o plantio de vegetação.

Figura 20: Esquema estrutural da cobertura de vigas de madeira

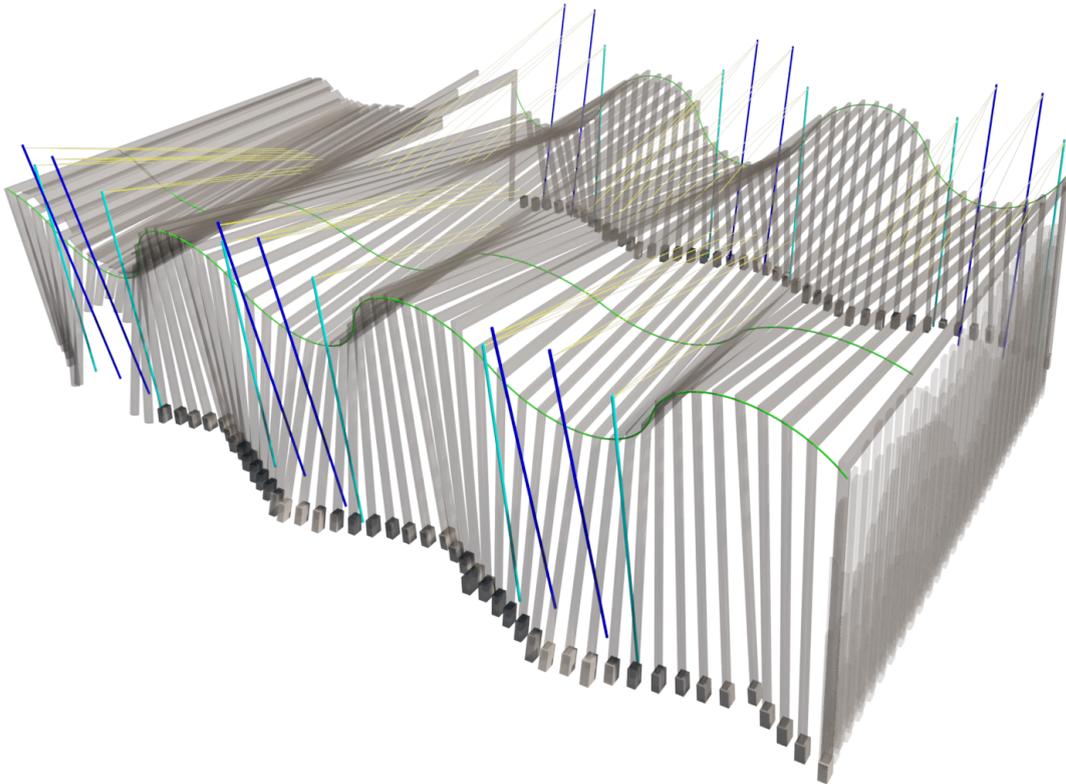


Fonte: elaboração autoral (2022).

Para garantir que a estrutura será estável, foi projetado todo um sistema de tensionamento, utilizando um total de 23 vigas de ferro, sendo 11 vigas de 7.9m

(representadas em azul turquesa no esquema abaixo) e 12 vigas de 9.15m (representadas em azul escuro no esquema abaixo), onde cada uma dessas vigas suportam 3 tirantes de aço, ligados quase ao centro do comprimento da viga de madeira, tensionando a estrutura. Elas foram colocadas de maneira intercalada nas áreas limites mais baixas da estrutura, fazendo o contraponto com sua altura na outra ponta. Por fim, a inclinação das colunas em madeira na direção oposta aos tirantes garante o contraponto para o tensionamento. Para uniformizar as forças nas vigas em madeira foram instalados 4 perfis circulares que cruzam toda a estrutura e se fixam nas paredes de concreto ao sul, passando por todas as vigas de madeira, representada no esquema na cor verde.

Figura 21: Esquema estrutural dos tirantes e cabos de aço da estrutura tensionada



Fonte: elaboração autoral (2022).

8.6 ASPECTOS FUNCIONAIS

A estrutura da cobertura na área dos ateliês cria uma barreira física para o entorno da área verde, garantindo um controle de acesso devido ao caráter privado da edificação, sendo a entrada ao público direcionada à frente da recepção, onde a administração do local pode ter certo controle da entrada de pessoas. A cobertura

apresenta aberturas, lembrando a característica de um pergolado, permitindo a passagem de ventilação para o conforto térmico e a insolação para o paisagismo presente nas áreas verdes.

Figura 22: Planta baixa do projeto



Fonte: elaboração autoral (2022).

O projeto conta com uma área livre de 250m² que é perfeita para a criação de oficinas, *workshops*, apresentações de trabalhos, exposições ou também eventos que ajudarão a residência a arrecadar fundos para o contínuo funcionamento do projeto. Além disso, permite a criação de projetos por parte dos artistas que dependam de um espaço físico abrangente. Existe uma área destinada, a bar no centro da marquise, que segue o ritmo curvo da mesma e da paginação de piso de toda a área externa, que funcionará em dias de evento ou também durante os fins de semana, onde a cena local artística poderá participar e acompanhar o projeto com um pouco de lazer. Esses espaços de convívio ao ar livre incentivam a contemplação e permitem a conexão entre a paisagem horizontal da orla. A cobertura dá ênfase ao dinamismo e movimento interna e externamente, e cria o marco visual artístico.

Figura 23: Imagem da área aberta interna da edificação



Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 24: Imagem da área aberta interna da edificação



Fonte: elaboração autoral (2022).

O pé direito dos quartos aumenta de acordo com a quantidade de pessoas e camas e, conseqüentemente, o mobiliário que o espaço possui, fornecendo um escape da sensação de espaço apertado. Os móveis foram pensados para satisfazer às necessidades de trabalhar, descansar e estudar, que adiante será mais detalhado.

Figura 25: Imagens do Quarto 1, Quarto 3 e Quarto 6



Fonte: elaboração autoral (2022).

O acesso principal é convidativo para os pedestres, ocorrendo por meio de rampas, assim como o acesso de veículos na parte leste. O percurso para os usuários comuns, ou seja, tanto os hóspedes quanto usuários da cafeteria ou até mesmo administrativo, ocorrerá no mesmo piso, com pequenas diferenças de nível da rua, vencida por rampas. As lajes na espessura de 38cm foram pensadas para garantir conforto térmico, aumentando sua massa, retardando, com sua dimensão, a troca de calor do telhado com o interior do ambiente. Nos banheiros foram instaladas claraboias como esquadrias, criando um efeito especial nesses ambientes, que ficaram instalados entre os quartos e o corredor interno. Na parte das janelas foram instalados perfis em madeira para promover a segurança, fazendo um apelo estético e compositivo da volumetria.

Figura 26: Imagem da área externa da edificação



Fonte: elaboração autoral (2022).

As paredes internas das áreas comuns, da cozinha, sala e da recepção foram erguidas até a altura da cobertura de madeira, com um grande vão que cria uma espécie de vitrine, gerando espaços disponíveis para exposição das artes criadas pelos artistas residentes, e o restante das paredes, que não apresentam a vitrine, foram mantidas com altura suficiente para permitir a criação e exposição de arte muralista temporária ou quadros. A maioria do público da tipologia hostel e residência artística do projeto são jovens, com isso, é necessária uma experiência espacial estimulante, com texturas diferenciadas, cores e espaços generosos. Nessa perspectiva a cobertura em níveis diferentes e as paredes expositivas garantem a dinamicidade necessária para atrair a atenção do público, além de transformá-lo em um espaço instagramável — ou seja, atrativo e interessante o suficiente para ser publicado na rede social Instagram —, o que se torna uma ferramenta de marketing importante para a divulgação do espaço para outras pessoas dessa mesma faixa etária, que são a maior parte dos usuários.

Figura 27: Imagem da área interna com as paredes expositivas, com possibilidade de instalação de obras, quadros e elaboração de grafite e murais



Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 28: Imagem da área interna com a vitrine expositiva



Fonte: elaboração autoral (2022).

O espaço de ateliê coletivo foi instalado no terreno entre os ateliês privativos, próximo à área aberta e às áreas de uso coletivo ao sul, marcando especificamente a

divisão das áreas da hotelaria e dos ateliês. Essa será uma zona com atividades constantes e pode ser utilizada para criar interesse nos transeuntes para conhecer a dinâmica do empreendimento, com isso foi pensada com o maior número de aberturas possíveis, garantindo que tanto os artistas enquanto estão produzindo tivessem contato com a paisagem da orla e do paisagismo da área externa, quanto para quem passa possa observar a produção artística de quem está utilizando o espaço. A escolha das esquadrias do tipo camarão serve para que o ambiente seja obstruído o mínimo possível quando abertas, diminuindo as barreiras visuais e, portanto, aumentando a conexão da sala comunitária e a recepção com a área aberta no centro da edificação.

Figura 29: Imagem da conexão da sala comunitária com o ateliê coletivo



Fonte: elaboração autoral (2022).

Com base no conceito de experiência de vida conjunta e intercâmbio interdisciplinar entre os usuários da edificação, os ateliês não foram dotados de cozinha, fazendo essas áreas serem de uso comum, intensificando mais o contato entre eles. Porém, para garantir que houvessem espaços de interiorização e privacidade dos artistas, os quartos das residências são dotados de espaço de ateliê pessoal, além do projeto trazer duas áreas externas afastadas para uso mais intimista, onde os próprios ateliês formam uma barreira física criando dois jardins menores, que podem ser usados para a inspiração e ocupação desses espaços em um modo mais intimista e com mais privacidade do que o grande jardim central.

Figura 30: Imagem do jardim privado a norte



Fonte: elaboração autoral (2022).

Para que a área central pudesse ser utilizada durante todos os períodos do ano, sem ser prejudicada pelas intempéries ou insolação intensiva, foi incorporada uma grande marquise que segue as linhas curvas da ambientação do piso externo, conversando com toda a estrutura. Essa marquise liga todos os ateliês à recepção e também à cozinha, e se sustenta nas colunas de cada ateliê. Já no ateliê coletivo, na área central, foram adotadas pequenas colunas circulares em ritmo que harmonizam com as diversas linhas verticais criadas pela cobertura de madeira, criando uma composição estética. O projeto busca propor um local de realização de diversos eventos durante toda a semana, que sejam abertos ao público externo, e conte com eventos sociais, apresentações e exposições artísticas, aulas de yoga, e diversas outras atividades, que possam ser ministradas pelos próprios intercambistas e hóspedes do local, garantindo a troca cultural entre os usuários. Além disso, esses eventos irão buscar proporcionar ao hostel, visibilidade, vivacidade, além de movimentar as vendas do bar e das artes produzidas no local, garantindo a viabilidade do projeto.

Figura 31: Imagem da marquise curva fazendo composição com a estrutura externa



Fonte: elaboração autoral (2022).

Embora a implantação do projeto seja em um terreno de esquina, o que garante que pelo ângulo da localização dos quartos na fachada sul se ofereça uma vista da orla de Cruz das Almas foi um recuo de 60cm em cada uma das paredes leste, para que cada quarto possuísse uma janela que formasse um ângulo reto com o mar, garantindo que mesmo com a mudança de construções no entorno, ainda haja sempre a vista para o mar no hostel, que será um grande diferencial para a cidade, que possui seus hotéis localizados distantes da orla. Para proteger as esquadrias da intensa maresia proveniente do lado leste, a área ao sul possui um espaço reservado para plantação de vegetação, uma área verde que funcionará como barreira, além de garantir maior privacidade para os quartos da hotelaria.

Figura 32: Imagem da área das esquadrias da hotelaria ao sul, com vista para o recuo e a vegetação de proteção das esquadrias



Fonte: elaboração autoral (2022).

As áreas comuns foram pensadas todas sem paredes para que as trocas e as relações sociais fossem mais incentivadas, e o tempo do artista residente no projeto fosse aproveitado da forma mais coletiva possível. Assim, nas áreas comunitárias em conceito aberto foi garantida a vista para o mar. Com essa condição, tanto os quartos da hotelaria, as áreas comunitárias, as áreas livres e todos os ateliês tiveram acesso à vista da orla marítima, aspecto priorizado na elaboração da implantação de cada área do projeto, que apresentava grande potencial a ser explorado.

Figura 33: Imagem da perspectiva interna com vista para o mar das áreas comuns



Fonte: elaboração autoral (2022).

A estrutura de madeira, que serve como invólucro para a área central da edificação, foi dotada parcialmente de panos de vidro na fachada leste, protegendo estas áreas da maresia proveniente do mar.

Figura 34: Imagem da fachada leste com os panos de vidro



Fonte: elaboração autoral (2022).

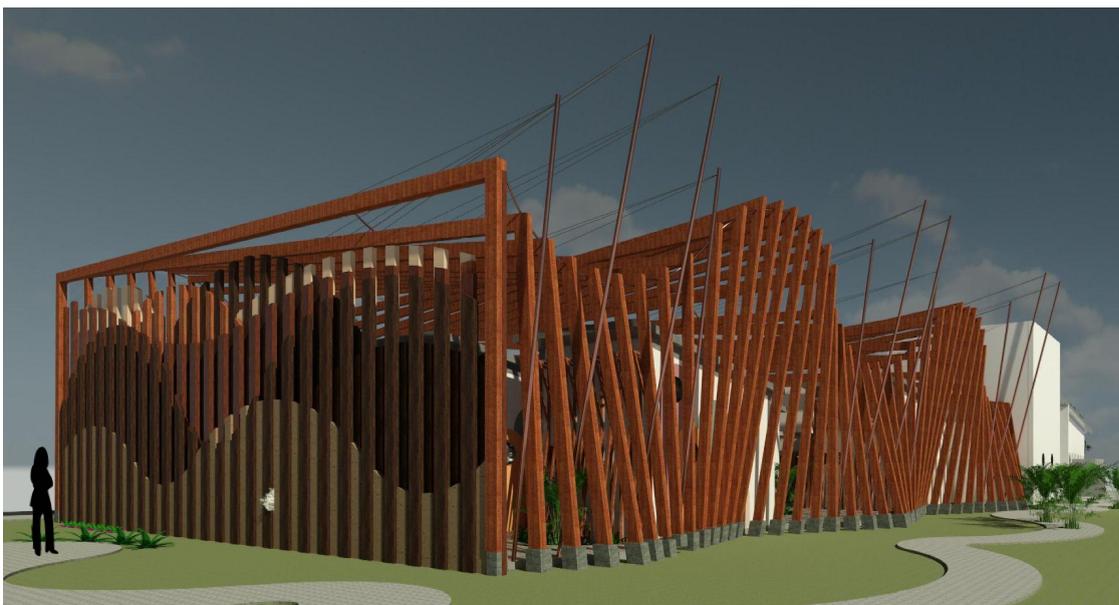
Embora o projeto conte com áreas mais abertas e o mais acessíveis possível, a área dos quartos da hotelaria apresenta um fechamento necessário para o controle de hóspedes e entrada de pessoas não autorizadas. Por isso, o acesso do público a

esses locais se dá em uma entrada única, próxima à entrada e em frente à recepção, de forma que a administração pode ter controle da entrada de pessoas não autorizadas aos quartos.

Na fachada oeste foi possível a instalação de duas entradas de serviços, que garantiram acesso direto à edificação tanto pela parte sul quanto pela parte norte. Na entrada a sul existe uma ligação com a vaga para ônibus coletivo que pode ser utilizada também para carga e descarga. Nesta área também foi instalada a casa de lixos com acesso próximo à via. Uma das entradas fica no corredor da hotelaria, que permite o acesso também à administração e à recepção, a outra entrada é localizada na lavanderia, que dá acesso ao depósito de material de limpeza (DML) e roupeiro. Essa área cria uma espécie de hall de acesso de serviço, que tem conexão direta com o corredor dos quartos e com a área dos banheiros e da cozinha, sem precisar passar pela recepção.

As áreas limítrofes do terreno na região oeste e nordeste apresentam grandes espaços sem impermeabilização e instalação de piso, para que sejam plantadas grande variedade de árvores e arbustos, que funcionarão não apenas como parte estética do projeto, mas como barreira para a insolação intensa nessas fachadas.

Figura 35: Imagem das fachadas norte e oeste com espaço previsto para paisagismo e plantio de espécies arbóreas

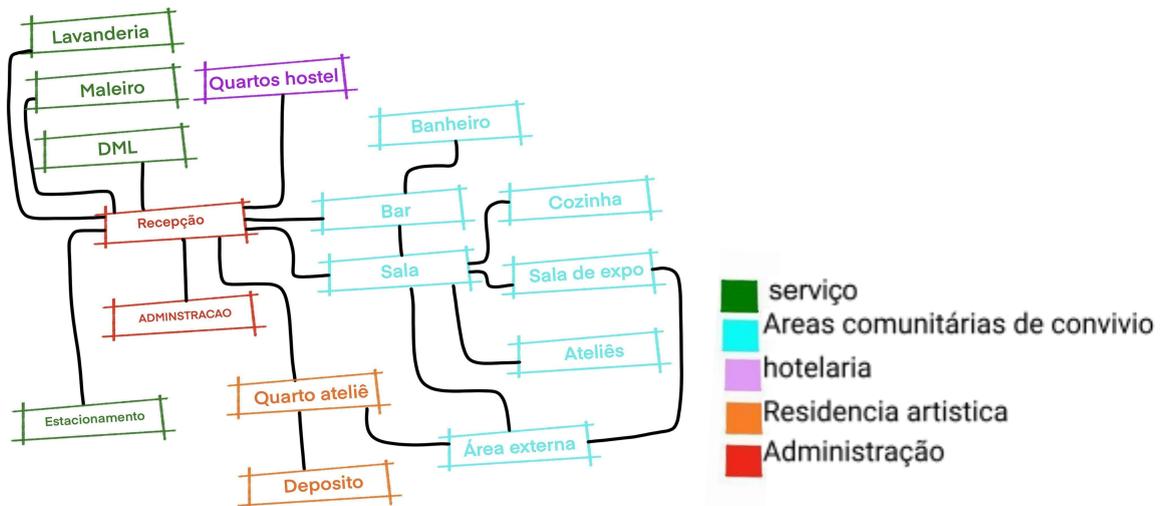


Fonte: elaboração autoral (2022).

8.7 FLUXOS E SETORIZAÇÃO

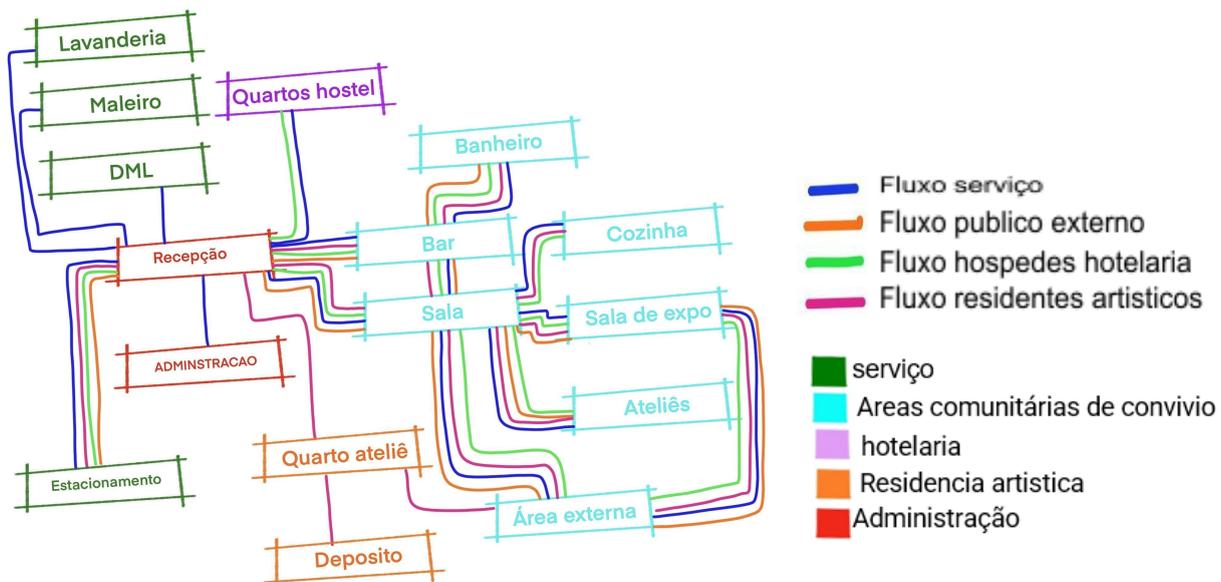
Durante o processo inicial do projeto foi estabelecido um fluxograma que foi utilizado como base para a criação e implementação dos ambientes no terreno. A proposta inicial consistia nos dois esquemas abaixo, que separavam as áreas da hotelaria, ateliês, áreas comunitárias e administração e serviço.

Figura 36: Fluxograma e setorização inicial do projeto



Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 37: Segunda proposta de fluxograma e setorização do projeto

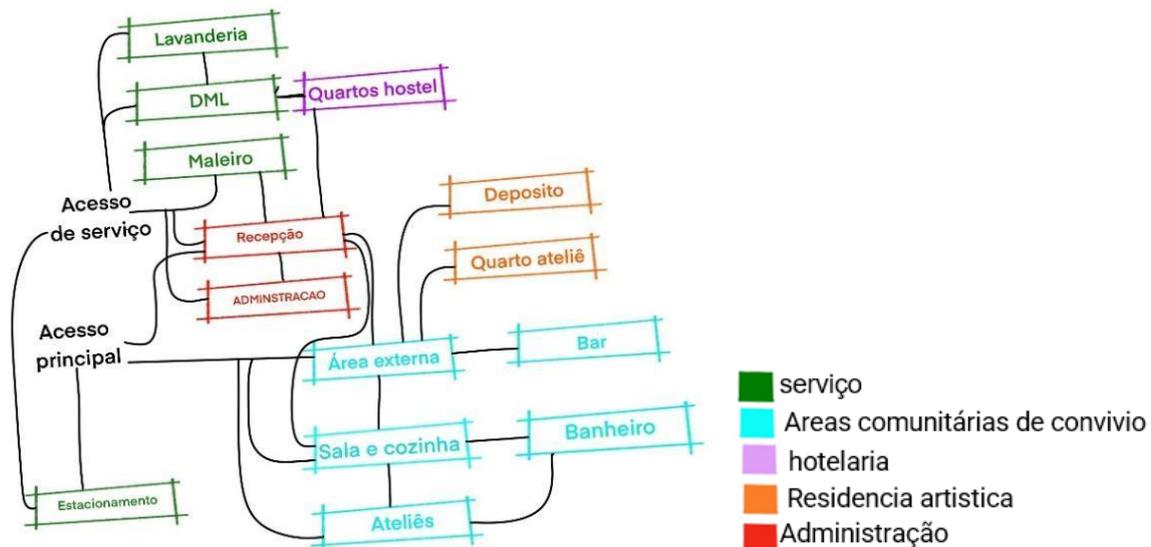


Fonte: elaboração autoral (2022).

Foi possível manter uma disposição similar à pensada inicialmente, garantindo a separação das áreas de serviço, hotelaria e ateliê de maneira satisfatória como pode-se ver nos esquemas abaixo. A área de serviço ficou separada, com entrada única que a liga tanto à hotelaria quanto às áreas comuns e com fácil acesso aos banheiros da área central, criando toda a ligação pela área de depósito de materiais, que foi pensado em uma dimensão ideal para ser utilizado também como roupeiro e

conexão entre essas áreas, além de ser conectado diretamente com a área externa de lavanderia, que dá acesso ao depósito de lixo e à entrada de carga e descarga pela rua lateral. As áreas comunitárias foram utilizadas como meio de comunicação entre todas as áreas da edificação, da hotelaria, recepção, ateliês e área verde.

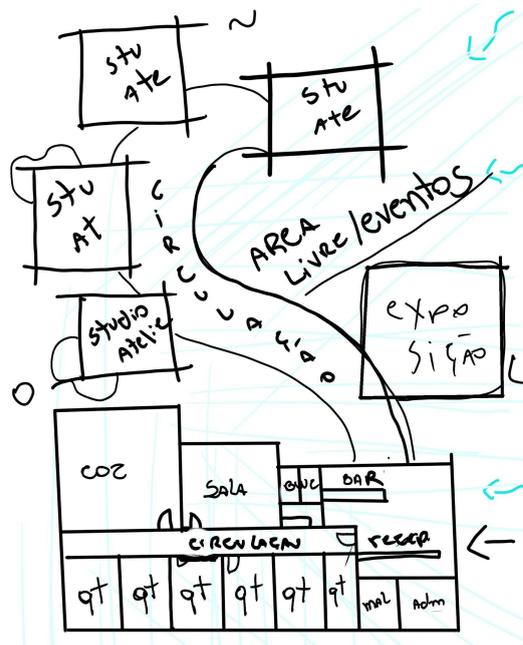
Figura 38: Fluxograma final do projeto



Fonte: elaboração autoral (2022).

A setorização inicial previa o jogo de cheios e vazios desejado na área dos ateliês, que foi mantido também no projeto final, mas ainda fornecia uma implantação muito rígida e fechada na área da hotelaria, não permitindo todos os ambientes com a vista para o mar, sem criar espaços de uso coletivo que inspirasse a sua utilização e ocupação. Sabendo que em tipologias como hostel essas áreas são as principais áreas de convívio e permanência, era necessário priorizá-las no projeto, tanto no sentido do conforto térmico quanto no sentido de implantação no terreno.

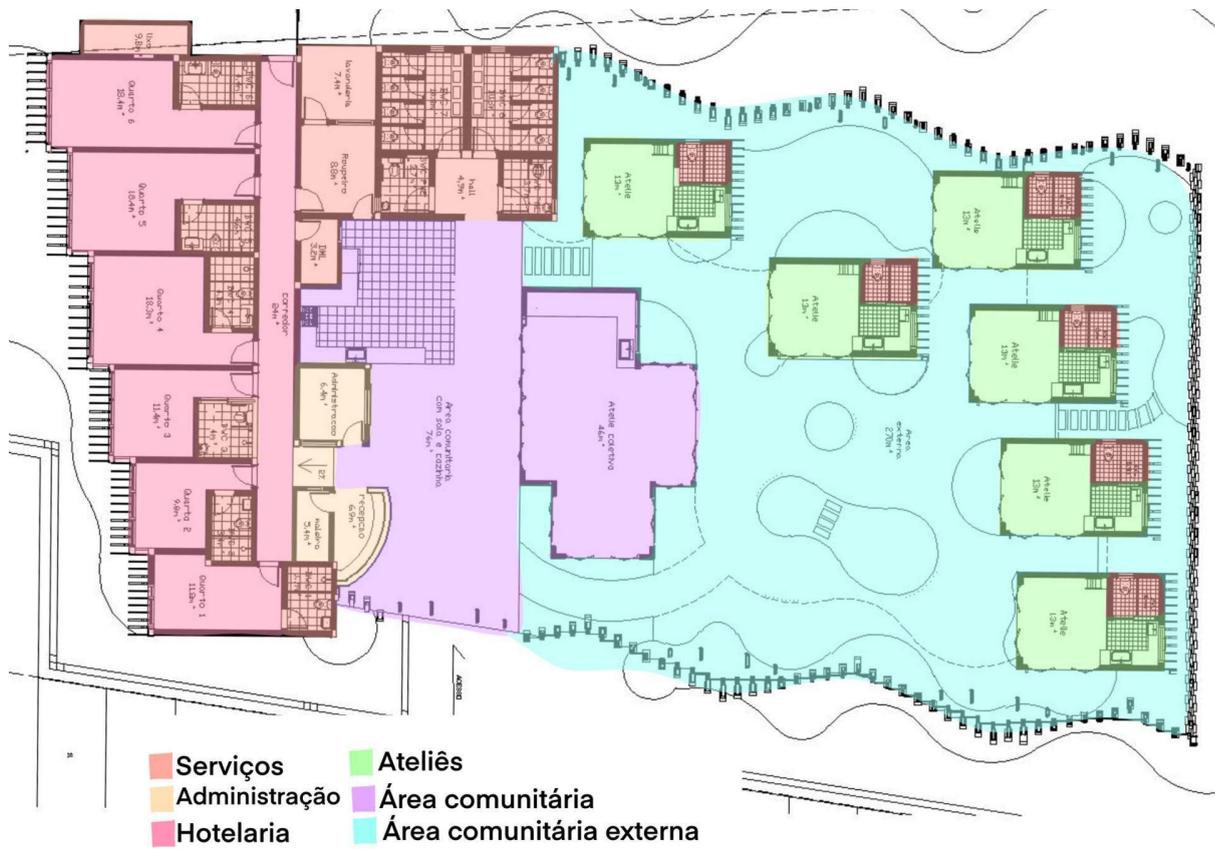
Figura 39: Croqui inicial da implantação dos ambientes do projeto



Fonte: elaboração autoral (2022).

A implantação escolhida foi uma parte mais fechada na parte dos quartos, que se faz necessário para haver controle por parte da administração e recepção, mas todo o resto dos ambientes espalhados de maneira mais livre e aberta no terreno. A área central serve como uma conexão entre a hotelaria, área de serviços e da área verde dos ateliês, e também será a área utilizada por todos os usuários da edificação. Nesse sentido, foi possível fazer com que todos os ambientes de uso coletivo tivessem vista para o mar. O marco da divisão da hotelaria para a residência artística se deu pelo volume central do ateliê coletivo, que foi pensado com a maior quantidade possível de aberturas, permitindo o fluxo livre entre as áreas coletivas do projeto.

Figura 40: Setorização do projeto



Fonte: elaboração autoral (2022).

O setor da hotelaria é composto pelas acomodações dos hóspedes na parte sul, onde oferece as funções de repouso, higiene e também de trabalho ou estudo devido ao mobiliário pensado para os ambientes. O hostel tem cada um dos 6 quartos com dimensões diferentes, sendo um deles para quatro pessoas, dois para duas pessoas — sendo um deles garantindo acessibilidade para portadores de necessidades especiais —, e três quartos para seis pessoas. Todos os quartos possuem banheiro privativo com claraboia em vidro transparente na área do chuveiro. Os quartos para quatro pessoas ou mais possuem beliches privativos fechados nas laterais, garantindo um espaço pessoal mais íntimo, e abaixo das camas e do sofá contêm *lockers* com rodinhas para guardar os pertences dos hóspedes. Nessa área foi priorizada a ventilação e implantação a sul, visando a entrada de iluminação natural sem insolação direta intensa, para o bem-estar dos hóspedes.

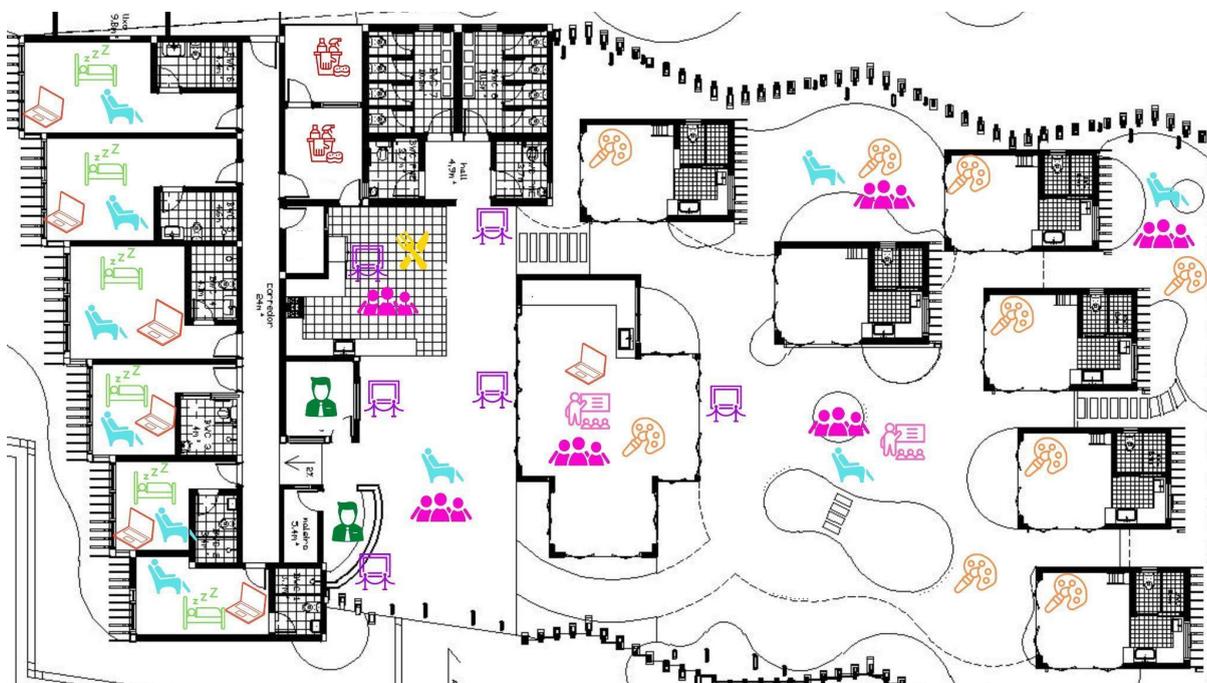
O setor de serviços é composto pela lavanderia, lixo, depósito de materiais e roupeiro e banheiros da área centro-oeste. Essa área foi centralizada na parte menos favorecida em ventilação e insolação, pois não são áreas usadas por longos períodos

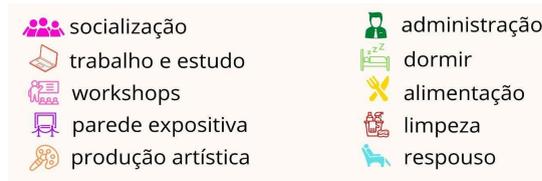
de tempo. A lavanderia não funciona com abertura coletiva, mas pode ser incluída como serviço adicional para os hóspedes. Essa área possui acesso separado pela fachada oeste. O setor administrativo, composto pela recepção, maleiro e administração, também fica localizado no complexo da hotelaria a sul do terreno, o acesso é possível tanto pela entrada principal próxima ao estacionamento ou no acesso de serviços a oeste.

O setor de lazer e social é composto pelo ateliê comunitário, sala, cozinha e área aberta. Embora a cozinha seja mais comumente considerada área de serviço, percebe-se uma utilização de convívio e contato social nas construções dessa tipologia, característica que será ainda mais acentuada pelo conceito aberto e sua proximidade com a sala e o ateliê. Essas áreas foram pensadas de forma mais aberta e sem barreiras possíveis, garantindo um caráter mais convidativo e social.

O setor da residência artística é composto pelos seis ateliês implantados na área mais a norte do terreno, acessados somente pelos artistas residentes, garantindo privacidade e recolhimento dependendo da necessidade da produção artística de cada um.

Figura 41: Esquema com atividades exercidas no projeto





Fonte: elaboração autoral (2022).

8.8 ASPECTOS ESTÉTICOS COMPOSITIVOS

Embora a cobertura apresente linhas anguladas, as bordas criam uma sinuosidade curva que pode ser vista internamente e externamente, que remete as ondas do mar, bem em frente a sua implantação. Da mesma forma, a fachada a norte apresenta uma estrutura de madeira também com formas de ondas, que além de criar a referência ao mar, protege da insolação intensa que ocorre nesse sentido. Complementando toda a volumetria da cobertura, a parede norte, que tem maior fechamento por receber intensa insolação em alguns períodos do ano, apresenta detalhamento em madeira com formas curvas em diferentes colorações, permitindo a identificação de cada uma das ondulações. Toda a área aberta segue o ritmo de ondas curvas: o bar, a paginação dos pisos e a marquise complementando esses aspectos.

Figura 42: Imagem da área externa da edificação mostrando as formas curvas utilizadas na cobertura e no fechamento da parede norte



Fonte: elaboração autoral (2022).

O papel do paisagismo na composição veio como o contraste da criação humana orgânica e da criação estática material da construção. As cobertas e os detalhes em madeiras apresentam ângulos oblíquos e formas retas, e o paisagismo contribui, diversificando com suas formas orgânicas, circulares e onduladas sobre todo o piso interno e externo da edificação. A cobertura apresenta linhas em ângulo que são também implementadas na volumetria dos ateliês, tanto na laje de uma única água quanto nos detalhes adicionados e madeira na parede ao sul da hotelaria e ao norte dos ateliês privativos, criando um aspecto formal que conversa com a da hotelaria, onde foram implementados os mesmos detalhes construtivos de madeira, gerando também maior segurança a abertura das esquadrias dos quartos. As lajes inclinadas, por fim, complementam a estética em alvenaria do projeto. A coberta da área aberta apresenta grande complexidade estética e formal, por isso a laje dos quartos foi escalonada em 3 níveis diferentes, trazendo uma referência ao escalonamento em madeira do restante da construção.

Figura 43: Imagem da área interna da edificação mostrando a angulação dos perfis em madeira



Fonte: elaboração autoral (2022).

8.9 MOBILIÁRIO ESPECÍFICO

8.9.1 Unidades do hostel

Com o avanço da pandemia do novo Coronavírus (SARS-CoV-2), uma das soluções implementadas no Brasil e em diversas partes do mundo para garantir a manutenção do funcionamento da economia e a continuidade do oferecimento de serviços à sociedade foi o trabalho do tipo *home office*. Essa realidade somente foi possível devido aos avanços tecnológicos ampliados a partir do século XXI, que possibilitaram, entre outros, o desenvolvimento das ferramentas tecnológicas, permitindo o uso dos dispositivos na execução das diversas atividades, entre elas, as laborais (OLIVEIRA, 2021, p. 5). Além disso, esses avanços tecnológicos também viabilizaram o nomadismo digital, em que pessoas mantêm suas atividades laborais digitalmente e *online*, não precisando se manter em uma localização geográfica fixa.

Durante quase toda a viagem que fiz pelo Brasil, me hospedei em Hostels, assim, toda a minha produção acadêmica e artística foram feitas nessas acomodações e dentro dessa realidade. Pude perceber que uma boa parcela das pessoas utilizando os hostels que eu frequentava eram também adeptos ao conceito de nômades digitais ou estavam trabalhando com o estilo *home office*. Os hotéis, em suas definições projetuais e NBR, não precisam, obrigatoriamente, oferecer espaços de trabalho ou *coworking*, prejudicando assim o desempenho desses jovens. Nesta experiência, foi possível elencar quatro categorias no quesito espaço de produção artística e estudo nos hostels em que eu passei.

A primeira categoria foram hostels mais focados em turistas de curto período, esses ficam, em sua maioria, em cidades grandes, então havia quartos onde todos os espaços possíveis eram preenchidos com camas, não havendo mais nenhum tipo de mobiliário nos quartos. Esses hostels contavam ou com alguma mesa na cozinha ou uma mesa de uso comunitário nos espaços destinados à socialização entre os hóspedes que serviram como apoio para meu computador de estudos. Outro tipo de hostel são aqueles que já possuem mais espaço nos quartos, então podem chegar a ter uma penteadeira ou uma escrivaninha, que deve ser dividida entre todos os hóspedes do quarto, por esse motivo são mobiliários que estão quase sempre em uso ou preenchidos por itens de outros usuários, principalmente em dias de mais movimento. Nesses casos, poucas vezes era possível utilizar a mesa para estudo, sendo ainda necessário utilizar as mesas dos espaços coletivos. As escrivaninhas,

por serem pequenas, não comportavam tintas e materiais de desenhos, já que minha produção é de telas ou paredes, em escala maior que as folhas A4, então também não serviam bem para minha produção artística.

A terceira categoria de hostel é aqueles que não apresentaram mobiliário de estudo ou trabalho nos quartos e apresentavam apenas mesa ou balcão de cozinha, dificultando a elaboração de qualquer atividade, principalmente nos períodos do café da manhã, almoço, janta e aos fins de semana, durante quase todo o período da tarde. Nesses hostels algumas vezes era necessário estudar na própria beliche ou em algum sofá, sendo impossível a criação de qualquer obra de arte física. E por último, houve os hostels que possuíam alguma mesa que não estava localizada na maior área de socialização, sendo, conseqüentemente, menos usada e mais fácil para a produção artística ou para estudar. No total, na minha viagem, conheci apenas dois hotéis que puderam se enquadrar nessa categoria, e foram, conseqüentemente, os que tive maior desempenho, tanto nos estudos acadêmicos quanto na minha produção artística.

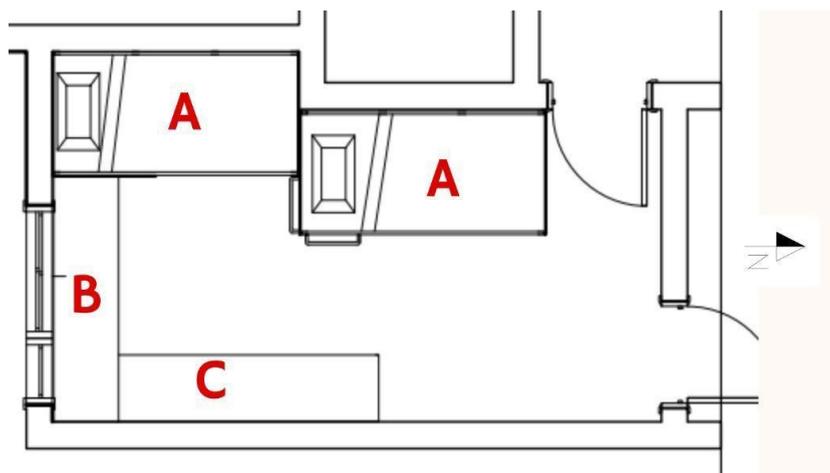
Em todos os casos, a melhor solução tendia a ser a utilização dos espaços coletivos, o que mostrava ser interessante do ponto de vista da socialização, pois, embora os usuários estivessem estudando ou trabalhando, era possível ainda se relacionar com outras pessoas. Mas existem momentos de produtividade em que deve haver um pouco mais de introspecção e silêncio, quando a quantidade de barulho e atividades podem atrapalhar o foco e a concentração, e, conseqüentemente, o nível de produção. Nesses casos que conheci e citei, as hospedagens estilos hostel ainda não fornecem espaços que sejam satisfatórios nesse quesito.

Pensando nisso, e também valendo-me de uma forma de adaptar a uma demanda contemporânea, assim como a própria residência artística responde a uma demanda contemporânea de viagem e aprendizado, para o projeto aqui apresentado foram pensados mobiliários específicos para os quartos, onde os usuários possam espaços de estudo ou trabalho de forma mais tranquila e confortável, garantindo um bom desempenho de trabalho nos ambientes do hostel, já que possibilitariam mais silêncio e tranquilidade para estudar ou trabalhar que o próprio quarto e um local utilizado para descanso e repouso, sendo diversas vezes reiterado em outros estabelecimentos dessa tipologia a regra de não fazer barulho nos quartos e manter o

convívio social nas áreas comunitárias. Com isso, o ambiente se apresenta mais apropriado para a utilização desse mobiliário.

Para garantir privacidade, as beliches (A) foram projetadas no estilo cápsula, onde cada usuário pode se utilizar como um espaço privado. Foram pensadas escrivaninhas (B) para todos os quartos, como mesas de trabalhos de dimensões que comportassem mais de um pessoa utilizando-as, ao mesmo tempo, certificando que todos os usuários tivessem espaços disponíveis sempre que necessário. Assim, se garante ainda mais qualidade para os usuários do hostel. Foram instalados sofás (C) estilo puff, que pode ser utilizado para estudos com notebook, leitura, além de outras atividades de repouso. Nos quartos maiores, ainda foi possível acrescentar sofás em maiores dimensões próximos às janelas.

Figura 44: Planta falada do quarto 1 com descrição do mobiliário



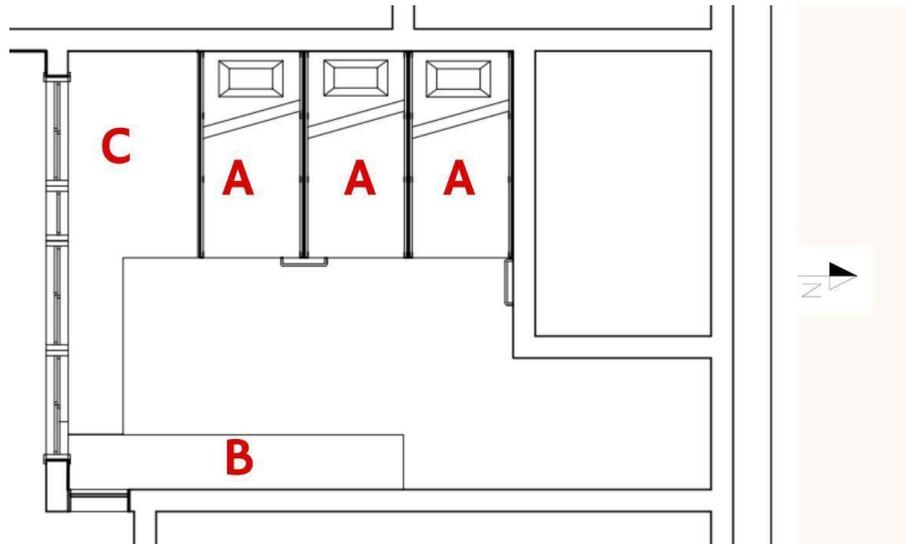
Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 45: Imagem do mobiliário do Quarto 1



Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 46: Planta falada do Quarto 4 com descrição do mobiliário



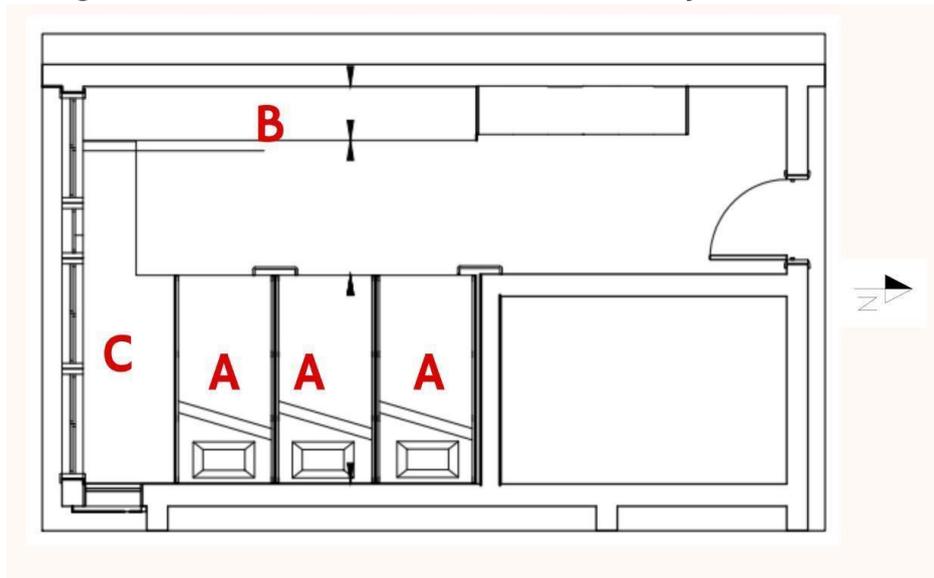
Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 47: Imagem do mobiliário do Quarto 4 com descrição do mobiliário



Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 48: Planta falada do Quarto 5 com descrição do mobiliário



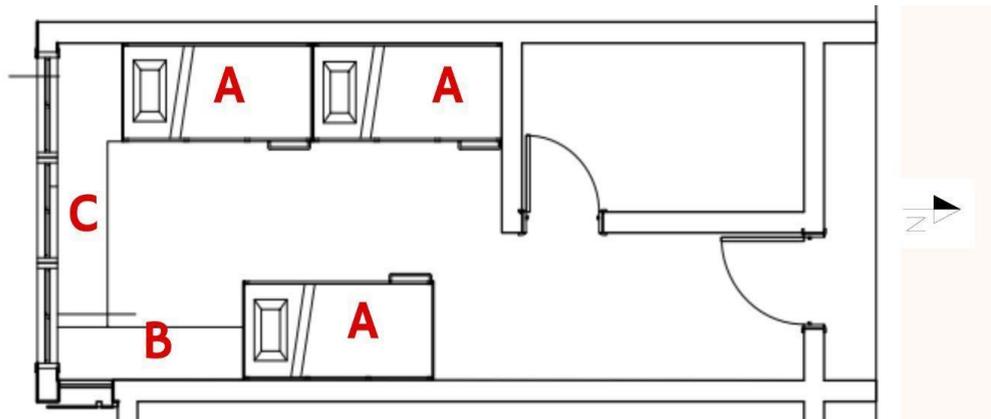
Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 49: Imagem do mobiliário do Quarto 5



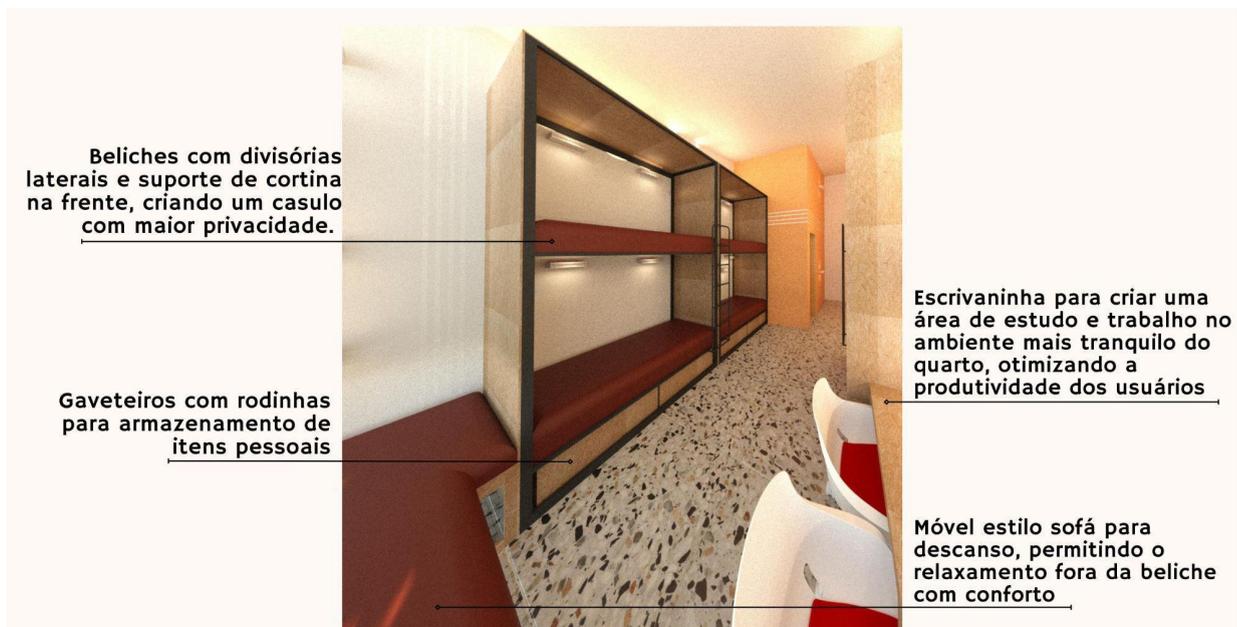
Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 50: Planta falada do Quarto 6 com descrição do mobiliário



Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 51: Imagem do mobiliário do Quarto 4



Fonte: elaboração autoral (2022).

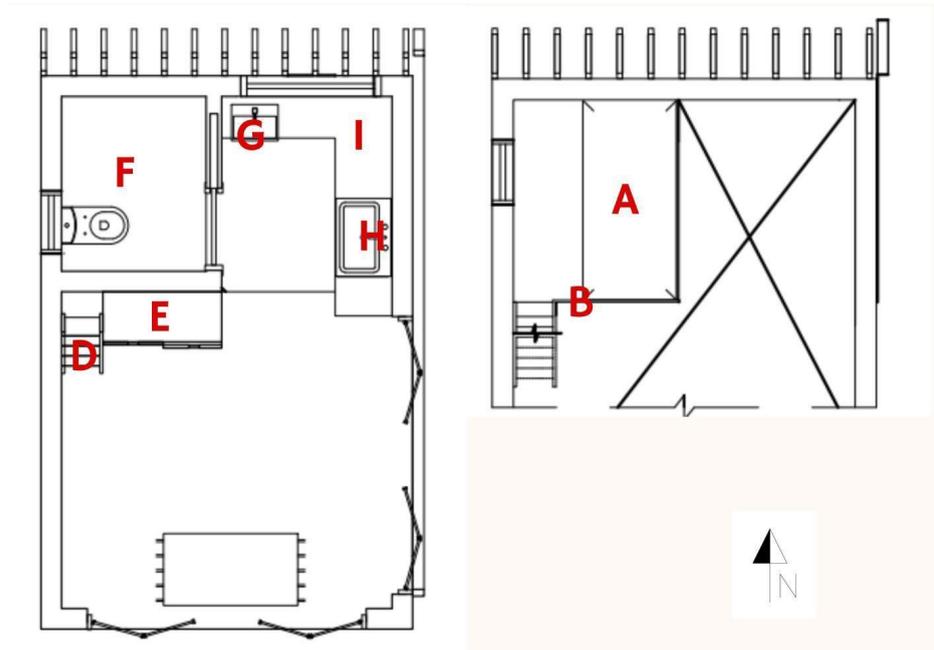
8.9.2 Ateliês dos residentes artísticos

Embora seja possível utilizar das mesas disponíveis nas áreas comunitárias dos hotéis, tanto para estudo quanto para trabalho, elas não apresentavam condições necessárias para a elaboração artística, já que para esta era necessário um espaço maior da mesa para apoio dos materiais necessários, que podem ser lápis, canetas, tintas, pincéis, telas, ferramentas de esculpir e outros materiais diversos, que dependem de cada artista, além de não haver mobiliário de apoio, como pia ou tanque para limpeza dos materiais e pincéis, ou áreas para secagem/apoio de obras,

como pinturas ou esculturas elaboradas. Em alguns hostels, tive a experiência de ser proibida de utilizar tinta nos mobiliários dos espaços coletivos, pois havia sempre a possibilidade de manchá-los. Além disso, algumas produções artísticas levam diversas horas ou até dias, ocupando um espaço demasiadamente grande desses mobiliários, que eram prioritariamente pensados para serem utilizados como espaço de socialização, e em alguns casos, como serviço, quando se tratava das mesas e balcões de refeições. Embora, de acordo com a minha experiência, às vezes que pude produzir minha arte nesses espaços costumasse atrair os usuários, e eles participassem, quase sempre, e se interessavam pelo que estava acontecendo ou sendo elaborado, esse longo processo criação, eventualmente, incomodava a gerência dos hostels ou certos usuários.

Inclusive, diversos locais não proibiram abertamente a minha criação artísticas nessas áreas, mas em contrapartida, existe um pouco de embaraço mental do artista que deve sempre se manter alerta em não obstruir ou atrapalhar as atividades que foram pré-determinadas para estar acontecendo ali. Isto pode prejudicar, como um obstáculo mental, que gera inibição no artista, que poderia fazer sua arte tranquilamente em uma área já destinada a esse fim. Pensando nisso, a hospedagem dos residentes artísticos foi transformada em um grande ateliê pessoal, onde a cama (A) foi instalada em um mezanino sobre o banheiro, a uma altura de 2,6m, com proteção com peitoril de madeira (B). Isso permitiu que a cama fosse deslocada do piso térreo e seus 13m² ficassem livres para espaço de produção artística (C). Aproveitando a instalação da escada de madeira (D) para a cama, no mezanino, foi pensado ali o guarda-roupas (E). O banheiro (F) foi recuado da parede ao leste, sendo deslocada a pia do banheiro (G), formando, na área externa, um espaço adequado para a sua instalação, que também pode ser utilizada para apoio do artista (H).

Figura 52: Planta falada dos ateliês privados da residência artística



Fonte: elaboração própria (2022).

Figura 53: Imagem do mobiliário dos ateliês da residência artística



Fonte: elaboração autoral (2022).

O artista viajante, diferente do viajante comum, tem uma bagagem extra que pode sempre portar consigo, ou que pode adquirir quando chega na cidade, e em ambos os casos necessita de espaços de armazenamentos maiores, e preferencialmente, separados dos seus itens pessoais, para que não permita que

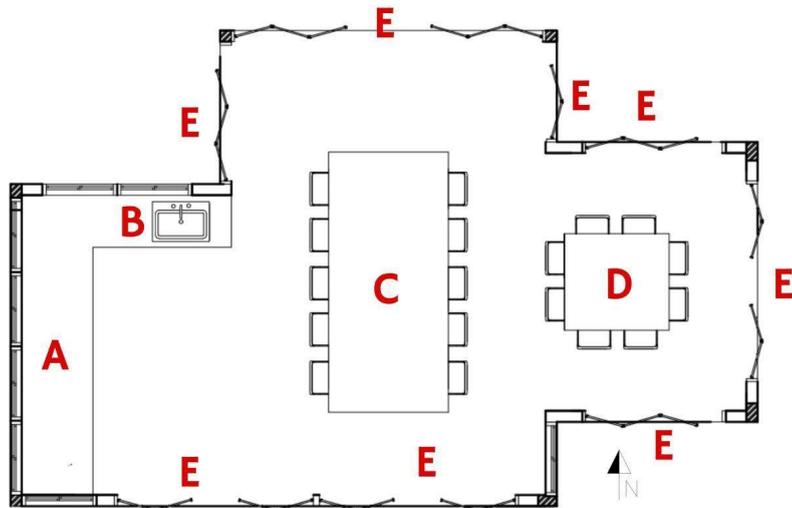
seus materiais de trabalho os danifiquem, ou vice-versa. Pensando nisso, toda a área das pias, a norte, fora dotada de balcões em MDF para armazenamento de tais itens (I). As esquadrias, em abertura estilo camarão (K), foram escolhidas especificamente para que possa ter a possibilidade de abertura quase total, permitindo que o ateliê seja aberto ao exterior, servindo para inspiração visual, contato com a área externa aberta e também contato com outros usuários do ambiente, permitindo que seja um espaço fluido quando necessário, e privativo quando exigido.

8.9.3 Ateliê coletivo

Fazendo valer da premissa de intercâmbio sociocultural e artístico do projeto, foi implantado um ateliê de uso coletivo na área central do terreno, que marca a divisão entre os ateliês pessoais e o resto da edificação. Essa área é destinada aos artistas residentes, que podem utilizar quando as áreas coletivas forem interessantes para as suas produções, e também é um espaço aberto tanto para os usuários do hostel quanto para usuários temporários, visto que o hostel tem suas áreas comuns abertas para receber visitantes durante todo o dia. Ele foi pensado, principalmente, para viabilizar as oportunidades de elaboração em conjunto entre artistas, pessoas de outros lugares e moradores da cidade que pretendam também usufruir desses espaços. Ademais, o contato com outras criações permite aos artistas conhecer outras perspectivas, engrandecer seu portfólio e com isso criar novas composições para invenções que serão criadas durante o seu período de residência.

O ambiente do ateliê tem 46m² e pode ser dividido em três zonas: a área mais a oeste, com a bancada de apoio (A) e a pia (B); a parte central, com uma mesa de grande dimensão (C); e a parte a leste, que pode comportar outra mesa de dimensão um pouco menor (D). Todas as paredes — com exceção de duas paredes a oeste, por conta da implantação, e uma ao leste — possuem portas de abertura estilo camarão (E), que permitem a abertura quase total da esquadria, gerando fluidez sem bloqueios visuais entre a área comunitária e a área livre, fazendo com que o ateliê possa usufruir de toda a paisagem da área aberta e do jardim, além de comunicar bem com a sala, a recepção e o resto do terreno.

Figura 54: Planta baixa do ateliê coletivo



Fonte: elaboração autoral (2022).

Figura 55: Imagem do mobiliário dos ateliê coletivo



Fonte: elaboração autoral (2022).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo busca engrandecer a criação projetual no âmbito da hotelaria de tipologia albergueira, hostels e no âmbito das residências artísticas, enquanto também cria uma nova perspectiva de uso dos espaços, unindo as duas tipologias. Pretende-se também trazer um maior entendimento da atuação da hospedagem na cidade de Maceió, ao revelar a necessidade da implantação da tipologia de hostel quanto também da criação de mais exemplares, seguindo uma demanda que vem crescendo mundialmente, além da recriação desses espaços, para contemplar um mercado em que a hotelaria convencional não mais supre com as novas características laborais e de características que vem se “nomadizando” com as novas tecnologias digitais de comunicação. A proposta trabalha também uma residência artística com uma dinâmica não focada somente na individualidade de cada artista residente, mas na interação entre eles e com o entorno, criando um ambiente humanizado, de trocas, que condiz com o pensamento crítico que a criação de arte sustenta.

O estudo do entorno auxiliou na criação do marco visual, conversando com a paisagem da orla marítima, e oferecendo para a cidade, espaços para a discussão dos meios artísticos, pretendendo-se ampliar a produção de arte na região. Além disso, o marco, por se tratar de uma construção imponente com sua volumetria, almeja recriar uma consciência da importância da arte para as cidades, criando uma dualidade urbana-natural com seus estudos de cheios e vazios, que reflete também sua ligação com o entorno da paisagem marítima. As áreas de convívio em conceito aberto pretendem criar uma atmosfera que atraia e acolha os seus usuários.

Por fim, o presente trabalho almeja fomentar o desenvolvimento de novas estratégias projetuais para as tipologias de hostels e residência artística, adequados à recepção de visitantes, intercâmbio cultural, produção artística, exercício laboral remoto e espaços que sejam utilizados pelos moradores de Maceió, gerando uma sensação de inserção na cidade, de modo a atrair e promover mais cultura e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, J. M.. Hostels e centros históricos das cidades: envelhecimento ou rejuvenescimento?. **Tourism And Hospitality International Journal**, Lisboa, v. 4, n. 3, p. 3-34, nov. 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/349135468/Hostels-e-centros-historicos-das-cidades-E-nvelhecimento-ou-Rejuvenescimento>. Acesso em: 22 out. 2022.
- BAHLS, Álvaro Augusto Dealcides Silveira Moutinho; PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. Hostel, uma proposta de revisão conceitual para a abordagem de futuras pesquisas. **Turismo, Visão e Ação**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 294, 9 jul. 2018. Editora UNIVALI. <http://dx.doi.org/10.14210/rtva.v20n2.p294-310>. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/rtva.v20n2.p294-310>. Acesso em: 22 out. 2022.
- Univali, Sao Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-17, 22 mar. 2018. Disponível em: X. Acesso em: 20 outubro 2021.
- BENNETT, Vicki E.; KOH, Kyuhan; REPENNING, Alexander. Computing creativity. **Proceeding Of The 44Th Acm Technical Symposium On Computer Science Education - Sigcse '13**, [S.L.], 2013. ACM Press. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/2445196.2445302>. Acesso em: 22 out. 2022.
- BRASIL. LEI Nº 9.503, DE 23 DE SETEMBRO DE 1997. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. Brasília, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9503compilado.htm. Acesso em: 22 out. 2022.
- CAMARGO, Luiz O. L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.
- CARTAXO, Z. 1. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. **O Percevejo Online**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009. DOI: 10.9789/2176-7017.2009.v1i1.%. Disponível em: <http://seer.unirio.br/opercevejoonline/article/view/431>. Acesso em: 31 out. 2022.
- CAVALCANTI, Jamyla Lyra. Anteprojeto Arquitetônico de uma lavanderia Self Service com princípios de sustentabilidade para a cidade de Maceió. Maceió, 2013, p.113. Trabalho Final de Graduação. Centro Universitário Cesmac.
- CHRIST, Giovana. **O que é: residência artística**. 2020. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/0-que-e-residencia-artistica/#:~:text=Dentro%20de%20um%20programa%20de,contato%20com%20os%20outros%20profissionais>. Acesso em: 20 setembro 2021.
- CI Intercâmbio e Viagem. **O que é hostel, como funciona, quanto custa?** 2020. Disponível em: <https://caianomundo.ci.com.br/o-que-e-hostel/>. Acesso em: 20 out. 2022.
- DALCOL, Francisco. RESIDÊNCIA ARTÍSTICA E MODOS DE ATUAÇÃO EM REDE: a viagem como estratégia investigativa. In: 24º ENCONTRO DA ANPAP, 2015, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: S. N., 2015. Disponível em:

chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclclefindmkaj/http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s7/francisco_dalcol.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 1838p.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel Antonio. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre, Artmed, p. 229 – 281, 1998.

FUNARTE. **Políticas para as artes: prática e reflexão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2014.

GENIOLI, Ana Amelia Corazza. Identidade como territorialidade em trabalhos de arte contemporânea. 2005. 102 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/4245/1/Dissertacao%20Ana%20Amelia%20Corazza%20Genioli.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

GRINOVER, L. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, C.M. (Org). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo. Manole, 2002.

HORA, D. residências artísticas: as múltiplas direções dos trânsitos contemporâneos. In CADERNO Videobrasil, associação Cultural Videobrasil, vol. 2, n.2, 2006

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

JINDAL-SNAPE, Divya; DAVIES, Dan; COLLIER, Chris; HOWE, Alan; DIGBY, Rebecca; HAY, Penny. The impact of creative learning environments on learners: a systematic literature review. **Improving Schools**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 21-31, mar. 2013. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1365480213478461>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1365480213478461>. Acesso em: 22 out. 2022.

LAGARTO na Banana Hostel. **Vocês sabiam que temos atividades todos os dias no nosso hostel?** Pipa, ago. 2022. Instagram: @lagartonabanahostel. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChkrxcwJ8JE/>. Acesso em: 14 set. 2022.

KWON, Miwon. One Place After Another. Site-specific art and locational identity. London: The MIT Press, 2002.

MORAES, Marcos Jose Santos de. Residência artística: ambientes de formação, criação e difusão. 2009. **Tese** (Doutorado em Projeto, Espaço e Cultura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI:10.11606/T.16.2009.tde-29042010-093532. Acesso em: 20 out. 2022.

OLIVEIRA, Kelly Vanessa de. Tecnologias digitais e a prática de home office na pandemia da Severe Acute Respiratory Syndrome – Coronavirus 2 (SARS-COV-2). 2021. 115 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Gestão em Organizações Aprendentes, Universidade Federal da Paraíba, Joao Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21537?locale=pt_BR. Acesso em: 15 mar. 2022.

PIASSINI, Diógenes Júnior *et al.*. Conceitos da arquitetura bioclimática ligados ao conforto térmico e eficiência energética dos edifícios. **Anais de Arquitetura e Urbanismo / ISSN 2527-0893**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 78 - 90, dec. 2016. ISSN 2527-0893. Disponível em: <https://uceff.edu.br/anais/index.php/cau/article/view/20>. Acesso em: 31 oct. 2022.

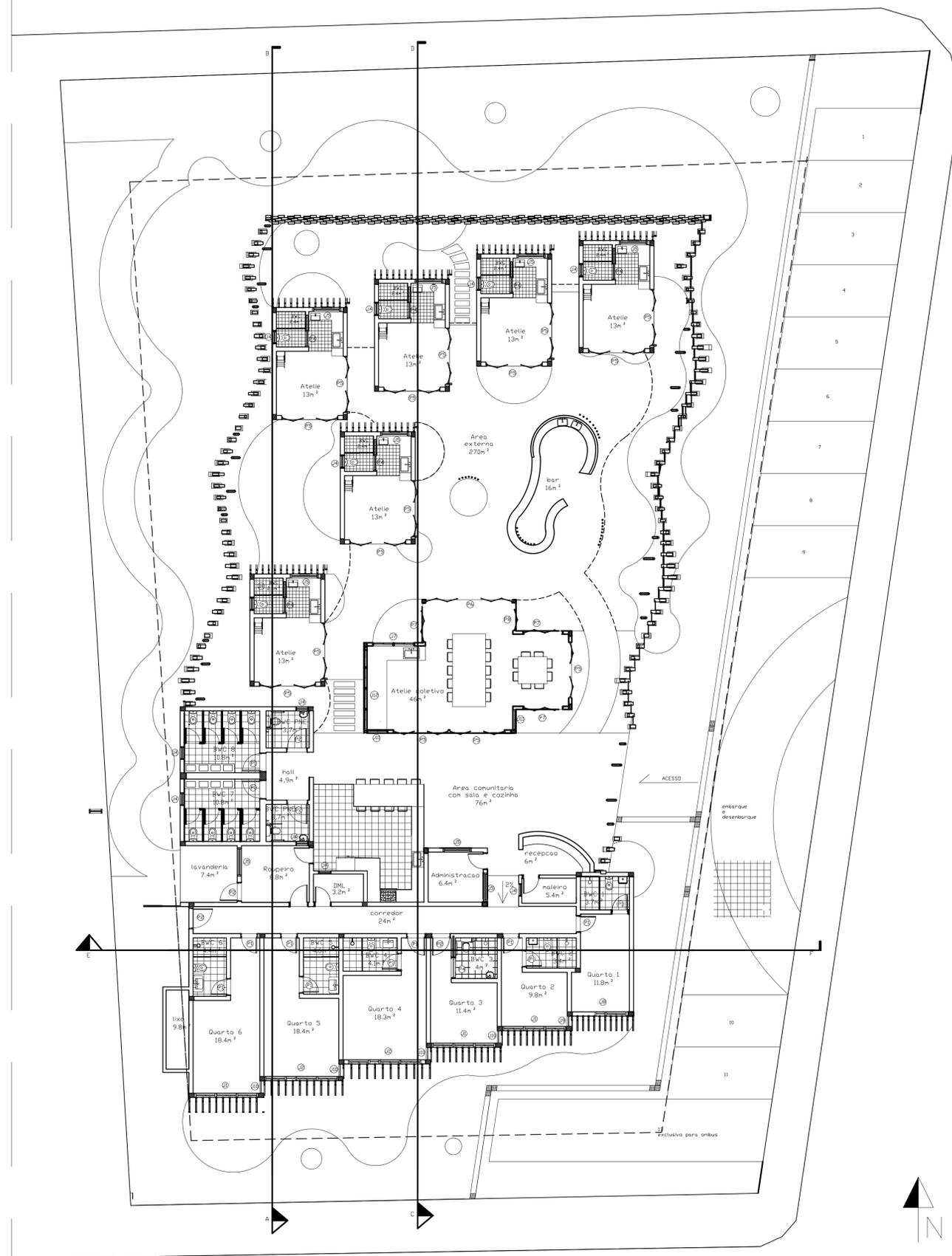
REZENDE, Camila Paranhos. **Hospitalidade no albergue da juventude**. Estudo de caso: Che Lagarto Budget Hostel/Copacabana - RJ. 2008. TCC (Graduação) - Curso de Graduação em Turismo, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/1464>. Acesso em: 22 out. 2022.

SEBRAE. **Hostel**: Perfil do Turista. 2015. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Artigos/Pesquisa%20Hostels.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2022.

SILVA, Stephanie Ciqueira; MORANO, Raquel Pessoa; SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto; Villarouco, Vilma. Hostel: uma forma de Hospitalidade Aberta. *In*: **Anais do 17º Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia e o 17º Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces e Interação Humano-Computador**. São Paulo: Blucher, 2019. ISSN: 2318-6968. DOI; 10.5151/ergodesign2019-2.37. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/hostel-uma-forma-de-hospitalidade-aberta-34130>. Acesso em; 20 out. 2022.

SILVA, Thaynnan Aline Begozzi; LAMB, Leticia; SIMONI, Tainã Lopes. Relação do espaço construído e não construído no decorrer da história: primeira casa modernista. *In*: 15º Encontro Científico Cultural Interinstitucional e 1º Encontro Internacional, 2017, S. L.. **Anais [...]**. S. L.: S. N., 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.fag.edu.br/mvc/assets/pdfs/anais-2017/THAYNNAN%20ALINE%20BEGOZZI%20DA%20SILVA-thaynnanbegozzi@hotmail.com-1.pdf>. Acesso em: 22 out. 2022.

VOLANTE, Pedro Jorge Tavares. O segmento low-cost da indústria hoteleira em Portugal: o caso dos hostels. 2011. **Dissertação** (Mestrado em Gestão) - ISCTE Business School - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4068>. Acesso em: 20 out. 2022.



Planta baixa térreo
Escala: 1/125

COD	VISTA	PLANTA BAIXA
P1		
P2		
P3		
P4		
P5		
P6		
P7		
P8		

COD	ALTURA	LARGURA	ABERTURA	FOLHA	MATERIAL	QUANT
P1	2,10 m	0,80 m	abrir	22	MDF	22
P2	2,10 m	0,90 m	abrir	3	MDF	3
P3	2,10 m	1,00 m	abrir	2	MDF	2
P4	2,30 m	1,10 m	correr	1	MDF	1
P5	2,30 m	1,00 m	correr	4	Alumínio e vidro	14
P6	2,30 m	1,00 m	abrir	6	Alumínio e vidro	1
P7	2,30 m	1,10 m	correr	3	Alumínio e vidro	1
P8	2,30 m	1,00 m	correr	2	Alumínio e vidro	1

COD	VISTA	PLANTA BAIXA
J1		
J2		
J3		
J4		
J5		
J6		
J7		
J8		
J9		
J10		
J11		
J12		

COD	ALTURA	LARGURA	PEITORIL	ABERTURA	FOLHA	MATERIAL	QUANT
J1	1,50 m	3,00 m	1,00 m	Correr	6	Alumínio e vidro	4
J2	1,50 m	3,30 m	1,00 m	Correr	7	Alumínio e vidro	2
J3	0,50 m	1,36 m	1,70 m	fixa	4	Alumínio e vidro	1
J4	0,60 m	0,60 m	1,70 m	fixa	2	Alumínio e vidro	18
J5	0,50 m	2,00 m	1,70 m	Correr	2	Alumínio e vidro	8
J6	0,50 m	1,36 m	1,70 m	Correr	2	Alumínio e vidro	1
J7	0,50 m	1,36 m	1,70 m	Correr	1	Alumínio e vidro	3
J8	0,50 m	1,36 m	1,70 m	Correr	1	Alumínio e vidro	1
J9	0,50 m	1,36 m	1,70 m	Correr	1	Alumínio e vidro	1
J10	0,50 m	1,36 m	1,70 m	Correr	1	Alumínio e vidro	4
J11	0,50 m	1,36 m	1,70 m	Correr	2	Alumínio e vidro	2
J12	0,50 m	1,36 m	1,70 m	Correr	8	Alumínio e vidro	1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

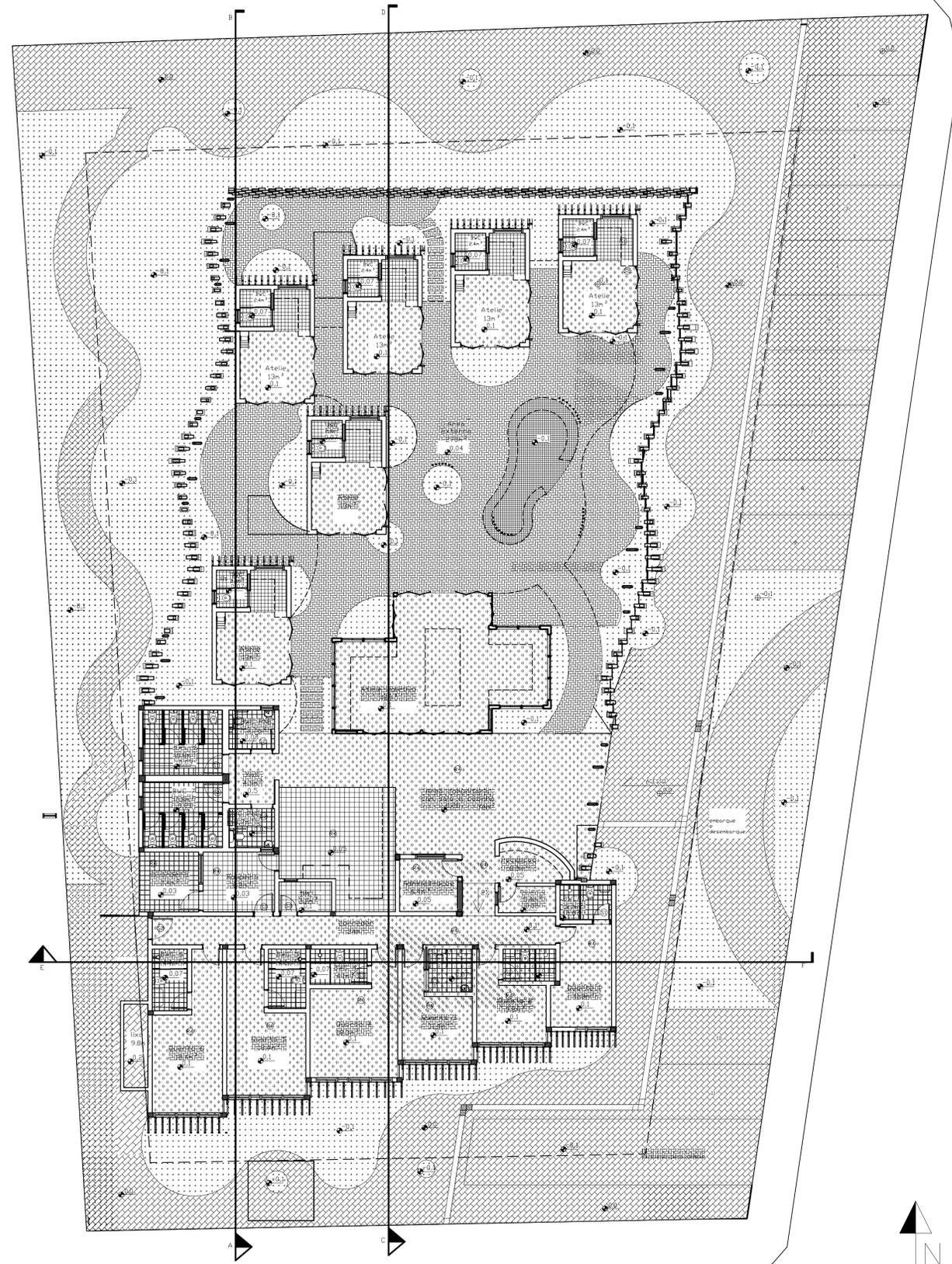
ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
Diana Helena Ramos

PROJETO:
**Anteprojeto de residencia artística com hostel
Brasilidarte em Maceió - Alagoas**

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA FRANÇA:
Planta Baixa Térreo



Planta baixa terreno
 Escala 1/125

TABELA MATERIAL PAGINAÇÃO DE PISO							
COD	HASHURA	PEI	DESCRIÇÃO	DIMENSÃO	MATERIAL	ACABAMENTO	QUANT.
R1		PEI 3	Porcelanato interno	50cm x 50cm	Porcelana	acetinado	94 m ²
R2		-	Piso intertravado colorido	20cm x 10cm	Concreto	natural	311 m ²
R3		-	Piso intertravado colorido	20cm x 10cm	Concreto	natural	474 m ²
R4		-	Granite polido colorido	100cm x 100cm	Concreto e pedra	polido	282 m ²
S1		-	Solera Gran Verde	20cm x 80cm	granito preto	natural	22
S2		-	Solera Gran Verde	20cm x 90cm	granito preto	natural	3
S3		-	Solera Gran Verde	20cm x 100cm	granito preto	natural	9

ALUNA:
 Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
 Diana Helena Ramos

PROJETO:
 Anteprojeto de residencia artistica com hostel
 Brasilidarte em Maceió - Alagoas

ALUNA:
 Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA FRANCHA:
 Planta Baixa - Paginação de piso

DATA:
 13/06/2022

ESCALA:
 1/125

PAGINA:
 2/15



Planta de cobertura
Escala: 1/125

TABELA MATERIAL PAVIMENTAÇÃO DE PISO							
COD	HASHURA	FEI	DESCRIÇÃO	DIMENSÃO	MATERIAL	ACABAMENTO	QUANT.
R1		PEI 3	Porcelanato interno	50cm x 50cm	Porcelana	acetinado	94 m ²
R2		-	Piso intertravado colorido	20cm x 10cm	Concreto	natural	311 m ²
R3		-	Piso intertravado	20cm x 10cm	Concreto	natural	474 m ²
R4		-	Granite polido colorido	100cm x 100cm	Concreto e pedra	polido	282 m ²
S1		-	Solera Gran Verde	20cm x 80cm	granito preto	natural	22
S2		-	Solera Gran Verde	20cm x 90cm	granito preto	natural	3
S3		-	Solera Gran Verde	20cm x 100cm	granito preto	natural	9

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
Diana Helena Ramos

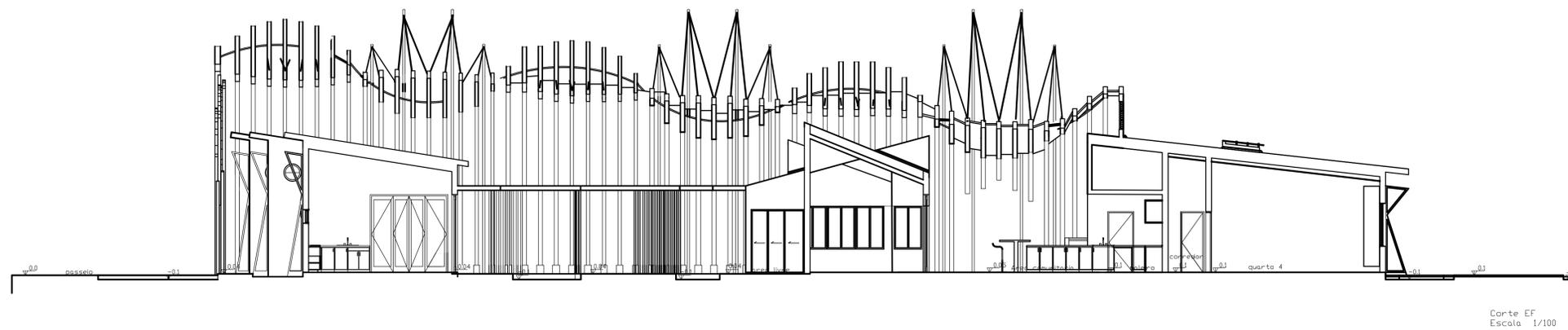
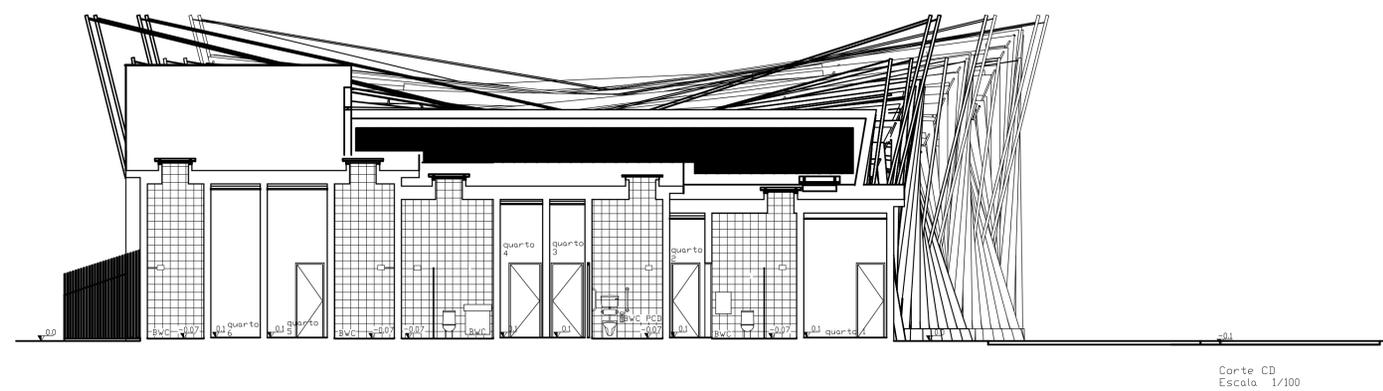
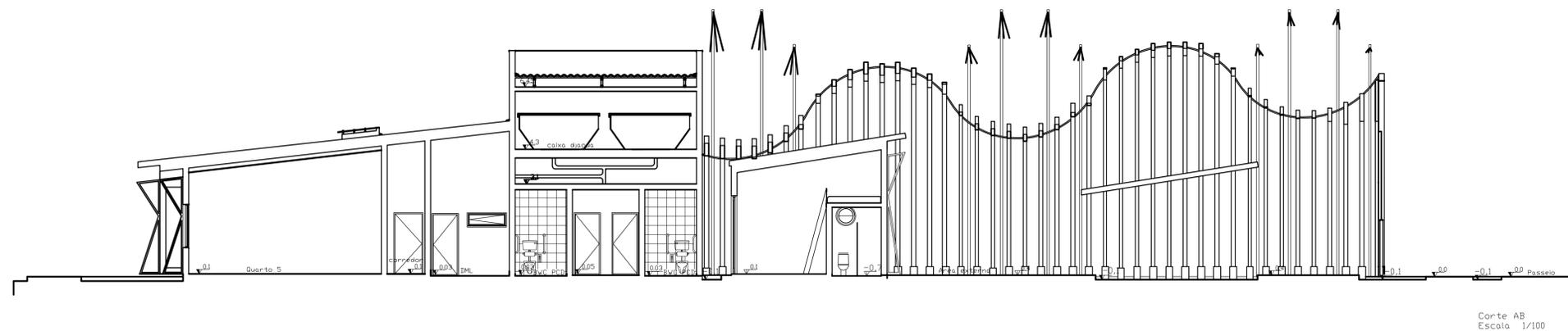
PROJETO:
**Anteprojeto de residencia artistica com hostel
Brasilidarte em Maceió - Alagoas**

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA FRANCHA:
Planta de Coberta

DATA:
13/06/2022
ESCALA:
1/125

PAGINA:
3/15



ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
Diana Helena Ramos

PROJETO:
Anteprojeto de residencia artística com hostel
Brasilidarte em Maceió - Alagoas

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA FRANCHA:

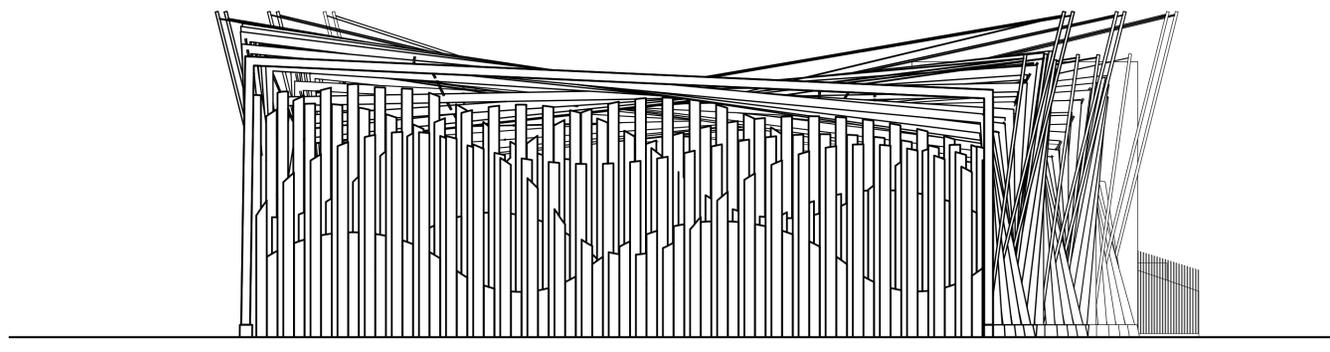
CORTES

DATA:
13/06/2022
ESCALA:
1/100

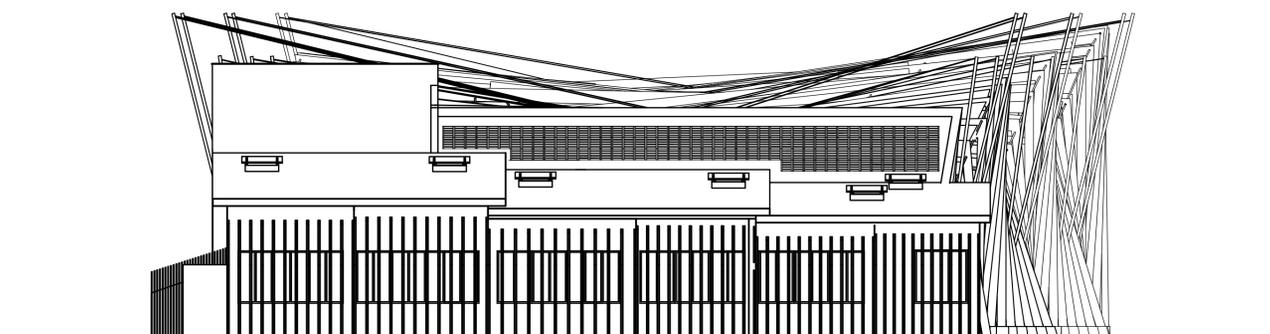
PAGINA:
4/15

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

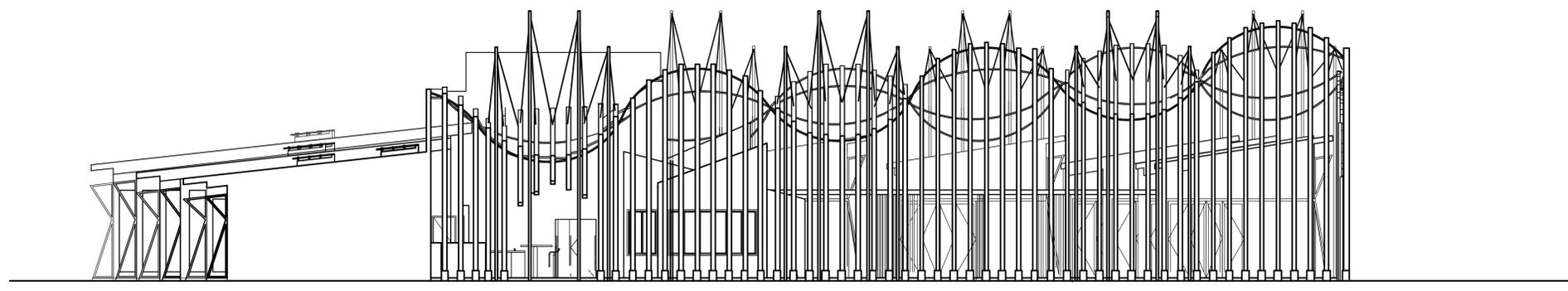
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO



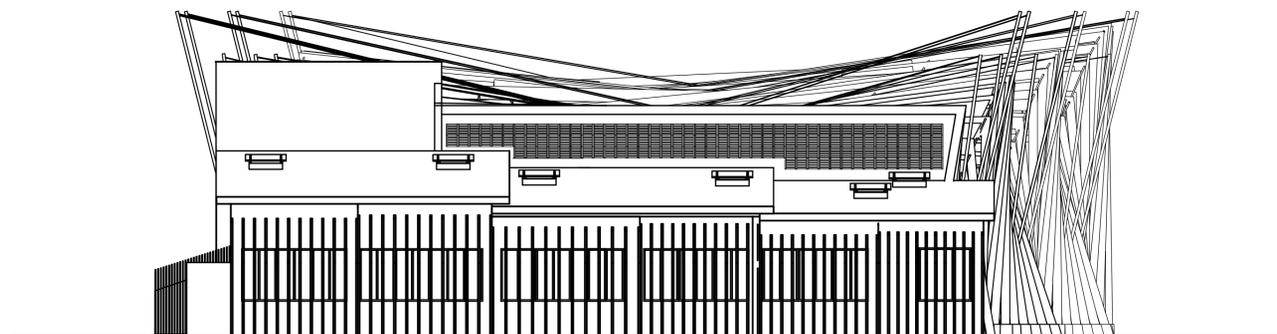
Fachada norte
Escala 1/100



Fachada sul
Escala 1/100



Fachada leste
Escala 1/100



Fachada sul
Escala 1/100

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
Diana Helena Ramos

PROJETO:
Anteprojeto de residencia artística com hostel
Brasilidarte em Maceió - Alagoas

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

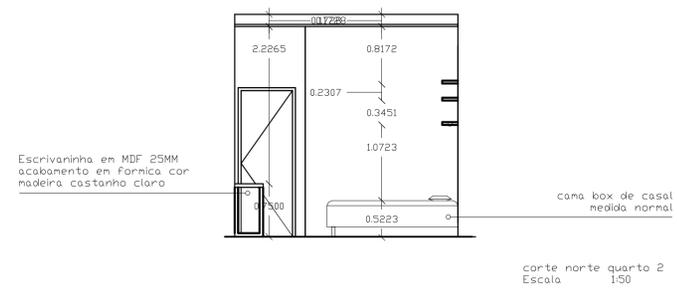
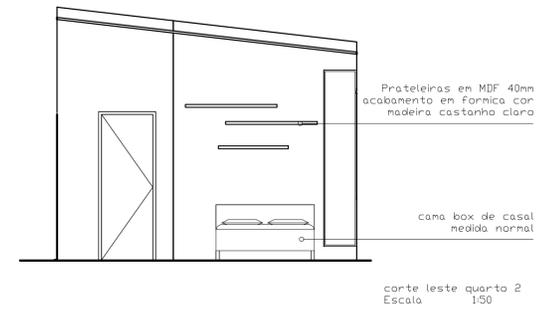
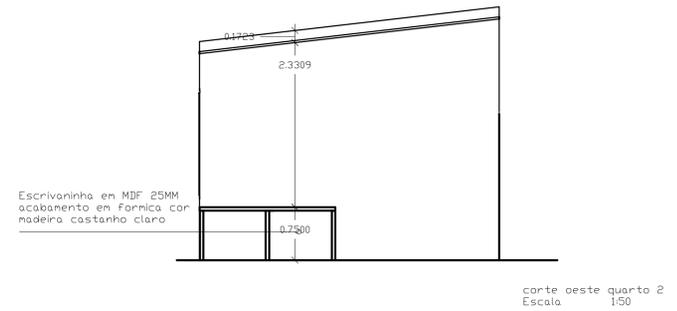
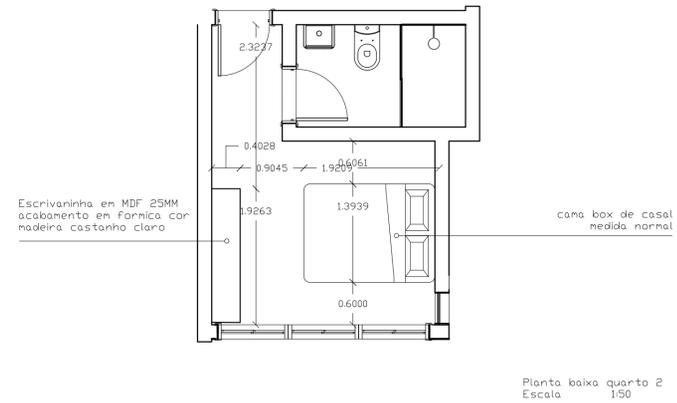
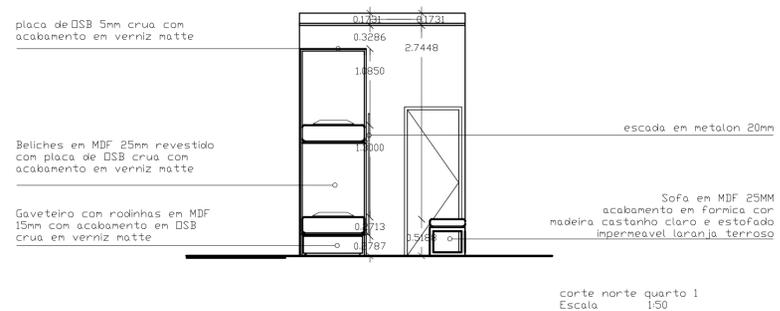
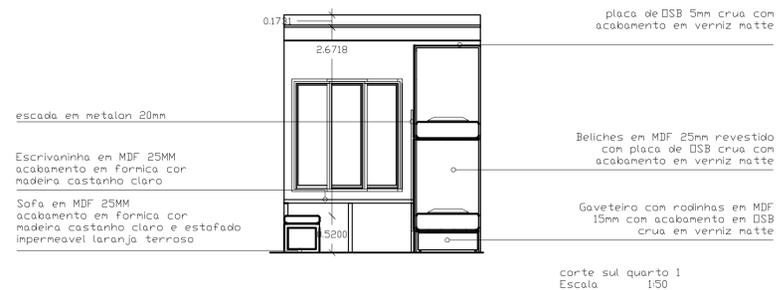
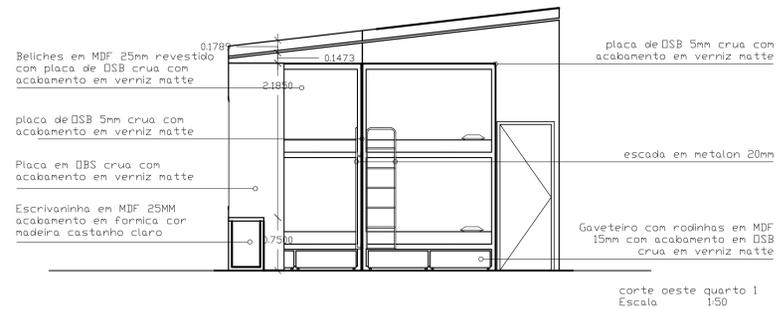
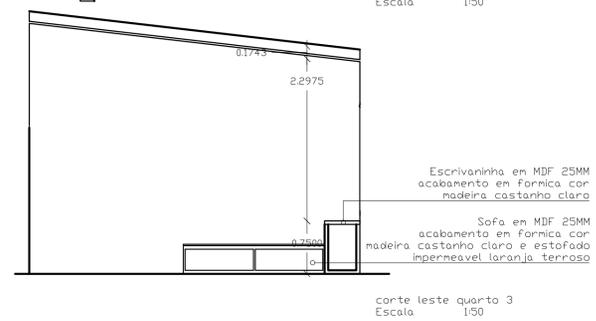
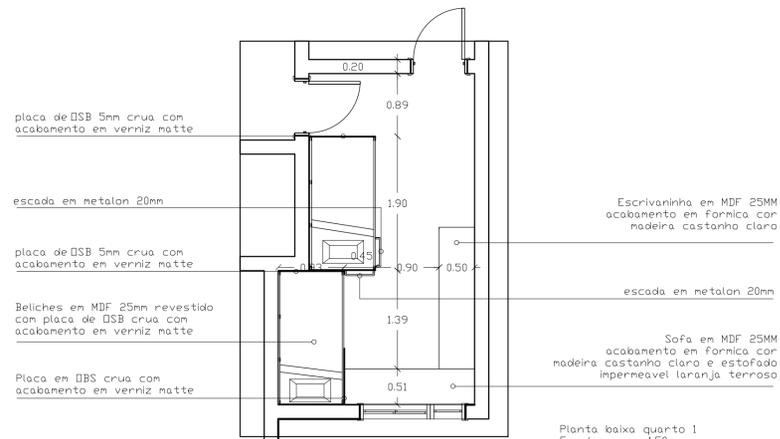
CONTEUDO DA FRANCHA:

FACHADAS

DATA:
13/06/2022
ESCALA:
1/100

PAGINA:

5/15



ALUNA:
 Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
 Diana Helena Ramos

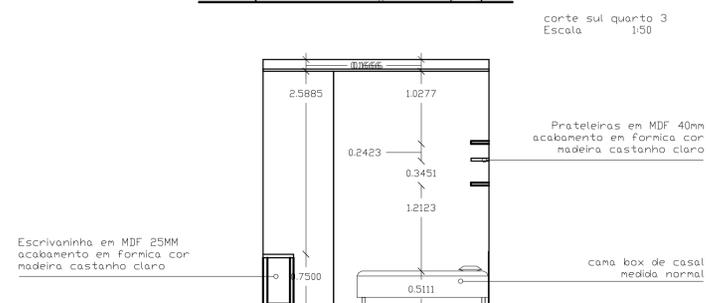
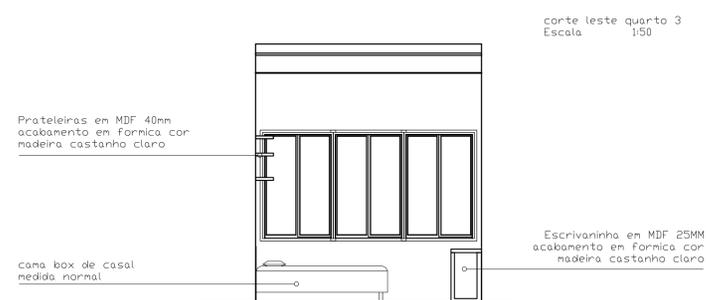
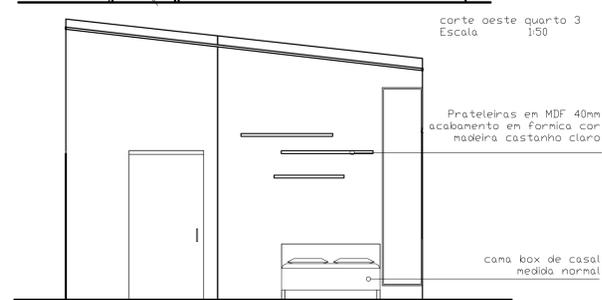
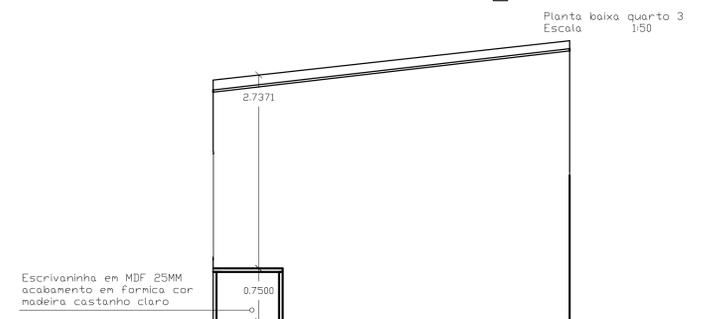
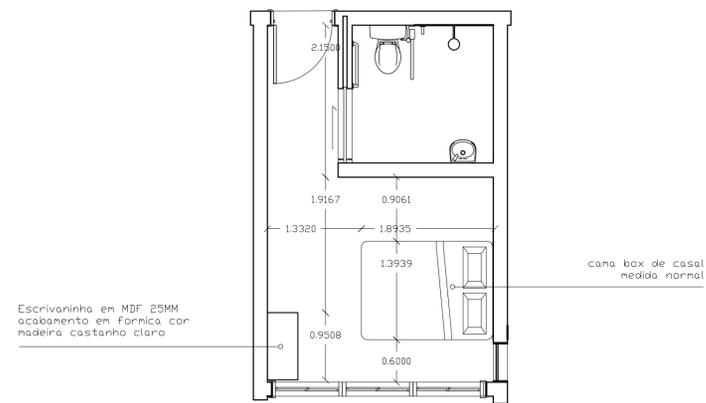
PROJETO:
 Anteprojeto de residencia artistica com hostel
 Brasilidarte em Maceio - Alagoas

ALUNA:
 Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

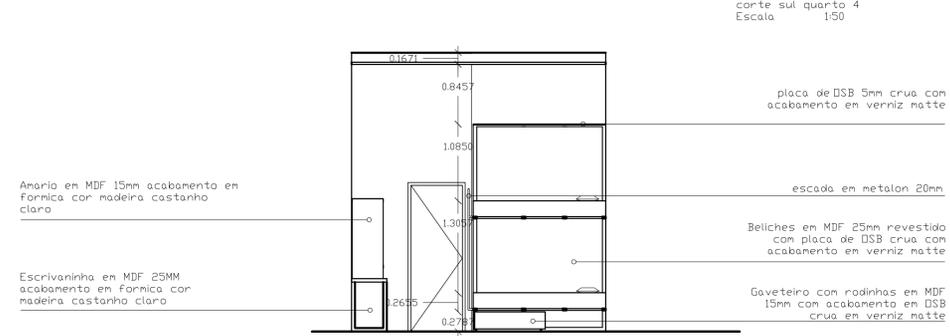
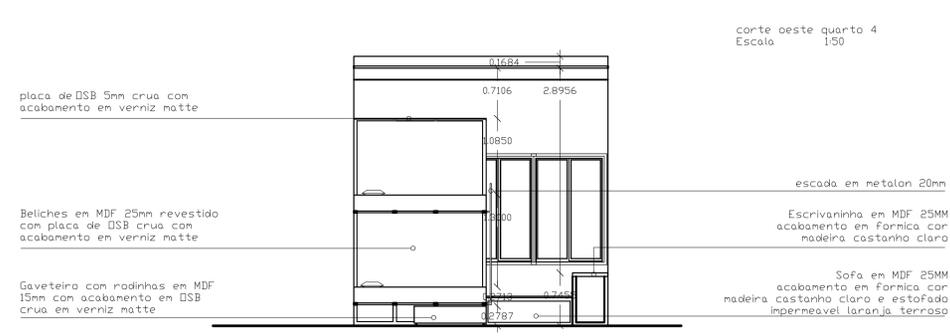
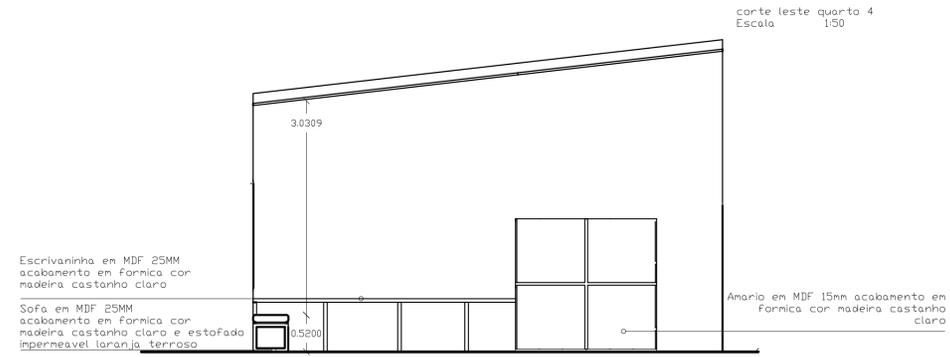
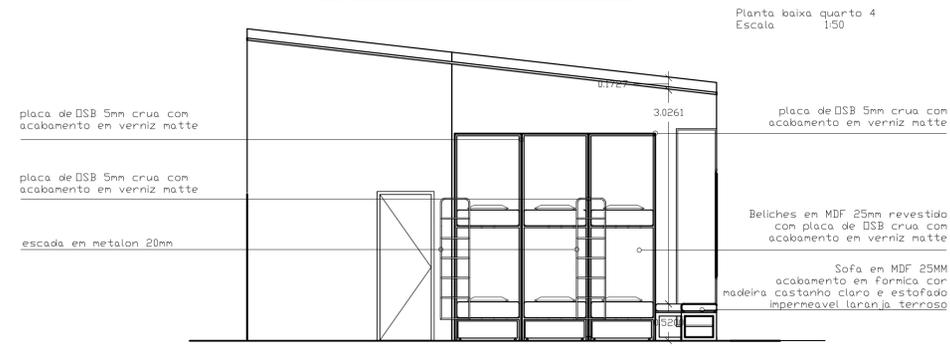
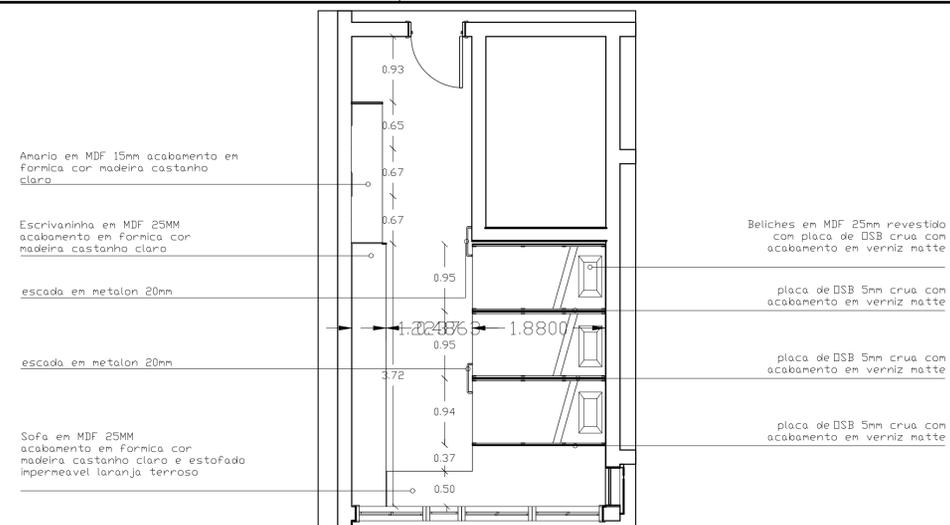
CONTEUDO DA FRANCHIA:
 Planta Baixa Térreo

DATA:
 13/06/2022
 ESCALA:
 1/50

PAGINA:
 6/15



Planta baixa quarto 3
Escala 1/50



Planta baixa quarto 4
Escala 1/50

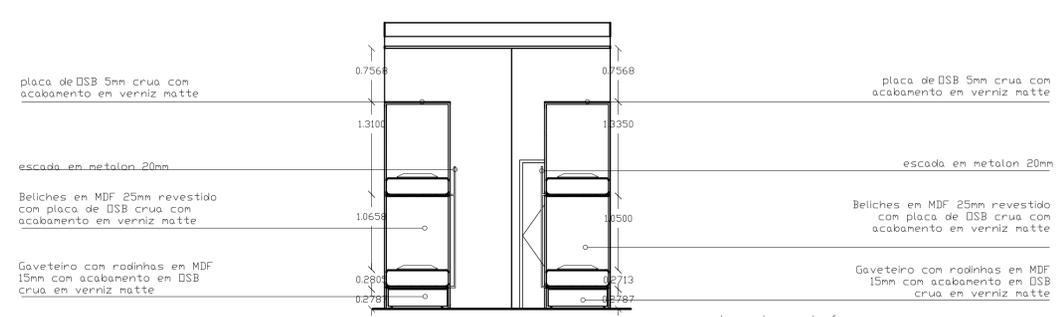
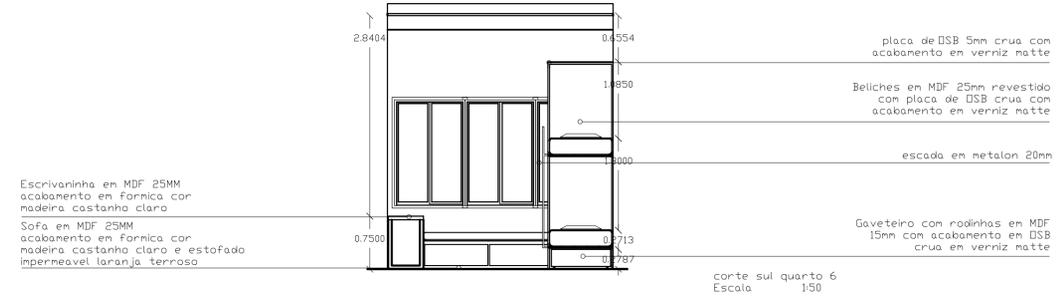
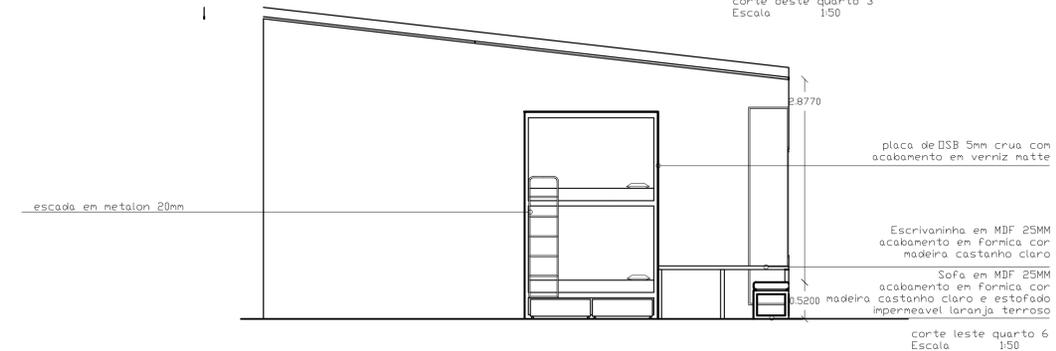
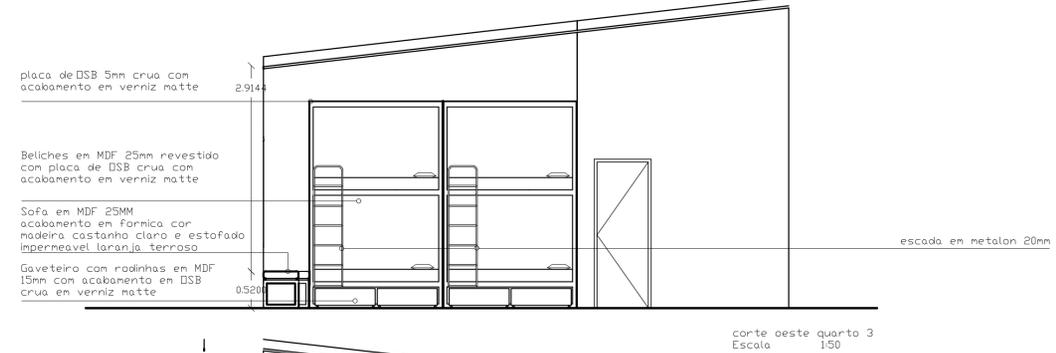
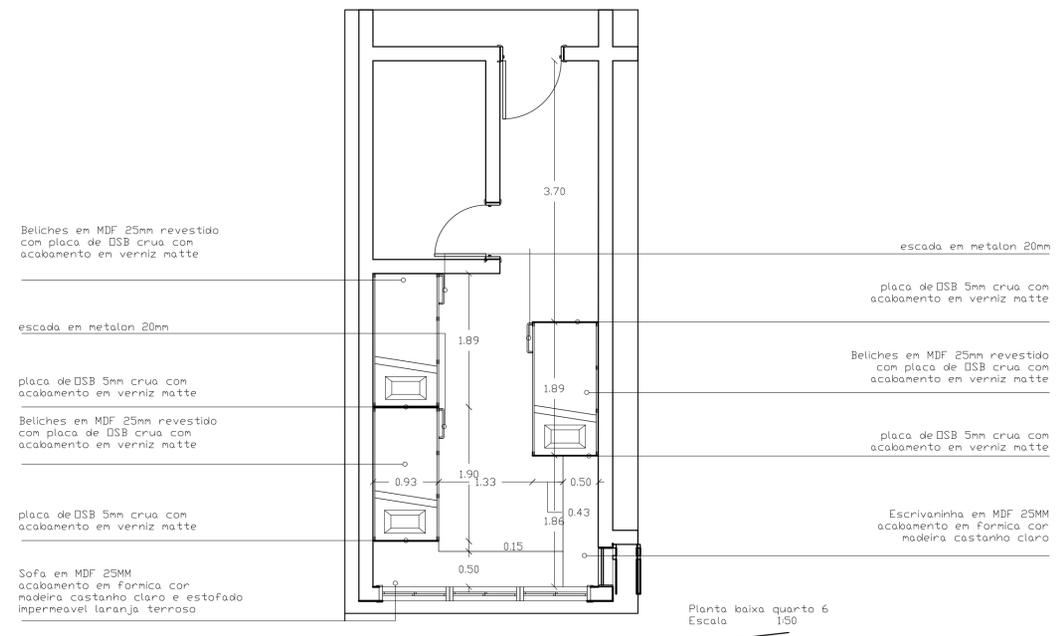
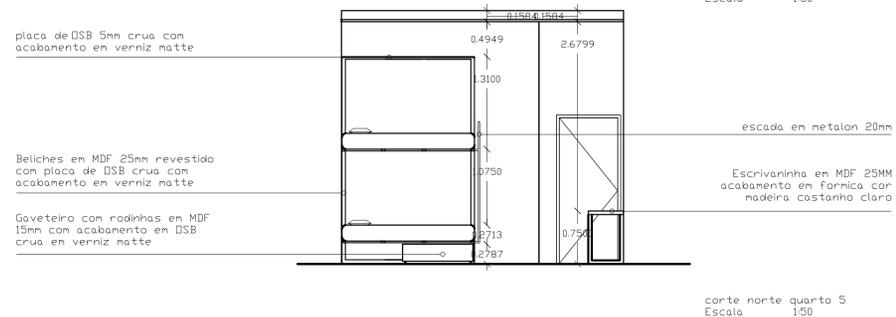
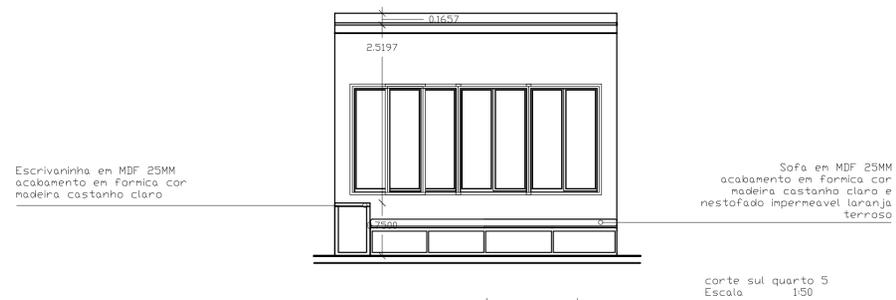
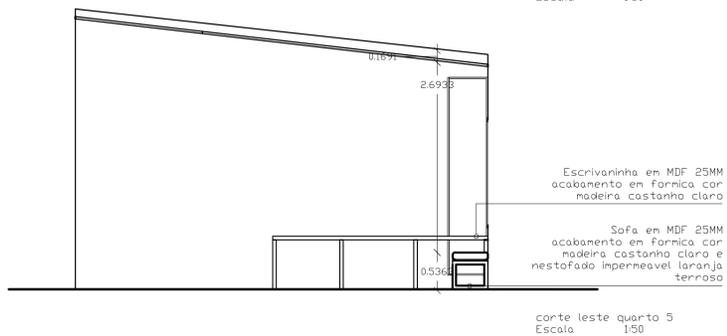
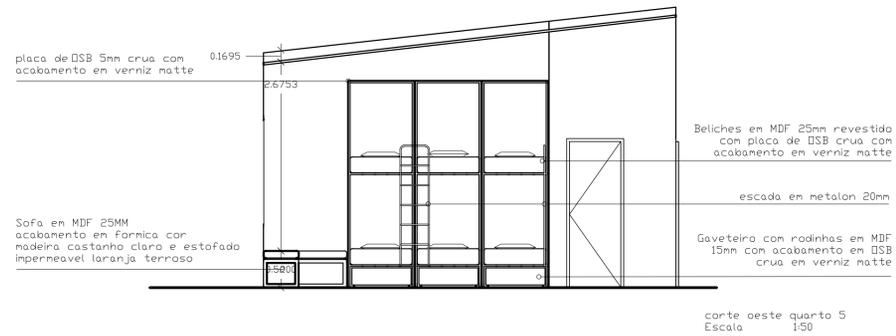
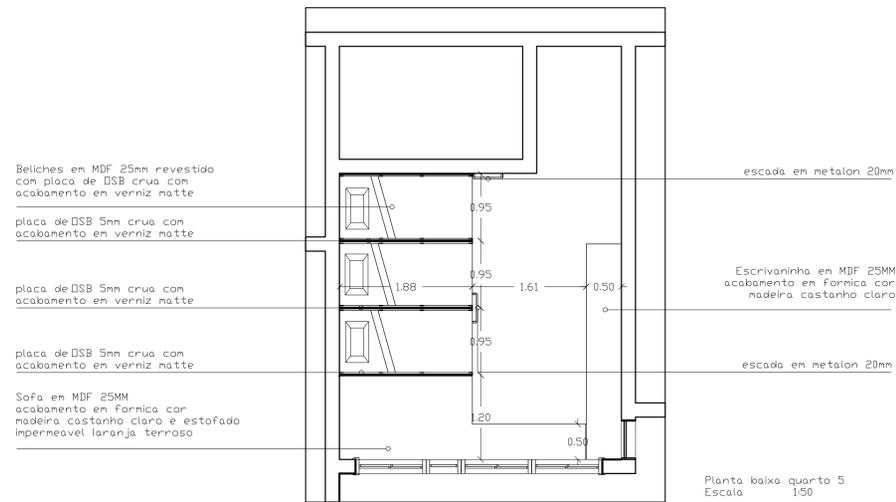
ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
Diana Helena Ramos

PROJETO:
**Anteprojeto de residencia artistica com hostel
 Brasilidarte em Maceio - Alagoas**

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA FRANCHIA:
Cortes / detalhamento



ALUNA:
 Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
 Diana Helena Ramos

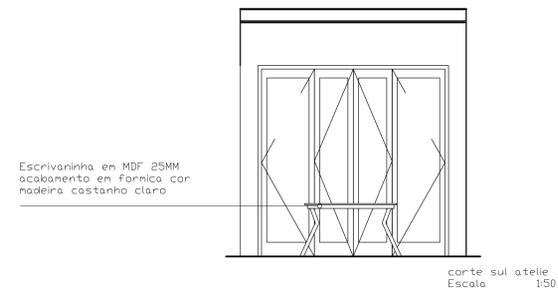
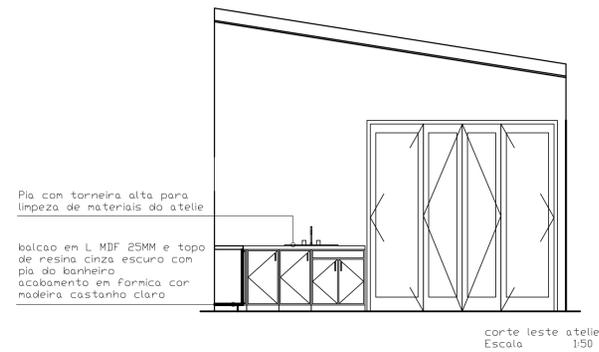
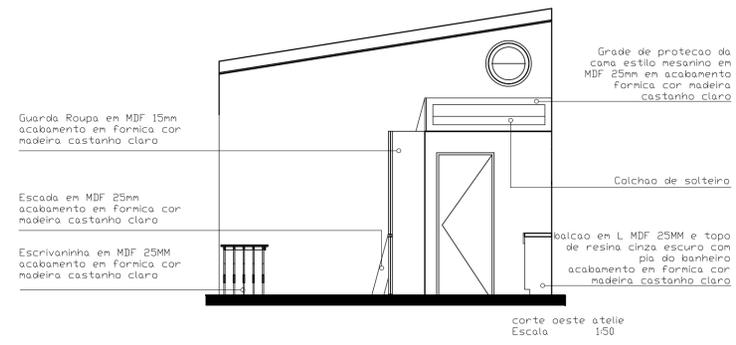
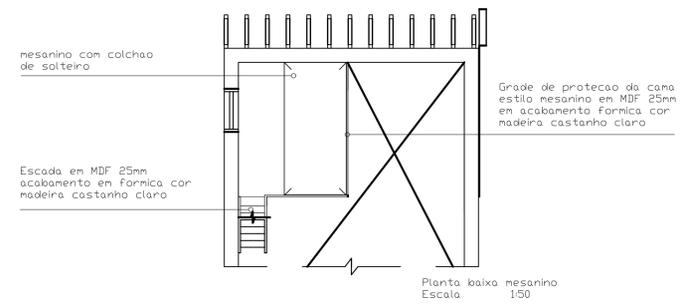
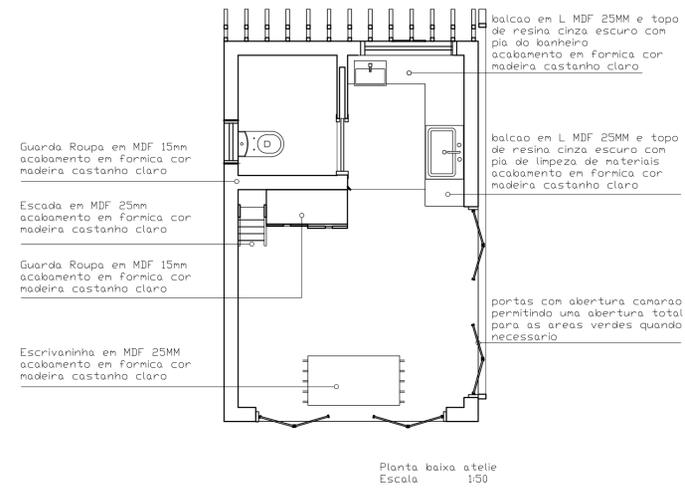
PROJETO:
 Anteprojeto de residencia artistica com hostel
 Brasilidarte em Maceió - Alagoas

ALUNA:
 Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA FRANQUIA:
 Corte - Detalhamento

DATA:
 13/06/2022
 ESCALA:
 1/50

PAGINA:
 8/15



ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
Diana Helena Ramos

PROJETO:
**Anteprojeto de residencia artística com hostel
 Brasilidarte em Maceió - Alagoas**

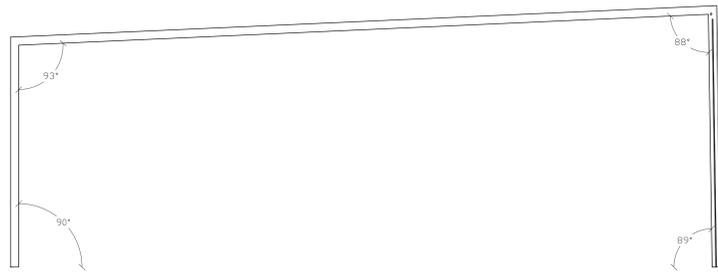
ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA PRANCHIA:
Cortes - Detalhamentos

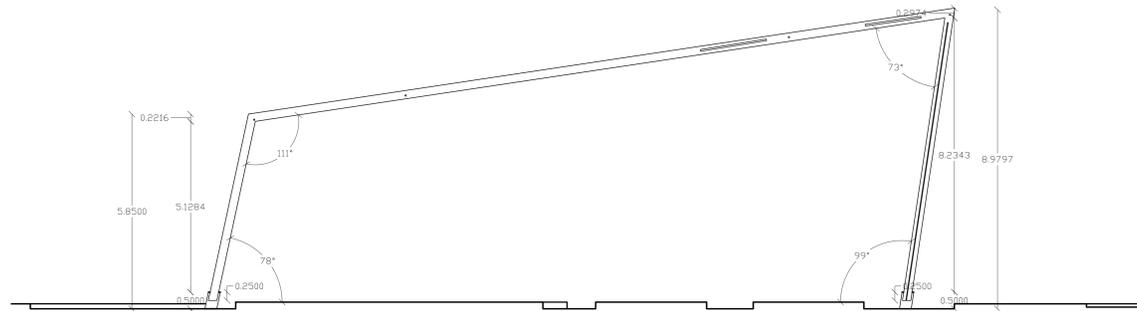
DATA:
13/06/2022

ESCALA:
1/50

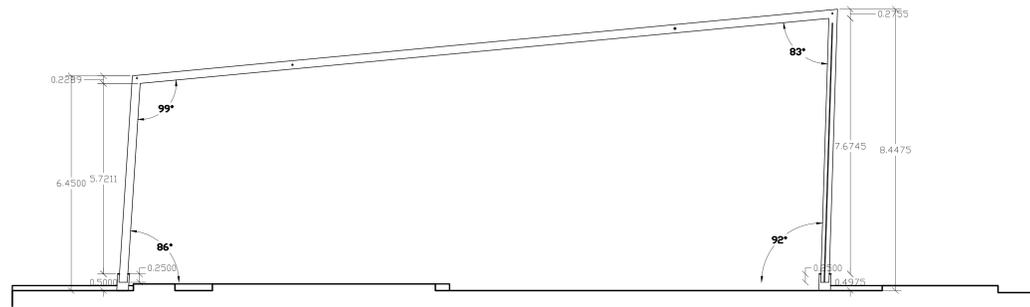
PAGINA:
9/15



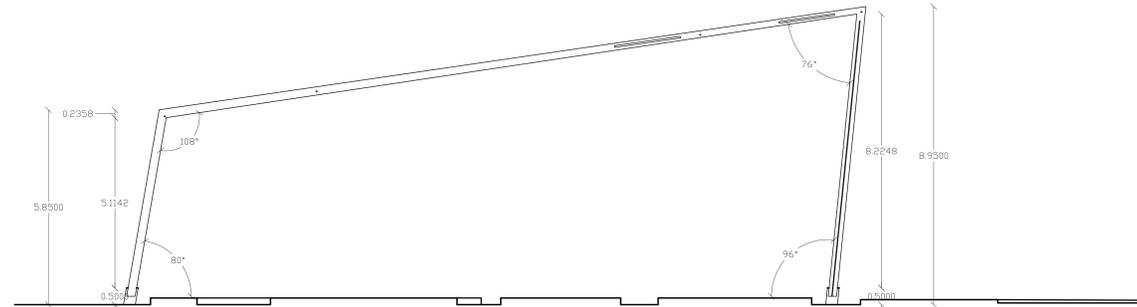
Corte seção 1 coberto
Escala 1/75



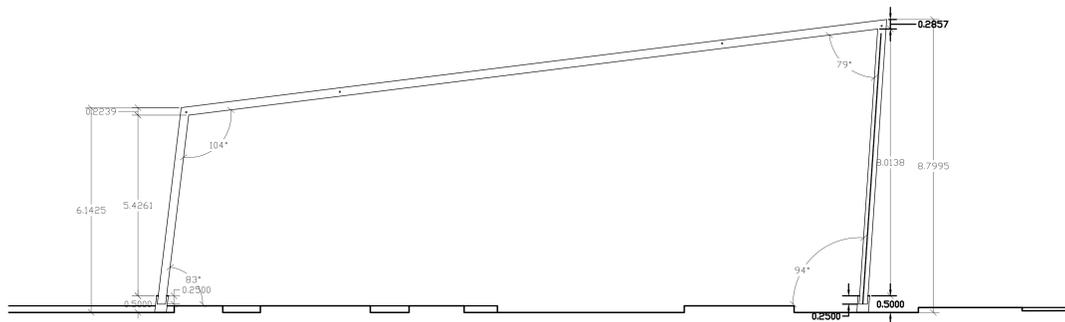
Corte seção 5 coberto
Escala 1/75



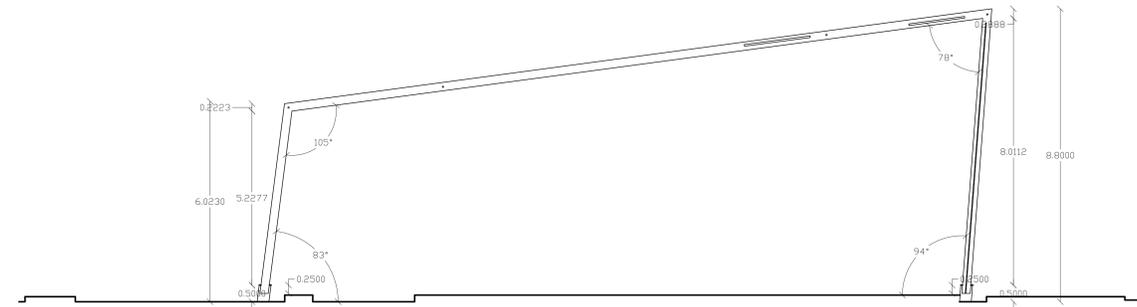
Corte seção 2 coberto
Escala 1/75



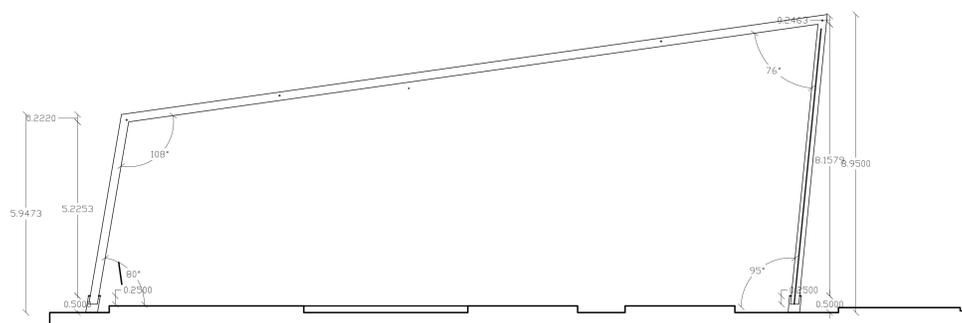
Corte seção 6 coberto
Escala 1/75



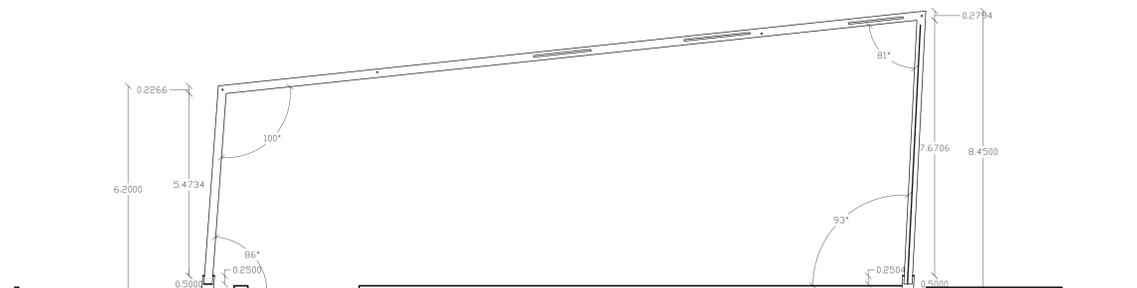
Corte seção 3 coberto
Escala 1/75



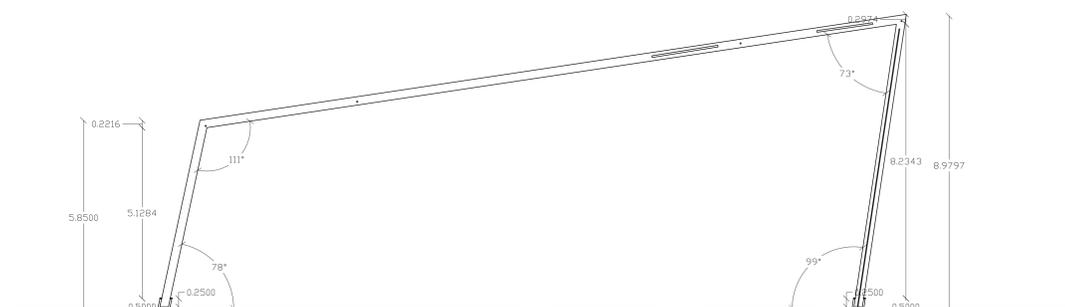
Corte seção 7 coberto
Escala 1/75



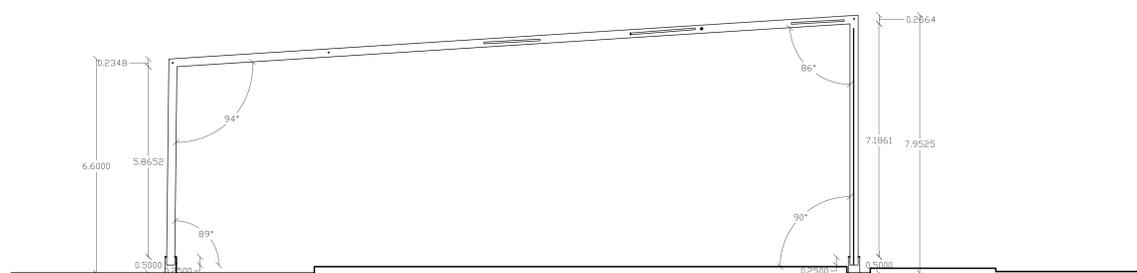
Corte seção 4 coberto
Escala 1/75



Corte seção 8 coberto
Escala 1/75



Corte seção 5 coberto
Escala 1/75



Corte seção 9 coberto
Escala 1/75

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
Diana Helena Ramos

PROJETO:
**Anteprojeto de residencia artistica com hostel
Brasilarte em Maceió - Alagoas**

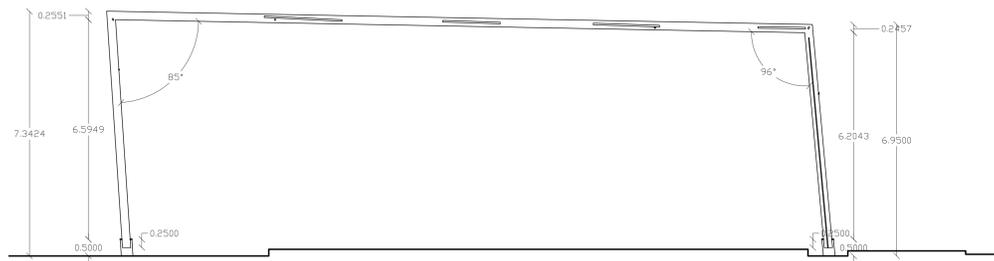
ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA PRANCHA:

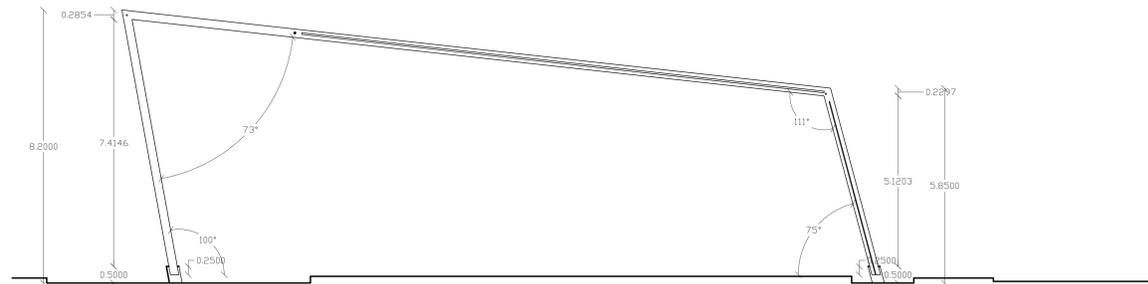
Cortes - Detalhamentos

DATA:
13/06/2022
ESCALA:
1/75

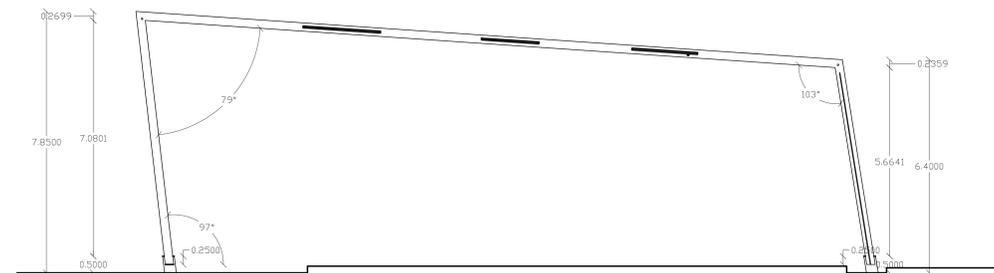
PAGINA:
10/15



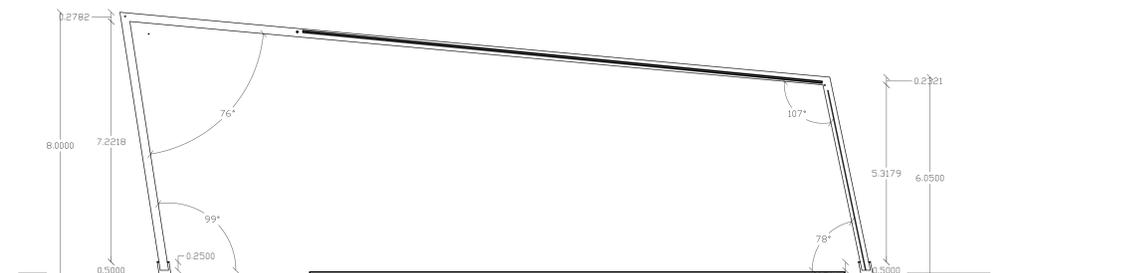
Corte seção 10 coberta
Escala 1/75



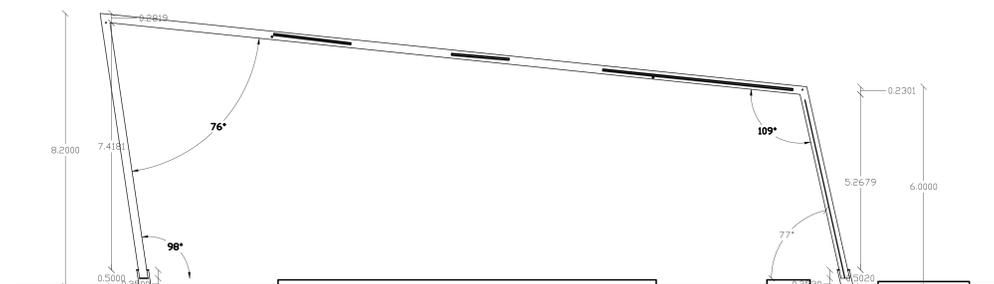
Corte seção 15 coberta
Escala 1/75



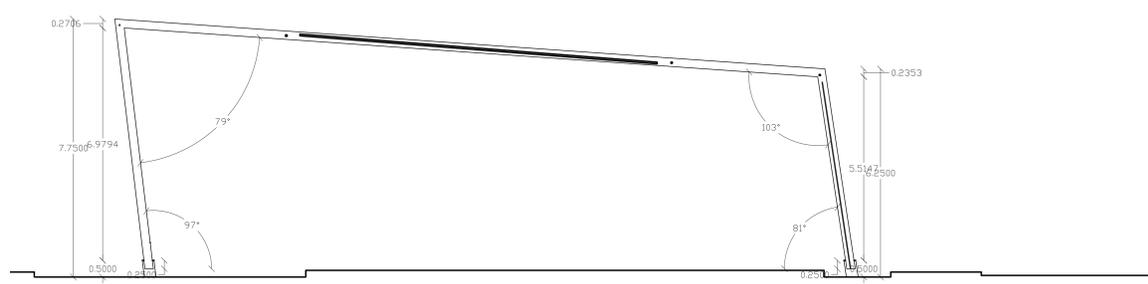
Corte seção 11 coberta
Escala 1/75



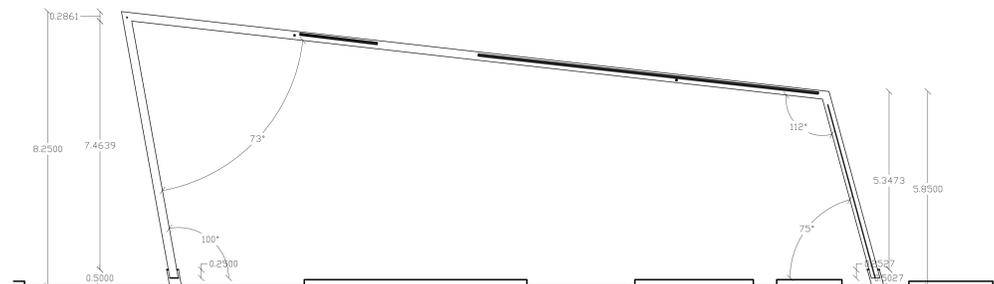
Corte seção 16 coberta
Escala 1/75



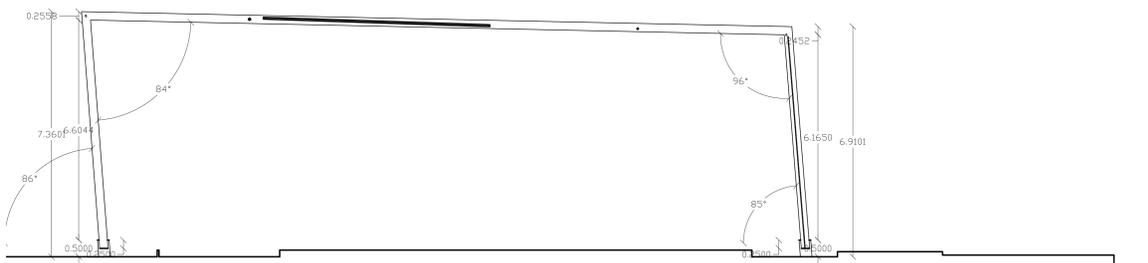
Corte seção 12 coberta
Escala 1/75



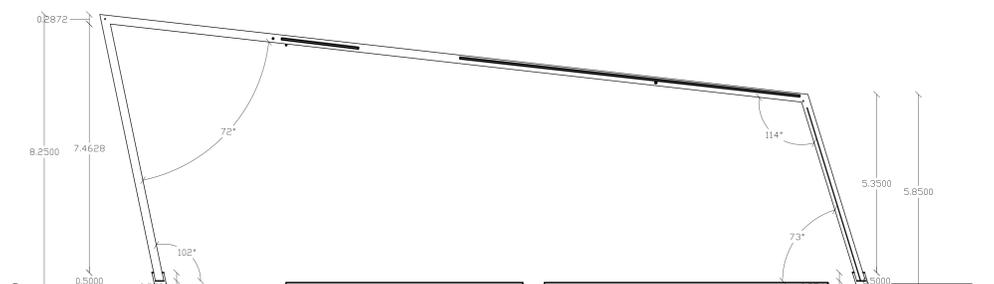
Corte seção 17 coberta
Escala 1/75



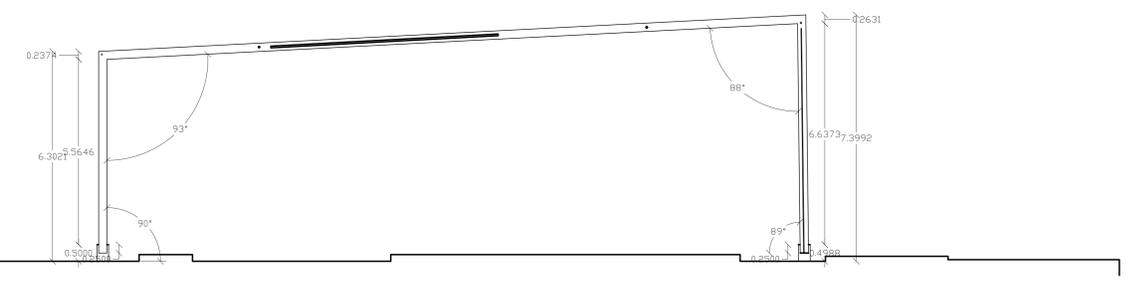
Corte seção 13 coberta
Escala 1/75



Corte seção 18 coberta
Escala 1/75



Corte seção 14 coberta
Escala 1/75



Corte seção 19 coberta
Escala 1/75

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
Diana Helena Ramos

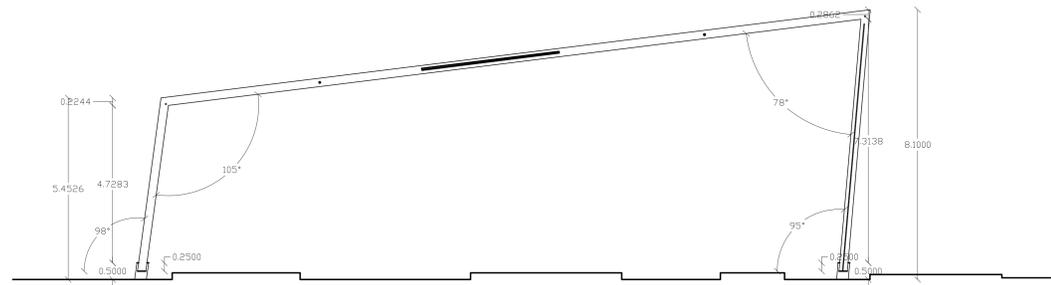
PROJETO:
Anteprojeto de residência artística com hostel
Brasilarte em Maceió - Alagoas

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

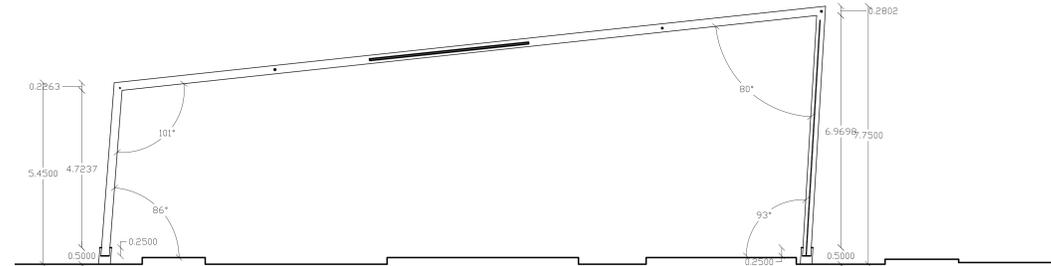
CONTEÚDO DA FRENCHA:
Cortes - Detalhamentos

DATA:
13/06/2022
ESCALA:
1/75

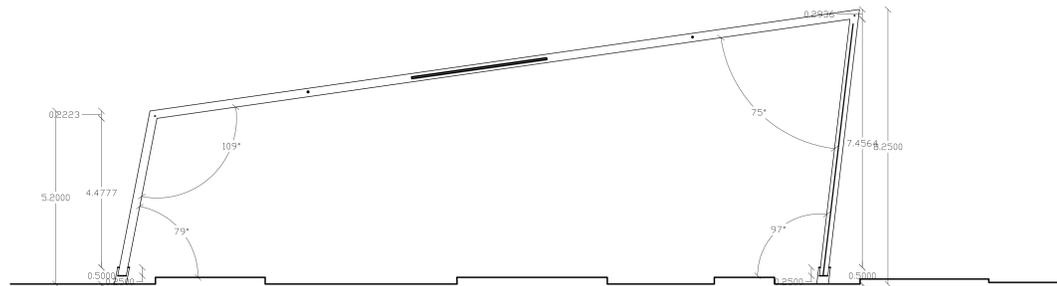
PÁGINA:
11/15



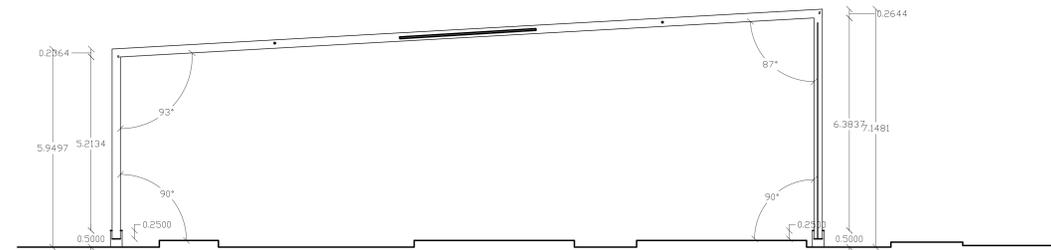
Corte seção 21 coberto
Escala 1/75



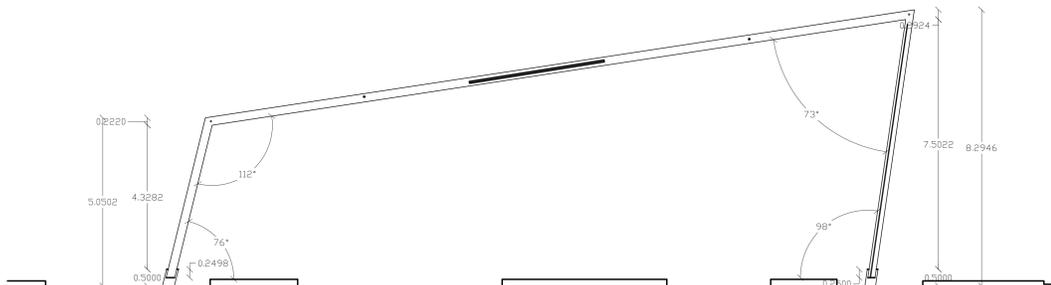
Corte seção 26 coberto
Escala 1/75



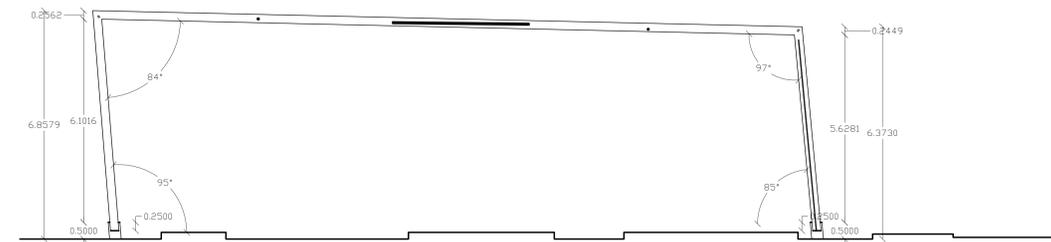
Corte seção 22 coberto
Escala 1/75



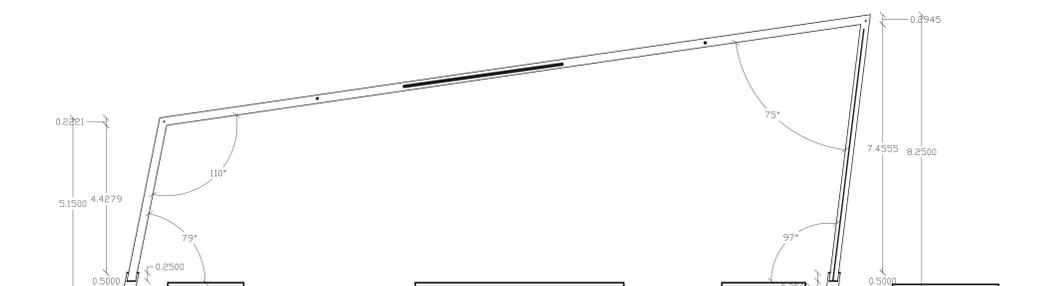
Corte seção 27 coberto
Escala 1/75



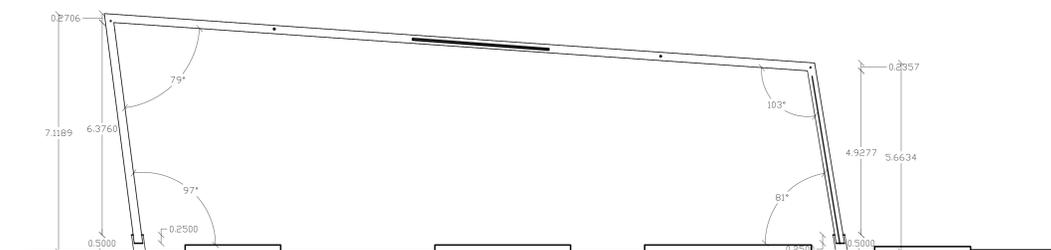
Corte seção 23 coberto
Escala 1/75



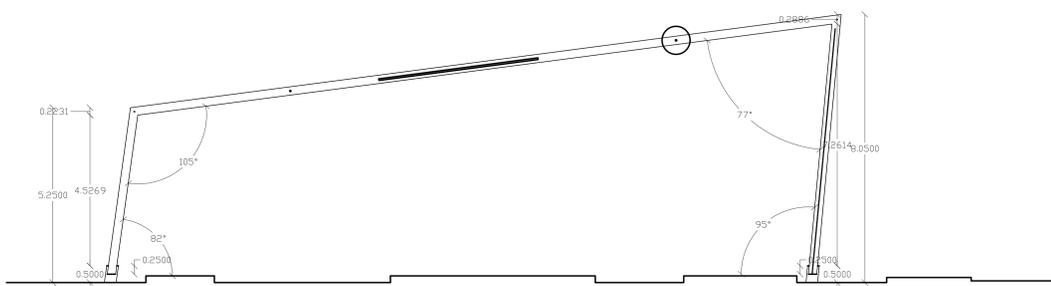
Corte seção 28 coberto
Escala 1/75



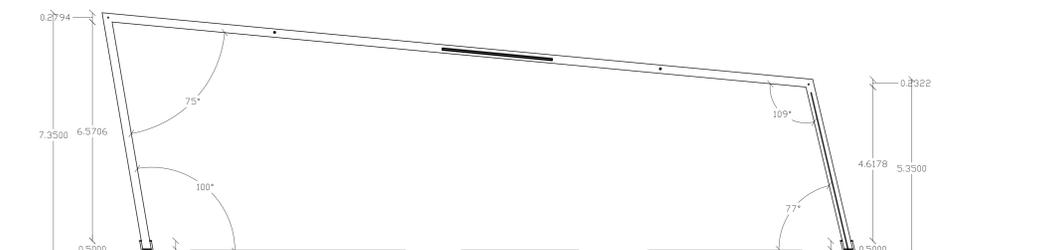
Corte seção 24 coberto
Escala 1/75



Corte seção 29 coberto
Escala 1/75



Corte seção 25 coberto
Escala 1/75



Corte seção 30 coberto
Escala 1/75

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA:
Diana Helena Ramos

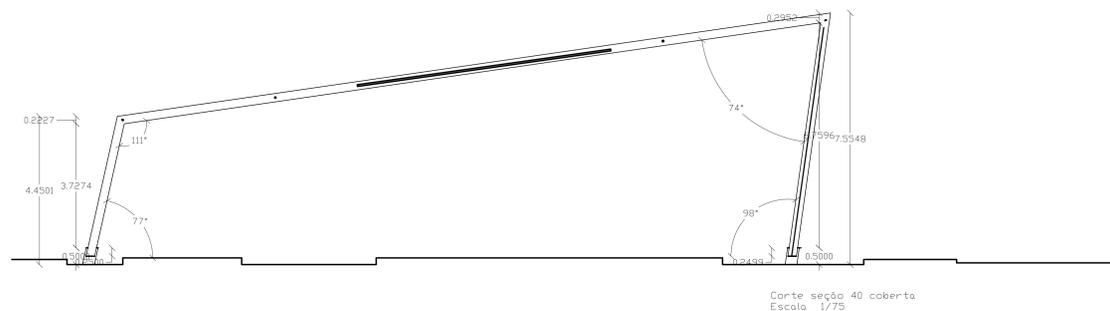
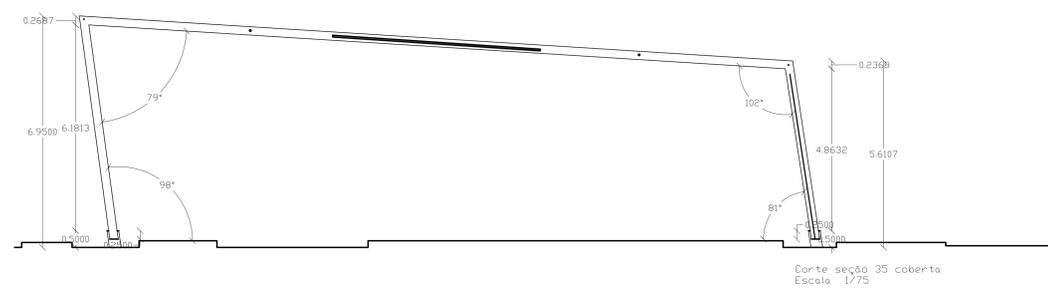
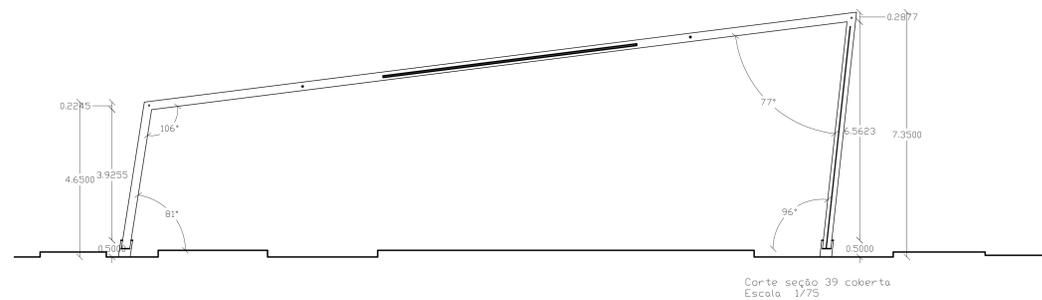
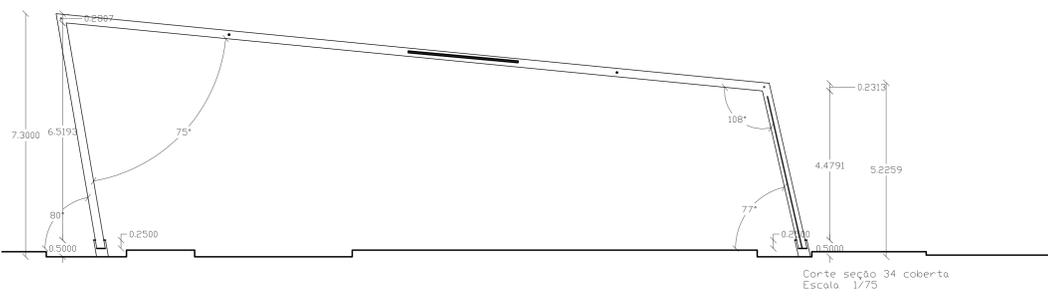
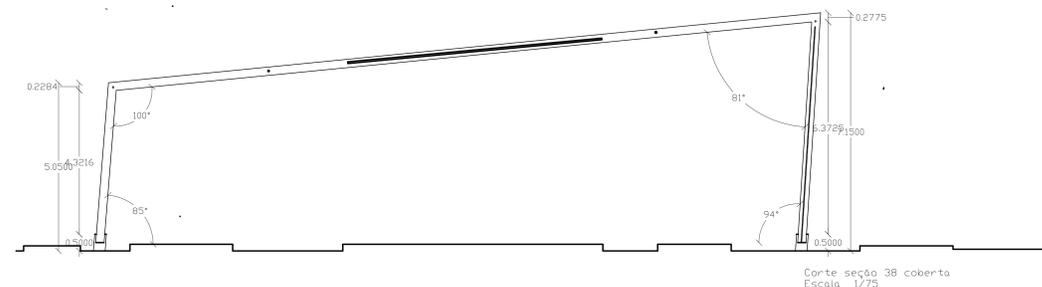
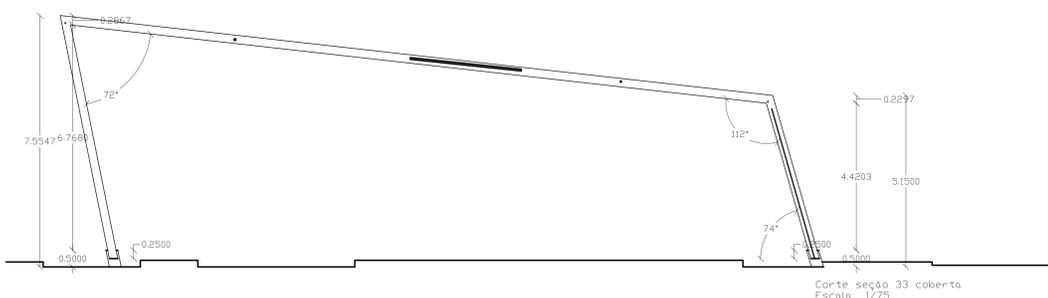
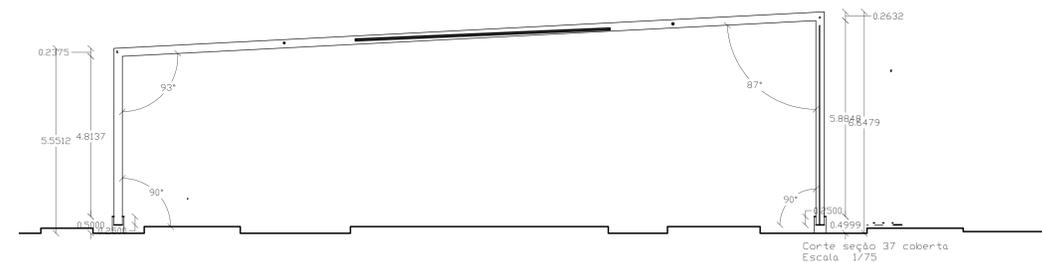
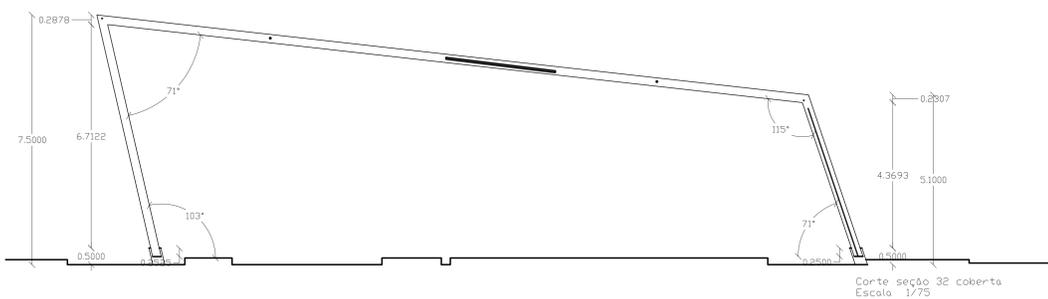
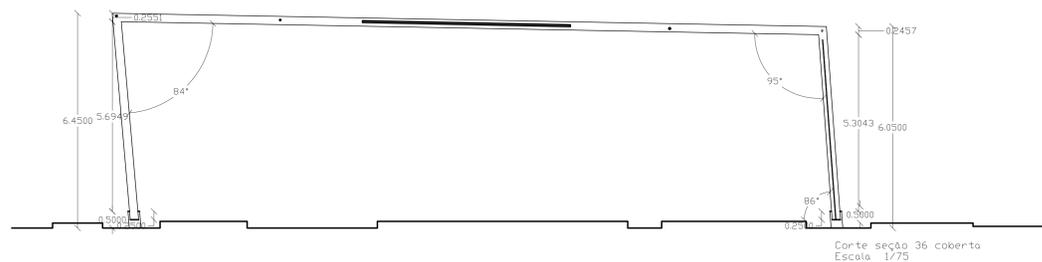
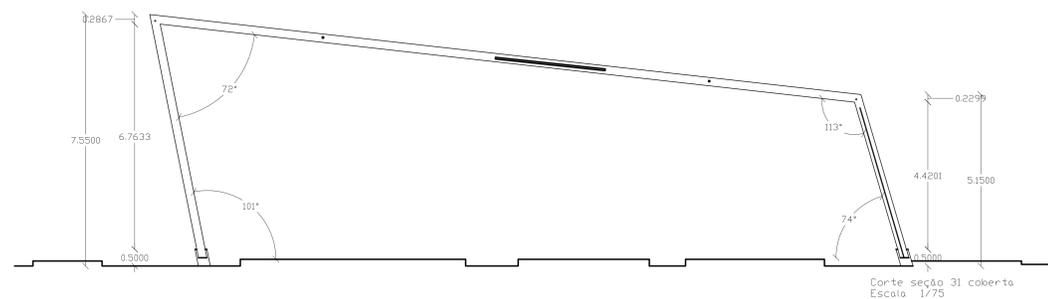
PROJETO:
**Anteprojeto de residencia artistica com hostel
Brasilidarte em Maceió - Alagoas**

ALUNA:
Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA PRANCHA:
Cortes - Detalhamentos

DATA:
13/06/2022
ESCALA:
1/75

PAGINA:
12/15

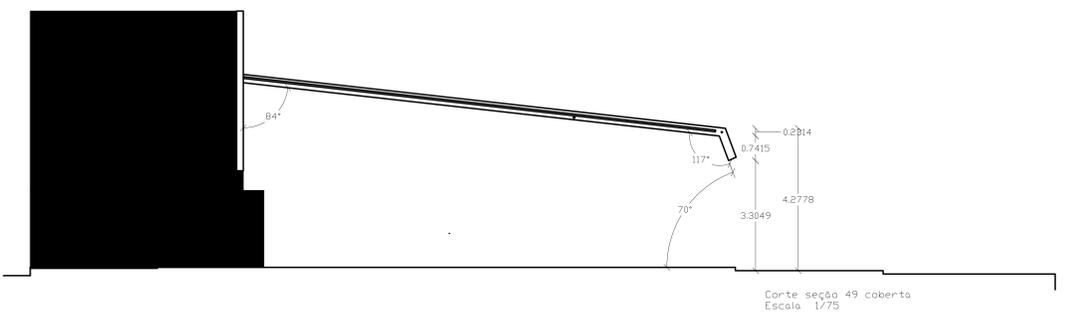
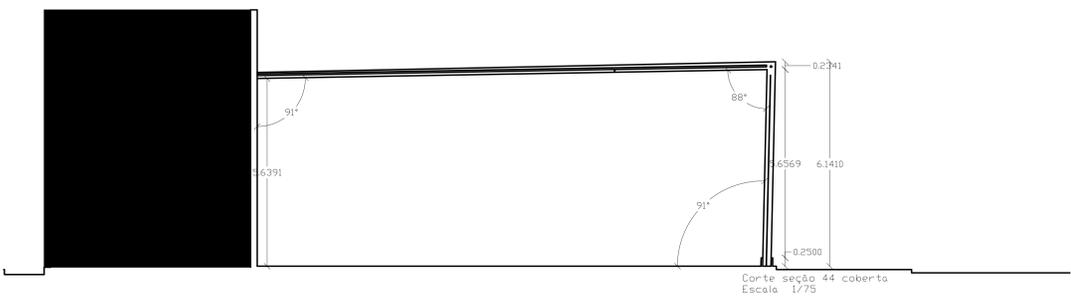
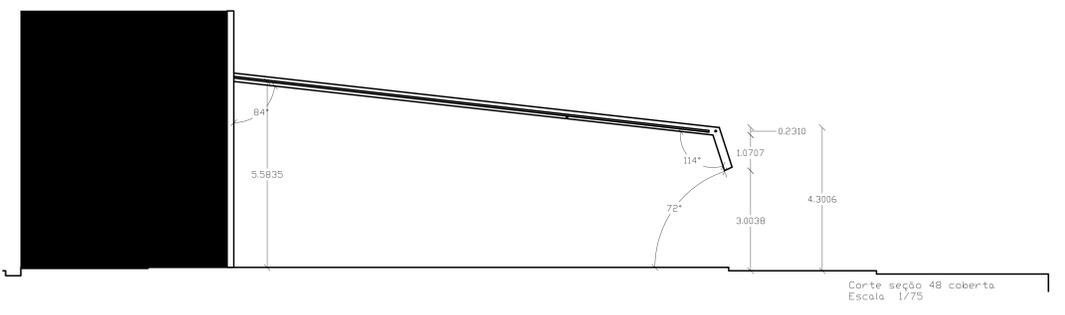
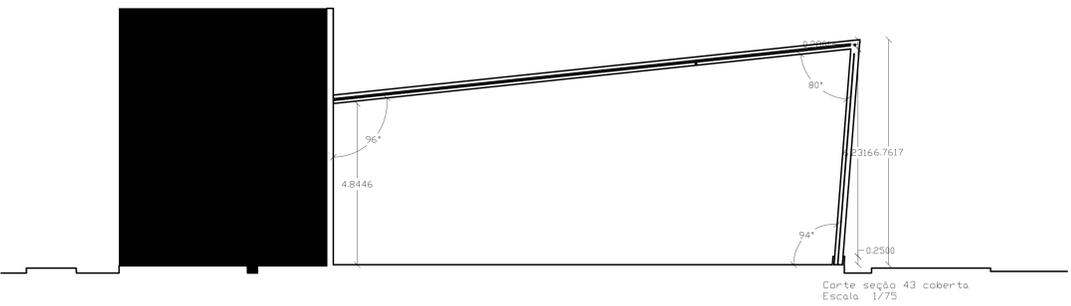
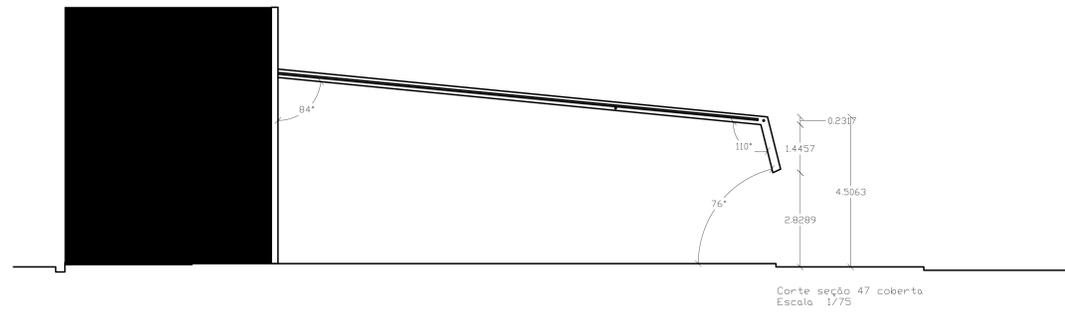
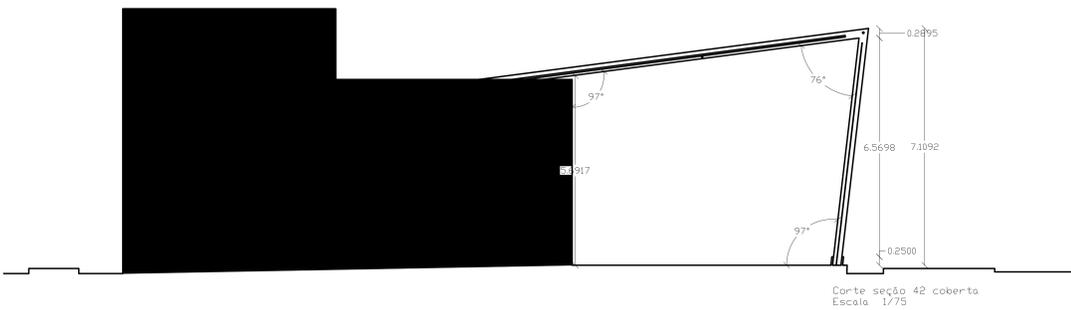
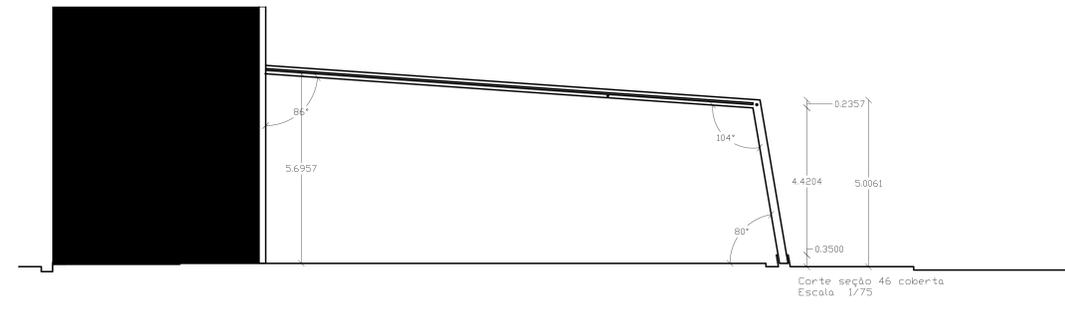
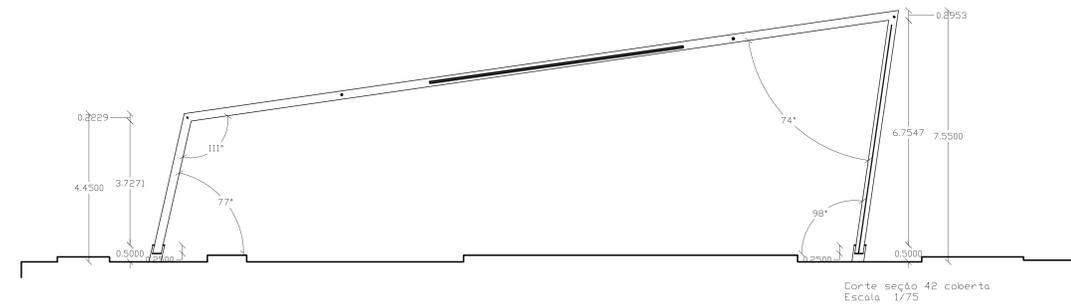
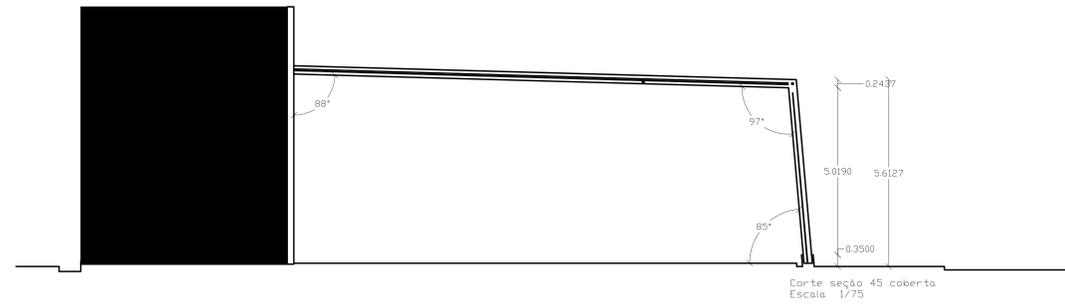
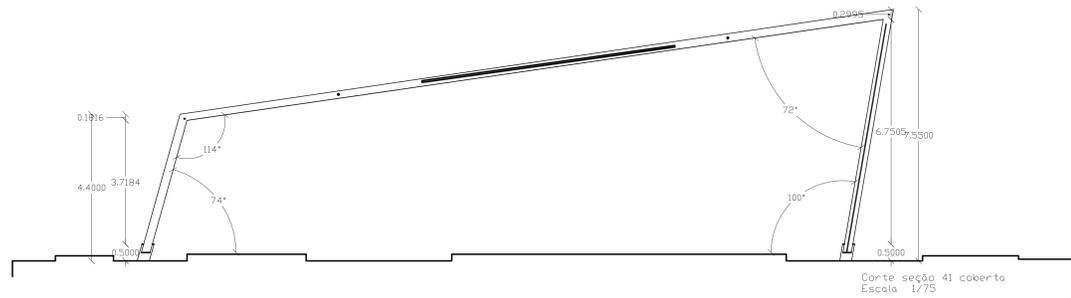


ALUNA: Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin
ORIENTADORA: Diana Helena Ramos
PROJETO: Anteprojeto de residência artística com hostel Brasilarte em Maceió - Alagoas
ALUNA: Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA PRANCHA: Cortes - Detalhamentos

DATA: 13/06/2022
ESCALA: 1/75

PAGINA: 13/15

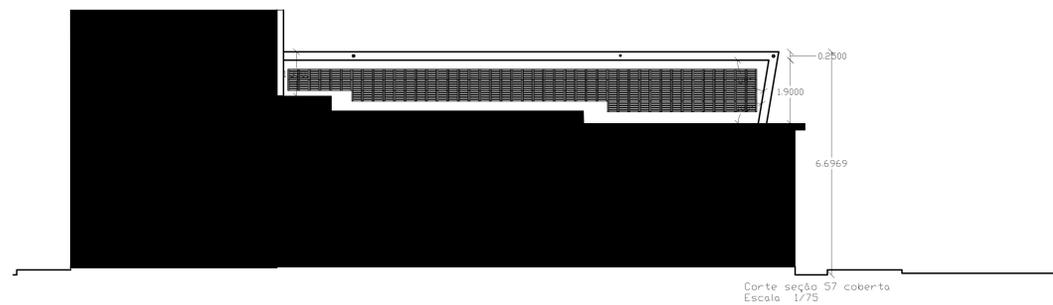
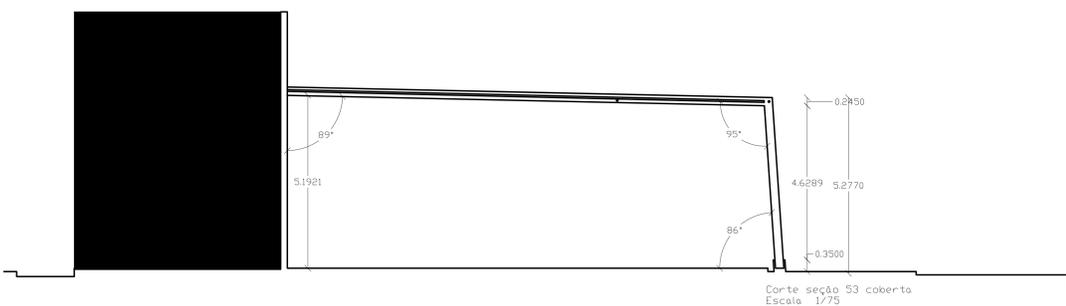
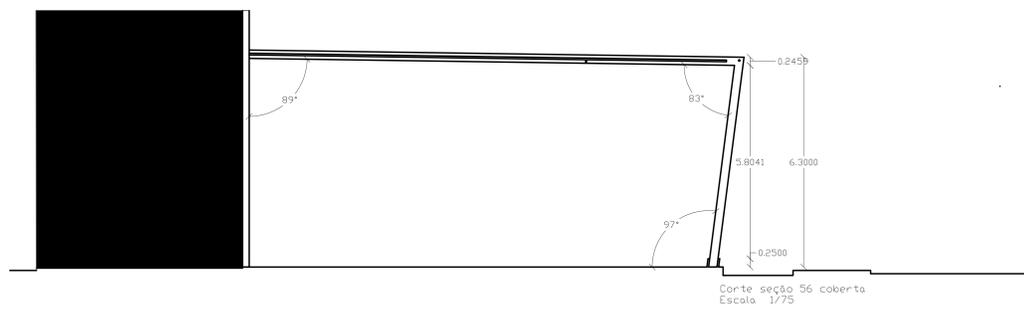
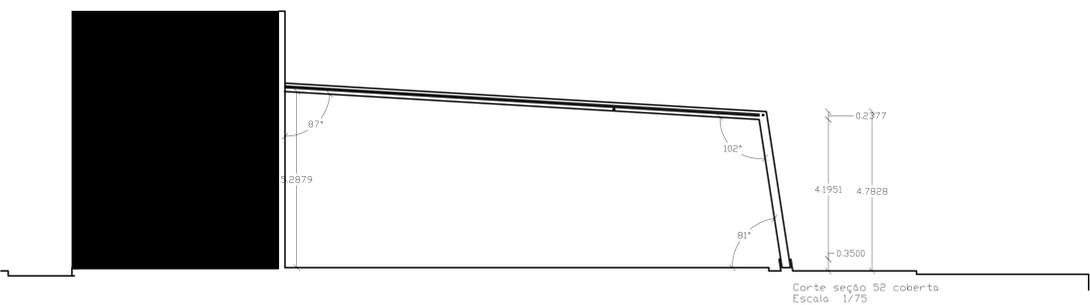
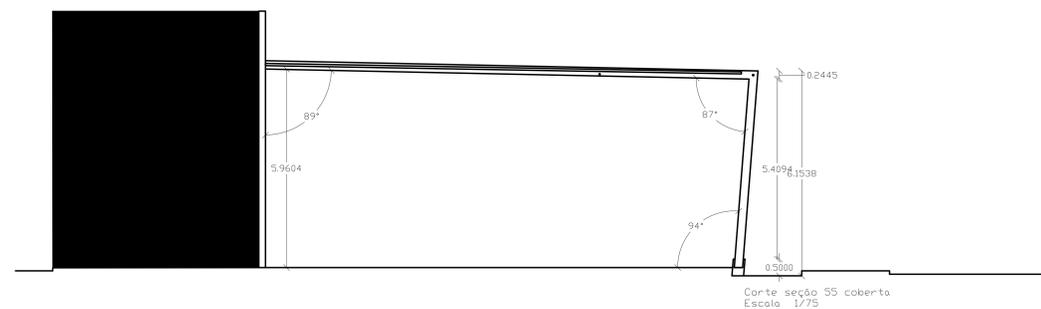
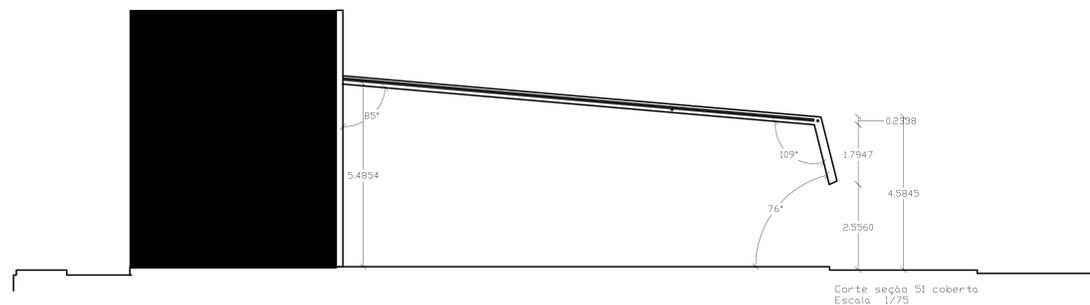
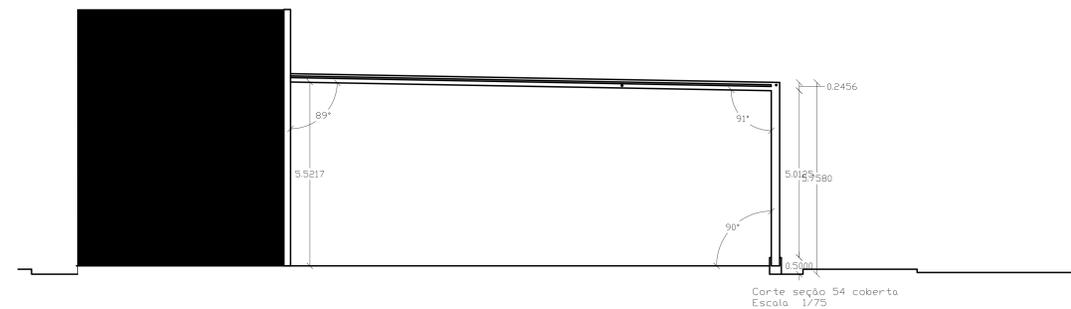
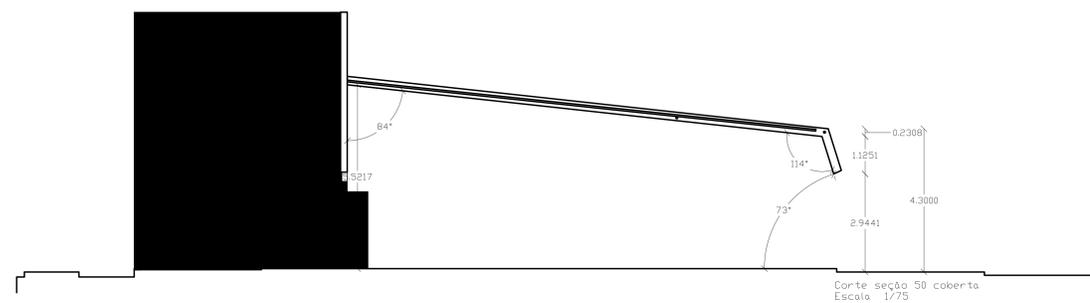


ALUNA: Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin
ORIENTADORA: Diana Helena Ramos
PROJETO: Anteprojeto de residência artística com hostel Brasilarte em Maceió - Alagoas
ALUNA: Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA PRANCHA: Cortes - Detalhamentos

DATA: 13/06/2022
ESCALA: 1/75

PAGINA: 14/15



ALUNA: Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

ORIENTADORA: Diana Helena Ramos

PROJETO: Anteprojeto de residencia artistica com hostel
Brasilarte em Maceió - Alagoas

ALUNA: Kathleen Dieux Fuzaro Bortolin

CONTEUDO DA PRANCHA: Cortes - Detalhamentos

DATA: 13/06/2022
ESCALA: 1/75

PAGINA: 15/15